



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

ANY CRISTINA FELIX

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL EM UMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM RIACHO DOCE - MACEIÓ/AL

MACEIÓ - AL

2024

ANY CRISTINA FELIX

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL EM UMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM RIACHO DOCE - MACEIÓ/AL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação na Linha de Pesquisa em Educação e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

MACEIÓ-AL

2024

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Maria Helena Mendes Lessa – CRB-4 – 1616

F316a Felix, Any Cristina.

Análise da variação lexical em uma turma de 5º ano do Ensino fundamental de uma escola pública em Riacho Doce - Maceió/AL / AnyCristina Felix. – 2024.
152 f. : il.

Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 135-139.
Apêndices: f. 140-151.
Anexos: f. 152.

1. Língua materna – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Lexicografia.
3. Sociolinguística. 4. Ensino fundamental. I. Título.

CDU: 372.881(813.5)



Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL EM UMA TURMA DE 5º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA EM RIACHO DOCE - MACEIÓ/AL

Any Cristina Felix

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 20 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAVALCANTE
Data: 23/02/2024 10:51:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, Universidade Federal de Alagoas
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br YANA LISS SOARES GOMES
Data: 22/02/2024 18:34:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes, Universidade Federal de Alagoas
Avaliadora Interna

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE HERBERTT NEVES FLORENCIO
Data: 21/02/2024 12:57:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jose Herbertt Neves Florencio, Universidade Federal de Pernambuco Avaliador
Externo à Instituição

Dedico este trabalho aos meus pais Aparecida e Manoel em agradecimento ao terno amor e ao incentivo em meus estudos. Aos meus irmãos Ana Clara e Júnior e a minha sobrinha Isabella pelo amor e apoio. Ao meu filho Théo Niweto por ser o meu coração pulsante de amor, alegria e força todos os dias. À querida Stheffanny Antão pela inefável amizade, à professora Maria Auxiliadora por todo conhecimento compartilhado para a docência e para a vida e ao professor Silvio Ancisar Sanchez Gamboa (in memoriam) pela contribuição significativa em minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Pai Eterno, agradeço o Teu amor e providência. Sei que o Senhor sempre faz infinitamente mais do que peço, penso e sonho. Obrigada de todo meu coração por ser um Pai amoroso, detalhista e providente em cada etapa desta dissertação, bem como de toda minha vida. Querida Virgem Maria e meu anjo da guarda, que batalha até aqui, não foi? Agradeço vossas intercessões e cuidado na escrita deste trabalho e em tantos outros momentos da vida.

Gratidão aos meus pais, Aparecida e Manoel, mainha e painho (em bom nordestinês!). Gratidão que ultrapassa meu entendimento e a minha memória afetiva daqueles dias de chuva, sem energia elétrica em que pós jornada de trabalho iam comprar meus materiais escolares enquanto eu pedia a Deus que lhes protegesse e lhes trouxesse para casa em paz e segurança. Nesta mesma linha do tempo, gratidão pelo suporte e acolhimento durante a graduação e mestrado. Essa conquista é para vocês, meus dois mestres da vida, com todo meu amor.

Aos meus irmãos Júnior e Ana Clara e a minha sobrinha Isabella, meu mais sincero “OBG” (obrigada!). Vocês foram (e são) um respiro na minha trajetória estudante – professora – estudante (rsrs). Obrigada por todo cuidado, sobretudo nos períodos de maior sobrecarga acadêmica, e sim podemos comemorar com um lanche “cada conquista da faculdade da irmã”!

Gratidão à razão do meu sorriso, do pulsar do meu coração, do eu te amo mais lindo e precioso, meu filho Théo Niweto. Filho, a aprovação da mamãe para cursar o mestrado chegou no dia do seu aniversário de 1 ano, isto foi um presente do Pai Eterno para nós dois, um sinal do céu! Obrigada por partilhar a trajetória do “trabalho da UFAL da mamãe” (como você diz!) junto comigo, ser tua mãe é o meu maior título. Tudo por você, meu pequeno grande cientista! Obrigada por cada “mãe, você é a minha amô” na escrita desta dissertação com seus abraços apertados e super beijos. Cada palavra sua foi um estímulo para mim. Eu amo você, meu filho.

Gratidão à minha querida amiga Steffanny Antão. São incontáveis os momentos que já compartilhamos, o tanto que já vivemos sendo presença do Pai Eterno uma na vida da outra e ao longo da jornada do mestrado não foi diferente, portanto, a conquista desse mestrado também é tua, amiga. Obrigada por ser instrumento da graça de Deus para mim.

E se eu dissesse mil vezes obrigada ainda seria pouco perto da orientação, compartilhamento de conhecimento acadêmico e da vida, consideração, empatia, incentivo, alegria e boas risadas da minha querida orientadora Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante ou “prof”. Prof, obrigada por acreditar em mim desde o início da graduação. Muito obrigada por vencer comigo, nunca irei esquecer que “o conhecimento ninguém tira de você, estude, você vai longe [...]”.

Não poderia deixar de agradecer ao querido professor Silvio Ancisar Sanchez Gamboa (in memoriam), pela contribuição em minha trajetória acadêmica na graduação em Pedagogia e na primeira disciplina do mestrado sempre muito paciente e gentil em suas orientações.

Minha gratidão ao professor Herbertt Neves e à professora Yana Liss Soares pela gentileza acadêmica e leitura cuidada do meu trabalho. Ao professor Herbertt obrigada pelo apreço, consideração e o sorriso no rosto. À professora Yana Liss Soares obrigada pelo apreço, compartilhamento de conhecimento desde a graduação e significativas contribuições com minha formação.

Meus mais sinceros agradecimentos à banca de defesa desta dissertação pelas orientações e contribuição para que este trabalho seja uma produção de conhecimento de qualidade para o campo da educação.

Agradeço de forma especial à Fundação do Amparo à Pesquisa de Alagoas – FAPEAL, pela concessão de bolsa de incentivo que foi fundamental para desenvolvimento da pesquisa e para a construção deste trabalho. Agradeço também à Universidade Federal de Alagoas - UFAL que foi a “virada de chave” na minha vida e de modo particular ao Centro de Educação – CEDU por tantas e tantas descobertas, aprendizado e vivências significativas.

Gratidão à direção, às professoras, ao vigilante e aos alunos da escola pela disposição, colaboração e por todas as vivências incríveis durante a pesquisa na escola. Meu agradecimento a todos os moradores entrevistados que contribuíram de forma singular para o desenvolvimento da pesquisa no bairro. Obrigada, querido Riacho Doce.

Esta pesquisa foi realizada por meio de bolsa de incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas – FAPEAL.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar casos de variação lexical na fala e na escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Riacho Doce – Maceió/AL. A pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa, com consideração de aspectos quantitativos e cunho etnográfico com observações, desenvolvimento de atividades e entrevistas. A base teórica é fundamentada na Sociolinguística Variacionista, cunhada por William Labov, e na Sociolinguística Educacional, marcada pelos trabalhos da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo. Para situar o estado do conhecimento sobre a variação lexical e ensino foi realizado um mapeamento de estudos relacionados ao tema em uma base digital de teses e dissertações e no repositório institucional da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Em seguida, foram estruturados os aspectos sociolinguísticos, os aspectos metodológicos, as análises dos dados coletados em campo por meio de quadros/tabelas e a sistematização sobre as aproximações e os distanciamentos identificados entre o léxico das crianças nas vivências escolares e dos moradores entrevistados no seio da comunidade. Os resultados desta pesquisa evidenciam que na fala e na escrita dos estudantes existem diferentes casos de variação lexical que coexistem com maior ou menor frequência de uso, bem como que os alunos dominam as variantes coexistentes utilizando-as de acordo com os diferentes contextos de forma consciente para com suas escolhas linguísticas adequadas a diversas situações. As análises também evidenciam que para além da realização dessa forma de variação nas falas e nos registros escritos dos estudantes também ocorre variação em outros níveis concomitante ao lexical. Nesse sentido, os resultados demonstram que as escolhas lexicais das crianças no âmbito escolar são influenciadas por fatores sociais, históricos e culturais por meio do contato linguístico vivenciado no bairro que é repassado de geração em geração. Apontam ainda que essas escolhas lexicais também são influenciadas por fatores tecnológicos e pela internet, no sentido do aceleramento e avanço da tecnologia digital, da facilitação de acesso a aparelhos eletrônicos, aplicativos, plataformas digitais e jogos *on-line*. Em suma, para além dos fatores socio, históricos e culturais constatamos que a internet exerce um papel de destaque na influência da variação lexical nos falares dos alunos devido a sua expansão nas formas de comunicação em tempo real, produção/compartilhamento de diversos conteúdos e facilitação para a disseminação e coexistência de variantes lexicais e/em diversas situações comunicativas e de produções de sentidos.

Palavras-chave: Ensino da língua materna; Ensino do léxico; Sociolinguística; Variação lexical.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze cases of lexical variation in the speech and writing of 5th grade students at a public school in Riacho Doce - Maceió/AL. The research was carried out using a qualitative approach, taking into account quantitative aspects and an ethnographic approach with observations, activities and interviews. The theoretical basis is based on Variationist Sociolinguistics, coined by William Labov, and Educational Sociolinguistics, marked by the work of Professor Stella Maris Bortoni-Ricardo. In order to situate the state of knowledge on lexical variation and teaching, a mapping of studies related to the subject was carried out in a digital database of theses and dissertations and in the institutional repository of the Federal University of Alagoas - UFAL. Next, the sociolinguistic aspects, the methodological aspects, the analysis of the data collected in the field using charts/tables and the systematization of the approximations and distances identified between the lexicon of the children in their school experiences and that of the residents interviewed in the community were structured. The results of this research show that in the students' speech and writing there are different cases of lexical variation that coexist with greater or lesser frequency of use, as well as that the students master the coexisting variants using them according to the different contexts in a conscious way with their linguistic choices appropriate to different situations. The analysis also shows that in addition to this form of variation in the students' speeches and written records, there is also variation at other levels alongside lexical variation. In this sense, the results show that children's lexical choices at school are influenced by social, historical and cultural factors through the linguistic contact experienced in the neighborhood, which is passed down from generation to generation. They also point out that these lexical choices are also influenced by technological factors and the internet, in the sense of the acceleration and advancement of digital technology, easier access to electronic devices, applications, digital platforms and online games. In short, in addition to social, historical and cultural factors, we found that the Internet plays a major role in influencing lexical variation in students' speech due to its expansion in the forms of real-time communication, the production/sharing of diverse content and the facilitation of the dissemination and coexistence of lexical variants and/or in various communicative and meaning-making situations.

Keywords: Teaching the mother tongue; Teaching the lexicon; Sociolinguistics; Lexical variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Inseto comum ao bairro.....	105
Ilustração 2 – Narrativa escrita 01.....	112
Ilustração 3 – Narrativa escrita 02.....	113
Ilustração 4 – Narrativa escrita 03.....	114
Ilustração 5 – Narrativa escrita 04.....	115
Ilustração 6 – Narrativa escrita 05.....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisa na BDTD.....	18
Quadro 2 – Pesquisa no RIUFAL.....	23
Quadro 3 – Conceitos relacionados à variação linguística.....	39
Quadro 4 – Variação e níveis linguísticos.....	40
Quadro 5 – Fatores extralinguísticos.....	42
Quadro 6 – Tipos de variação.....	43
Quadro 7 – Princípios da Sociolinguística Educacional.....	57
Quadro 8 – Tarefa para o ensino da língua materna nos anos iniciais.....	57
Quadro 9 – Perguntas das entrevistas realizadas com os alunos.....	73
Quadro 10 – Perguntas das entrevistas realizadas com os moradores.....	76
Quadro 11 – Trechos de diálogos informais.....	81
Quadro 12 – Divisão dos grupos de alunos.....	86
Quadro 13 – Grupo 01: Brincadeira Palavras na sacola.....	86
Quadro 14 – Grupo 02: Brincadeira Palavras na sacola.....	88
Quadro 15 – Grupo 03: Brincadeira Palavras na sacola.....	90
Quadro 16 – Grupo 04: Brincadeira Palavras na sacola.....	92
Quadro 17 – Dicionário regional.....	94
Quadro 18 – Variantes lexicais concorrentes e expressões usuais.....	95
Quadro 19 – Narrativas Oraís/Alunos.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palavras e significados/alunos.....	102
Tabela 2 – Locais/Pessoas de aprendizagem/alunos.....	104
Tabela 3 – Inseto comum ao bairro: variante predominante/alunos.....	105
Tabela 3.1 – Inseto comum ao bairro: demais variantes/alunos.....	106
Tabela 4 – Variação de expressões/alunos.....	107
Tabela 5 – Palavras/Expressões mais comuns ouvidas pelos alunos.....	108
Tabela 6 – Palavras/Expressões conhecidas por meio das tecnologias/alunos.....	110
Tabela 7 – Apresentação dos moradores entrevistados.....	122
Tabela 8 – Palavras/Expressões conhecidas pelos moradores.....	123
Tabela 9 – Inseto comum ao bairro: variante predominante/moradores.....	124
Tabela 9.1 – Inseto comum ao bairro: demais variantes/moradores.....	124
Tabela 10 – Variação de expressões/moradores.....	125
Tabela 11 – Palavras/Expressões mais comuns ouvidas pelos moradores.....	126
Tabela 12 – Palavras/Expressões conhecidas por meio das tecnologias/moradores.....	127

LISTA DE SIGLAS

A.C SIMÕES	Aristóteles Calazans Simões
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AL	Alagoas
AliB	Atlas Linguístico do Brasil
BC	Biblioteca Central
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEDU	Centro de Educação
CESMAC	Centro Universitário Cesmac
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EEAV	Escola Estadual Antônio Vasco
FALE	Faculdade de Letras
FAPEAL	Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JHC	João Henrique Caldas
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
M01	Matutino Turma 01
M02	Matutino Turma 02
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
RIUFAL	Repositório Institucional da Ufal

SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRANSPAL	Associação dos Transportadores de Passageiros do Estado de Alagoas
TV	Televisão
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MAPEAMENTO DE ESTUDOS RELACIONADOS	17
3 SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E LÉXICO	25
3.1 Reflexões sobre a língua em direção à variação	25
3.1.1 O surgimento da Sociolinguística.....	27
3.1.1.1 A Sociolinguística Variacionista.....	30
3.2 Fenômeno variação linguística	37
3.1.2 Léxico e variação.....	46
3.1.1.2 Variação Lexical.....	51
3.3 Variação no ensino	54
3.1.3 Sociolinguística Educacional.....	56
3.1.1.3 Ensino do léxico.....	58
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	61
4.1 Caracterização da pesquisa	61
4.2 Caracterização do campo de investigação	63
4.1.2 A escola campo de pesquisa.....	63
4.1.1.2 Caracterização da turma e das professoras.....	64
4.1.1.1.2 A escola e a relação com a comunidade: caracterização do bairro.....	66
4.3 Percurso metodológico	69
4.4 Instrumentos de pesquisa e descrição das atividades	70
4.1.4 Instrumentos de pesquisa.....	71
4.1.1.4 Contato com os alunos: descrição das atividades.....	72
4.1.1.1.4 Contato com os moradores: realização das entrevistas.....	76
5 ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO	80
5.1 Realização da variação lexical na turma	80
5.2 Percepções e consciência sobre a variação lexical	85
5.3 Brincadeira Palavras na Sacola	85
5.4 Produção de Dicionário Regional	94
5.5 Entrevistas com os alunos	101
5.6 Narrativas Escritas dos alunos	111
5.7 Narrativas Oraís dos alunos	117
5.8 Fatores sociais: entrevistas semiestruturadas com os moradores	120
5.9 Léxico dos estudantes e dos moradores: aproximações e distanciamentos	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICES	140
ANEXOS	152

1 INTRODUÇÃO

O cotidiano social é um amplo campo de variações do léxico. A todo momento pessoas estão se comunicando e construindo novas e/ou diferentes formas de dizer a mesma coisa. Situa-se, então, a discussão da variação lexical como um tema pertinente e atual no sentido que as variações são formas linguísticas reais utilizadas no dia a dia e que convivem com as formas gramaticais ensinadas na escola. Esta por sua vez, é o campo de pesquisa de grande interesse nosso, pois é no cotidiano escolar que se materializa a interface entre uso real da língua e o ensino da língua materna de acordo com as regras gramaticais dispostas nos livros didáticos dentro do processo de formação humana que é a educação.

Pela reflexão sobre os usos reais da língua em relação as regras gramaticais que são de modo geral ensinadas na escola nos deparamos com o preconceito linguístico. O autor Marcos Bagno, na obra “Preconceito Linguístico o que é, como se faz” (2006a) apresenta oito mitos sobre este fenômeno e nos esclarece que existe uma espécie de alimentação diária de manifestações preconceituosas por meio de veículos de comunicação em massa como televisão, rádio, jornais e aqui acrescentamos, diante da contemporaneidade em que foi construído este trabalho, a internet por meio de redes sociais em aplicativos, plataformas de diversos segmentos, lives, jogos *on-line* e produções dos mais diversos tipos de entretenimentos virtuais etc.

Estamos diante de um fenômeno negativo amplamente propagado e revelador de facetas do preconceito social estrutural que exclui e marginaliza pessoas. Nos cabe enquanto cientistas da educação e pesquisadores da língua materna produzir conhecimento que colabore com a desmistificação do preconceito linguístico, respeite e valorize às pessoas e seus diferentes jeitos de falar, bem como instrumentalize os indivíduos com conhecimento para que possam vivenciar suas experiências linguísticas a partir de escolhas conscientes de acordo com suas intenções comunicativas. É nesta perspectiva que se insere este estudo.

Sabido que é de nosso interesse a pesquisa sobre a variação lexical e ensino, é fundamental pontuar que nosso trabalho está engajado em colaborar com a desmistificação do preconceito linguístico enquanto um fenômeno com grande ocorrência na contemporaneidade. Nesta direção, o presente trabalho justifica-se como uma sistematização de conhecimento sobre a variação linguística afunilando-se para a variação lexical e como um instrumento de

reconhecimento dos diversos falares e de preterição às manifestações de preconceito linguístico.

Tal interesse foi se construindo ao longo de nossas experiências sobre a linguagem no campo da educação, com base em alguns estudos sobre a língua materna ao longo da graduação em Pedagogia. A primeira delas foi a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID¹, com o desenvolvimento do projeto “Alfabetizando com a cultura de Alagoas”. Nesta oportunidade, foi possível trabalhar com a ampliação do conhecimento linguístico de alunos do 5º ano sobre diferentes práticas de linguagem a partir do contato com a diversidade da cultura alagoana, a fim de promover a reflexão e o interesse dos alunos por suas raízes culturais, bem como noções/estratégias de leitura/escrita e diferentes usos da língua de acordo com a variação linguística local. Esta experiência apresenta relação com a pesquisa sobre a variação lexical no sentido que considera a variação linguística como ponto de reflexão, análise e aprendizagem sobre a língua materna considerando a cultura e a diversidade linguística cotidiana.

Outra experiência significativa que corroborou com o interesse para a pesquisa sobre a variação lexical foi a participação junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC² com desenvolvimento de plano de atividades e produção do relatório final “Análise dos adjetivos, a partir das atividades gramaticais em livros didáticos de português de 4º e 5º ano, utilizados em escolas públicas de Maceió”. Nesta experiência, o interesse pelo estudo do léxico foi reafirmado ao longo das percepções das diferentes produções de sentidos dos adjetivos em relação a posição do substantivo e/ou as diversas possibilidades de produção de sentido que são muito mais amplas que as propostas trazidas nos livros didáticos. Dessa forma, ao refletir que o léxico também é amplo e que a variação lexical também envolve produções de sentidos a depender das situações reais dos usos linguísticos, pontuamos relação entre os adjetivos e variação lexical considerando que os adjetivos também assumem formas variantes para (se dizer) uma mesma coisa de acordo com as intenções comunicativas do falante. A experiência no PIBIC, para além da produção do referido relatório, resultou na produção do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, intitulado “Abordagem de adjetivos em livro

¹ Participação no PIBID – 2018/2020.

² Participação no PIBIC – 2020/2021.

didático do 4º ano do Ensino Fundamental I³” consolidando o interesse de pesquisa na área de Educação e Linguagem.

Após a finalização da participação no PIBIC, outra experiência que foi bastante significativa para a impulsionar o interesse pela investigação científica sobre a variação lexical, bem como incentivar a ideia de cursar o mestrado foi a participação na disciplina “Seminário temático: gramática e variação linguística” como aluna especial de mestrado. Esta vivência foi fundamental para corroborar com o interesse dos estudos sobre a língua materna de modo geral e, principalmente, no que corresponde a variação. O curso desta disciplina foi tão significativo que promoveu a produção do poema “Rabiscos sobre a variação da língua” apresentado em seminário para a turma cursante da disciplina e disponibilizado para professores da educação básica trabalharem com os alunos sobre a temática. A partir destas experiências foi ampliado o interesse para pesquisar sobre a língua materna, principalmente no âmbito da variação linguística com especial interesse pelos aspectos lexicais.

Este estudo dentro do campo da variação linguística é voltado para as reflexões sobre o léxico e perpassa considerações sobre língua, variação, cultura, preconceito linguístico, respeito às diferenças e ao trabalho pedagógico na sala de aula. A partir da consideração que a variação é parte constituinte da língua materna, que se dá por meio de processo natural no decorrer dos usos linguísticos e que a escola é um espaço de múltiplas interações verbais, estudos dessa natureza não são finitos e nem esgotáveis, há sempre o que se pesquisar, pois a língua está em constante movimento e a escola enquanto um equipamento social está no centro das mudanças sociais que também influenciam os diferentes usos linguísticos.

Embora ainda ocorram muitos casos de manifestação de preconceito linguístico, estudos no campo da variação vêm sendo desenvolvidos, sobretudo com apoio teórico da Sociolinguística Variacionista que tem como precursor William Labov. No Brasil, se tratando da Sociolinguística Educacional, Bortoni-Ricardo apresenta diversos trabalhos⁴ voltados para a reflexão sobre variação no seio da sala de aula. Outro importante autor que muito tem colaborado com as reflexões sobre os diversos usos da língua, como o caráter de diferenças

³ Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 04/03/2022.

⁴ Alguns desses trabalhos foram utilizados nesta dissertação, por exemplo: Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula e Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula.

linguísticas e descarte da ideia de erro é Marcos Bagno. Esse autor apresenta obras ricas⁵ em detalhes sobre a Sociolinguística e sobre a variação com uma linguagem clara e até certo ponto divertida a fim de provocar no leitor a sensação de pertencimento e valorização da sua língua materna.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar casos de variação lexical na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública alagoana. Tem como objetivos específicos: observar como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano, desenvolver atividades voltadas para o estudo da variação lexical cotidiana junto com os alunos e sistematizar quais fatores contribuem para a realização dos casos de variação lexical identificados na fala e escrita dos estudantes.

Neste sentido, partimos dos seguintes questionamentos para nortear nossa investigação: como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano? Como despertar a consciência dos alunos sobre a variação lexical? Que fatores justificam a realização dos casos de variação lexical identificados?

Com o intuito de responder a esses questionamentos, esta dissertação se apoia teoricamente na Sociolinguística Variacionista e na Sociolinguística Educacional, com a intenção de sistematizar conhecimento sobre variação e ensino. Para tanto, a pesquisa será desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, bem como com a consideração de dados quantitativos e cunho etnográfico, pois a coleta de dados ocorrerá no primeiro momento no seio da sala de aula com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e em um segundo momento com moradores dos arredores da escola campo de pesquisa.

Esta dissertação está estruturada em seis seções das quais a primeira é a presente introdução, a segunda seção apresenta um mapeamento de estudos relacionados com a variação lexical, a terceira discorre sobre os aspectos sociolinguísticos que dão alicerce teórico para as discussões feitas posteriormente, a quarta seção se atém a descrição dos aspectos metodológicos, a quinta seção apresenta as análises dos dados coletados na pesquisa de campo no âmbito da escola e no bairro e por fim a sexta seção tece as considerações finais.

⁵ Algumas dessas obras são citadas ao longo desta dissertação, por exemplo: *A língua de Eulália* e *Na língua nada é por acaso*.

O mapeamento apresentado na segunda seção, busca situar o estado do conhecimento acerca da variação lexical e ensino no âmbito de produções acadêmicas. Nesse sentido, buscamos pesquisas a nível de mestrado e doutorado realizadas nos últimos 5 anos (2019-2023), no Brasil, com atendimento às palavras-chave: ensino fundamental, ensino do léxico e variação lexical. Para tanto, num primeiro momento o mapeamento foi realizado na Base Digital de Teses e Dissertações – BDTD e identificou cinco dissertações relacionadas: uma produzida na Universidade de Brasília – UnB (2020), duas produzidas na Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2019; 2020), uma produzida na Universidade Estadual Paulista – UNESP (2021) e uma produzida na Universidade Federal de Sergipe – UFS (2020). Em seguida o mapeamento foi realizado no Repositório da Universidade Federal de Alagoas – RIUFAL e identificou uma dissertação relacionada produzida em 2020.

A terceira seção discorre sobre a Sociolinguística, sobre a variação e sobre o léxico para dar fundamentação teórica às discussões ao longo de todo o trabalho. A seção inicia apresentando reflexões sobre a língua em direção à variação, em seguida trata a respeito do surgimento da Sociolinguística e da Sociolinguística Variacionista cunhada por William Labov, discorre sobre o fenômeno da variação linguística, sobre o léxico e a variação, bem como sobre a variação no ensino perpassando a Sociolinguística Educacional marcada pelos esforços da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo e por fim aborda o ensino do léxico com considerações acerca do uso do dicionário em sala de aula.

A quarta seção apresenta os aspectos metodológicos com caracterização da pesquisa e informação sobre a abordagem qualitativa, de cunho etnográfico e consideração sobre aspectos quantitativos. Em seguida apresenta a caracterização do campo de pesquisa, a escola, caracterização da turma e das professoras, bem como caracterização do bairro. Adiante, a seção apresenta um panorama ilustrativo do percurso de início da pesquisa, desde a seleção para entrada no mestrado, aprovação do projeto, submissão ao comitê de ética e aprovação, bem como contato com a escola e início das atividades no campo de pesquisa, por fim, a seção discorre sobre os instrumentos de pesquisa e apresenta a descrição das atividades.

A quinta seção diz respeito às análises dos dados coletados na pesquisa de campo sistematizados por meio de quadros e tabelas. Apresenta percepções das realizações lexicais dos alunos por meio das observações feitas na turma trazendo alguns trechos de diálogos informais. Em seguida analisa os dados coletados por meio do desenvolvimento de atividades

voltadas para a percepção e consciência dos alunos sobre a variação lexical, a saber: Brincadeira Palavras na Sacola, Produção de Dicionário Regional, Entrevistas com os alunos, Narrativas Escritas e Narrativas Orais. Deste modo, apresenta também os dados coletados nas entrevistas com os moradores a fim de sistematizar fatores sociais/históricos/culturais que porventura contribuem com os casos de variação lexical identificados nos falares da turma de alunos. Por fim, a seção apresenta sistematização sobre as aproximações e os distanciamentos identificados entre o léxico dos estudantes nas vivências escolares e dos moradores entrevistados no seio da comunidade.

Na última seção, que corresponde às considerações finais são retomados os objetivos de pesquisa e apresentados os resultados que respondem aos questionamentos da nossa investigação de acordo com a fundamentação teórica apresentada. Em suma, aponta para possibilidades de futuras pesquisas no campo da variação linguística a fim de provocar inquietações científicas e incentivar aos leitores a prática da pesquisa, produção e ampliação de conhecimento sobre a língua materna e variação.

2 MAPEAMENTO DE ESTUDOS RELACIONADOS

Para início de conversa, a fim de situar o estado do conhecimento sobre a variação lexical e ensino no âmbito de produções acadêmicas realizamos um mapeamento de pesquisas que se relacionam com a variação lexical a partir da publicação de dissertações e teses. Num primeiro momento, o mapeamento se refere às publicações em nível nacional e num segundo momento se refere às produções acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Segundo Ferreira (2002), as pesquisas que são chamadas estado da arte ou estado do conhecimento têm caráter bibliográfico, são realizadas por meio de mapeamento de produções acadêmicas com metodologia descritiva sobre o tema investigado. Nesse mesmo sentido, Romanowski e Ens (2006), discorrem que “embora recentes, os estudos de ‘estado da arte’ que objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento já se tornaram imprescindíveis para apreender a amplitude do que vem sendo produzido” (Romanowski; Ens, 2006, p.39).

Para tanto, esclarecemos que nossa pesquisa não se trata de um estado da arte, mas que nesse primeiro momento apresentamos um panorama geral de estudos relacionados com nossa temática para situar o leitor sobre os possíveis diálogos entre as pesquisas que se ocupam da variação lexical realizadas por pesquisadores (as) brasileiros (as).

Para constituir o estado do conhecimento desta dissertação optamos por realizar, a priori, pesquisas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, visto a abrangência de trabalhos disponibilizados por meio eletrônico, a saber até meados do segundo semestre de 2023: 616.981 dissertações e 225.974 teses oriundas de 136 instituições⁶. Posteriormente, realizamos pesquisas no Repositório Institucional da Ufal – RIUFAL⁷, que reúne publicações do campus A.C Simões – na capital Maceió e dos demais campus localizados em cidades do interior alagoano.

Nas pesquisas feitas na BDTD, aplicamos critérios de busca para refinar a pesquisa e permitir a identificação de trabalhos relacionados ao nosso objeto. Nesse sentido, buscamos pesquisas a nível de mestrado e doutorado realizadas nos últimos 5 anos (2019-2023), no Brasil,

⁶ Dados disponíveis em: <https://btdt.ibict.br/vufind/>

⁷ www.repositorio.ufal.br

com atendimento às palavras-chave: Ensino Fundamental; Ensino do léxico; Variação lexical, até a quinta posição de relevância de acordo com a BDTD.

Em busca avançada, a pesquisa retornou 09 trabalhos, dos quais destacamos os cinco mais relevantes conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Pesquisa na BDTD

Título	Autor	Instituição	Tipo	Defesa
Abordagem do léxico em livros didáticos de Língua Portuguesa: os anos finais do Ensino Fundamental	Camila da Silva Sarmento	Programa de Pós-graduação em Linguística - UnB	Dissertação	2019
Minivocabulário animado adolescente: uma proposta de ensino de léxico em sala de aula	Aniele Cristina Rodrigues	Programa de Pós-graduação em Letras - UFU	Dissertação	2019
Ampliação vocabular para as práticas sociais de alunos deficientes intelectuais	Mariana Silva Naves	Programa de Pós-graduação em Letras - UFU	Dissertação	2020
Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteira entre São Paulo e Minas Gerais	Victor Hugo Scanavachi	Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa - UNESP	Dissertação	2021

Variações terminológicas de enfermidades oculares no projeto atlas linguístico do Brasil: um estudo léxico-semântico dos dados sergipanos	Camila dos Santos Reis	Programa de Pós-graduação em Letras - UFS	Dissertação	2020
---	------------------------	---	-------------	------

Fonte: BDTD (2023)

O estudo “Abordagem do léxico em livros didáticos de Língua Portuguesa: os anos finais do Ensino Fundamental” é uma dissertação de mestrado defendida em 05 de agosto de 2019 por Camila da Silva Sarmento do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

O trabalho desenvolvido por Sarmento investigou o tratamento que é dado ao léxico nos livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD para os anos finais do Ensino Fundamental. Deste modo, a autora identificou atividades relacionadas ao estudo do vocabulário, investigou como essas atividades eram propostas aos alunos nestes livros e como os glossários colaboravam com o processo de aprendizagem de forma eficiente.

Sarmento dividiu sua pesquisa em dois momentos: a priori, realizou pesquisa quantitativa das atividades relacionadas ao estudo do léxico em duas coleções e então, em um segundo momento, verificou as atividades identificadas com respaldo em Ilari (2017), Antunes (2012) e Bagno (2007).

Focando mais precisamente nos glossários, a autora realizou análise qualitativa perpassando forma e conteúdo com principal respaldo teórico em Carvalho (2012). Para tanto, Sarmento apresentou considerações sobre como as atividades voltadas para o estudo do léxico estavam sendo ofertadas aos alunos, no sentido de verificação das estratégias de ensino em relação às informações dispostas nos glossários, relações semânticas e consideração da variação linguística no livro didático.

Por fim, a autora esclarece que seu trabalho se pautou na investigação da aprendizagem de conteúdos vocabulares dispostos nos livros didáticos mostrando a importância deste material para o ensino e ampliação de conhecimento sobre a língua materna, ampliação lexical e proficiência dos alunos na leitura, escrita e oralidade.

Defendida em 25 de fevereiro de 2019, por Aniele Cristina Rodrigues do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, a dissertação intitulada “Minivocabulário animado adolescente: uma proposta de ensino de léxico em sala de aula”, surgiu a partir das inquietações da autora em relação a percepção do privilégio de estudos gramaticais em comparação aos estudos sobre o léxico nos livros e materiais didáticos comumente utilizados em sala de aula. Segundo a autora, propostas de atividades que estimulem a reflexão lexical são superficiais e/ou insuficientes e podem levar os alunos a pensar que o léxico é um sistema fechado e sem perspectiva de diferentes reflexões.

Rodrigues argumenta que o léxico se molda as situações sociais pela capacidade de transformação que envolve diversos elementos linguísticos, bem como criação, ressignificação de palavras e direta relação com a variação linguística. Para tanto, a autora argumenta ainda que a variação linguística também é abordada de forma escassa nos livros didáticos.

Levantados tais pontos, Rodrigues discorre que objetivo principal foi desenvolver uma proposta de intervenção direcionada à ampliação do repertório semântico-lexical nas aulas de Língua Portuguesa, com foco nas variações diastrática e diafásica, com vistas à elaboração de um minivocabulário animado adolescente. Para tanto, a autora trabalhou com elaboração de oficinas sobre variação semântico-lexical e produção de vídeos para redes sociais por meio de pesquisa ação com 25 alunos do 9º ano de uma escola pública na cidade de Uberlândia/Minas Gerais.

Por fim, Rodrigues revela que constatou a contribuição para ampliação do léxico dos estudantes participantes da pesquisa e também para a quebra da crença linguísticas em relação a variação linguística, bem como para o interesse pela pesquisa e ampliação de conhecimento sobre a língua materna.

Com autoria de Mariana Silva Naves, a dissertação “Ampliação vocabular para as práticas sociais de alunos deficientes intelectuais”, foi defendida em 13 de fevereiro de 2020 no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Teve o objetivo de realizar uma proposta de intervenção pedagógica para ampliar o acervo lexical de alunos com deficiência intelectual que são atendidos tanto nas aulas de língua portuguesa do ensino regular quanto na sala de recursos multifuncionais do AEE – Atendimento Educacional Especializado.

Segundo Naves, a realização de sua pesquisa é voltada principalmente para dois pontos: o primeiro diz respeito a fomentar reflexões que colaborem com a inclusão de alunos com deficiência intelectual no universo de discussões sobre a língua materna; o segundo refere-se a sistematizar conteúdos teóricos para auxiliar professores (as) na elaboração de atividades de cunho semântico lexical para alunos com deficiência intelectual.

Enfim, a autora afirma que em sua pesquisa-ação foram ampliadas as discussões sobre o desenvolvimento linguístico dos referidos alunos e também houve aumento da criticidade na construção de atividades sobre o léxico.

Os estudos realizados por Victor Hugo Scanavachi Dias resultaram na dissertação intitulada “Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteira entre São Paulo e Minas Gerais”, defendida em 24 de maio de 2021, no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista.

O trabalho de Dias teve como objetivo principal registrar e descrever o falar fronteiro entre São Paulo e Minas Gerais, relacionado às atividades agropastoris. Para tal feito, o autor realizou sua pesquisa em quatro cidades fronteiriças em ambos os estados, a saber: Espírito Santo do Pinhal (SP), Jacutinga (MG), Poços de Caldas (MG) e São João da Boa Vista (SP).

Os dados foram coletados a partir da participação de 32 informantes, correspondendo a 08 participantes em cada cidade, com a seguinte estratificação: sexo, faixa etária e escolaridade. A partir desses dados, o autor verificou semelhanças e diferenças nos falares sistematizados por meio de um questionário baseado nas disposições do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB.

O autor constatou que a urbanização das cidades foi o fator que mais exerceu influências para a ocorrência de variação, o segundo fator mais influente foi a variável idade e por fim a variável escolaridade. Deste modo, Dias identificou diferenças no léxico das cidades com menor urbanização em relação as que são mais urbanizadas com direta influências de fatores extralinguísticos.

O trabalho “Variações terminológicas de enfermidades oculares no projeto atlas linguístico do Brasil: um estudo léxico-semântico dos dados sergipanos” é uma dissertação com autoria de Camila dos Santos Reis, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, defendida em 14 de fevereiro de 2020.

A autora se debruçou sobre os dados disponibilizados no Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB a fim de descrever e analisar as variações léxico-semânticas de terminologias médicas para enfermidades oculares, a autora também se debruçou sobre as variações terminológicas realizadas por informantes estratificados da seguinte maneira: idade, sexo e escolaridade. Deste modo, Reis realizou uma comparação entre os dados coletados dos falares médicos a respeito das enfermidades oculares com as informações dadas pelos participantes da pesquisa enquanto usuários dos atendimentos oftalmológicos.

A título de conclusão de sua pesquisa, a autora discorre que identificou diferenças mais contundentes relacionadas à escolaridade, nesse mesmo sentido evidenciou que os profissionais especialistas em oftalmologia conhecem os termos mais utilizados pelos pacientes, porém se atém ao léxico próprio da medicina, o que, segundo a autora, dificulta a comunicação com os pacientes, bem como o esclarecimento sobre as enfermidades oculares em questão.

Nas pesquisas feitas no RIUFAL, buscamos pesquisas a nível de mestrado e doutorado realizadas nos últimos 5 anos (2019-2023), em todos os campus, com atendimento ao tema: variação lexical e ensino e refinamento de busca para Ensino Fundamental, por ordem de publicação descendente a fim de localizar os trabalhos mais recentes.

Esta busca retornou 33 trabalhos relacionados com a variação linguística de forma geral. Identificamos que 32 destes trabalhos foram produzidos entre 2004 e 2012. No período de 2013 a 2019 não foram identificadas publicações que atendessem aos critérios de nossa pesquisa.

Dessa forma, apenas 01 trabalho relacionado a variação lexical dentro do marco temporal (2019-2023) indicado como critério em nossa pesquisa foi identificado, conforme mostramos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Pesquisa no RIUFAL

Título	Autor	Instituição	Tipo	Defesa
A variação lexical em libras em três municípios do Estado de Alagoas	Jerlan Pereira Batista	Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - UFAL	Dissertação	2020

Fonte: RIUFAL (2023)

A dissertação intitulada “A variação lexical em libras em três municípios do Estado de Alagoas” produzido por Jerlan Pereira Batista foi defendida em 18 de agosto de 2020 no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras – FALE/UFAL.

Os estudos de Batista se pautam em uma investigação sobre a variação lexical no campo da Língua Brasileira de Sinais – Libras. A pesquisa foi realizada com dados coletados em três municípios alagoanos, a saber: Maceió (capital), São Miguel dos Campos e Arapiraca.

Para fins de estratificação, o autor apoiou-se nos estudos da Teoria da Variação de William Labov e considerou verificar as variáveis sociais: sexo, região e escolaridade de 12 participantes. Segundo Batista, os participantes de sua pesquisa foram 12 pessoas surdas, a saber: 6 homens e 6 mulheres, 6 surdos cursando ensino médio e 6 surdos cursando ou tendo concluído o ensino superior, perfazendo 04 participantes por município. O autor realizou a coleta de dados por meio de gravação nas casas e nas escolas frequentadas por alguns participantes utilizando o instrumento de pesquisa entrevista.

Para constituir o instrumento entrevista, Batista trabalhou com cinco itens lexicais: amendoim, centro, goiaba, maracujá e ponto de ônibus. Segundo o autor, para amendoim, 6 variantes foram produzidas, já para centro (da cidade) 5 variantes produzidas, goiaba também 5 variantes produzidas, maracujá com produção de 4 variantes e por fim ponto de ônibus com 4 variantes realizadas.

Em seus resultados, Batista discorre que não houve diferença relacionadas a variável sexo nas produções lexicais de surdos do ensino médio e do ensino superior. O autor evidencia que as variáveis sexo e escolaridade não influenciaram nas escolhas lexicais dos surdos dos três municípios, mas que a variável região teve influência significativa nas escolhas lexicais dos participantes das três cidades mostrando diferentes variantes para quatro dos cinco referentes selecionados e trabalhados na pesquisa.

Com base no mapeamento realizado, constatamos que a variação lexical e/ou o ensino do léxico voltado para o público dos anos iniciais apresenta lacuna de produção e sistematização de conhecimento, sobretudo na realidade alagoana. Nesse sentido, este trabalho está voltado para somar com estudos no campo da variação linguística e ensino, mais especificamente a variação relacionada ao nível lexical, para com alunos do Ensino Fundamental e ser material de estudo, consulta e apoio pedagógico para professores ampliarem possibilidades de ensino e aprendizagem sobre a língua materna e desmitificação do preconceito linguístico.

3 SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E LÉXICO

Nesta seção, apresentamos num primeiro momento reflexões a respeito da língua, do surgimento da Sociolinguística e da Sociolinguística Variacionista cunhada por William Labov, em seguida discorremos sobre o fenômeno da variação linguística, sobre o léxico e a variação lexical e então caminhamos para as considerações sobre variação no ensino perpassando a Sociolinguística Educacional marcada pelos esforços da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo e por fim discorremos sobre o ensino do léxico.

3.1 Reflexões sobre a língua e a variação

Processos de mudanças são inerentes a contextos de evolução. As mudanças podem afetar, em maior ou menor grau, as esferas da vida social: sejam mudanças no jeito de vestir, nos hábitos alimentares, no comportamento, nas formas de falar e de se comunicar, entre outras. Tais mudanças se entrelaçam com a forma de pensar e de agir dos seres humanos criando diversas formas de relacionamento. Isso evidencia que as pessoas são seres em constante movimento de criatividade, influências e dinâmica social, de tal modo que constroem formas diversas de viver com as adaptações que a realidade concreta exige. Dessa forma, entende-se que a sociedade é uma estrutura heterogênea e os elementos que em parte lhe constituem como um todo, também o são.

A língua como parte constituinte do ser humano desde sua formação está diretamente no centro das mudanças sociais. Para Marinho e Costa Val (2006), “a língua é um sistema de recursos expressivos que está a serviço da interação humana” (Marinho; Costa Val, 2006, p. 13), portanto, seus usuários a utilizam de acordo com a situação comunicativa que lhe convém e isso já remete a um indicador da capacidade de transformações e possibilidades dos usos da língua.

Tais possibilidades de usos linguísticos podem ser também descritas como “[...] formas distintas da mesma língua que coexistem” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 96), o indivíduo faz uso dessa ou daquela forma linguística de acordo com o contexto ou do grau de monitoramento, por exemplo. O interessante deste ponto é que essas as formas coexistem e a pessoa pode escolher qual utilizar de acordo com suas intenções comunicativas e contextos de interação.

Considerando a premissa de que a língua está a serviço da interação humana em uso e de que a mutabilidade cotidiana ocorre conforme as práticas sociais dos sujeitos nos mais diferentes espaços, é válida a afirmação, conforme aponta Cavalcante (2008), que “em um mesmo espaço geográfico podem conviver diferentes variedades linguísticas (popular, culta, padrão e não padrão)” (Cavalcante, 2008, p. 01).

Sabendo-se que a língua é constituída pela heterogeneidade, com aspectos que diferem de acordo com o espaço em que é utilizada, bem como por uso formal ou informal, logo entende-se que se trata também de um elemento cultural, considerando que a cultura é, [...] um conjunto de conhecimentos, valores, crenças, costumes, modos de agir e de se comportar adquiridos pelos seres humanos como membros de uma sociedade [...]” (Libâneo et al., 2012, p. 319). Desse modo, é válido destacar que a vivência e manifestação desses conhecimentos, crenças, costumes, modos de agir e se comportar estão diretamente ligados aos diferentes usos da língua e ela, por sua vez, imersa neles. Nesse sentido, “a língua é um dos bens sociais mais relevantes e de maior valor, apreciada pela humanidade em qualquer época, povo e cultura. É propriedade adotada por todos os membros de uma comunidade, pois nenhuma delas permanece viva sem comunicação” (Figueiredo; Granadeiro; Silva, 2019, p. 03).

Costa (2009), enfatiza que “a língua é, por excelência, um instrumento de comunicação social. Por meio dela, o homem projeta o processo de criação e recriação da sua realidade, mediante a interação que estabelece consigo mesmo e com os outros” (Costa, 2009, p. 13). Portanto, reconhecer a heterogeneidade da língua enfraquece a ideia de uma língua, pura, homogênea, sem influências sociais, históricas, culturais e que não acompanha o movimento de mudanças sociais. Entendê-la por esse viés rompe com a ideia da constituição de objeto inacessível a camada populacional em geral, pois como afirma Possenti, “[...] todos os que falam sabem falar” (Possenti, 1996, p. 26). São exatamente os diferentes usos da língua, os novos sentidos e construções que vão sendo feitas que a constituem como um elemento instigante a diversos tipos de estudo, pois “o uso da língua é variado e rico” (Figueiredo; Granadeiro; Silva, 2019, p. 03).

Para tanto, as mudanças na língua não ocorrem de forma instantânea. Trata-se de um processo histórico que demanda tempo, no qual tais mudanças ocorrem de forma gradual conforme os diversos usos que vão sendo feitos por seus usuários, bem como por influências sociais, culturais, regionais, econômicas entre outras. Nesse sentido, sobressai a percepção do

dinamismo da língua porque ela vai mudando com o tempo e com as ocorrências sociais. Naro (2003), afirma que as mudanças que ocorrem na língua não são regulares e nem a curto prazo, ou seja, não há uma linearidade e nem celeridade instantânea no processo transformação da língua e seus diferentes usos. Para tanto, “[...] por mais que sejam refreadas, as forças de mudança interna da língua nunca param de agir” (Bagno, 2006b, p. 40).

Assim, a ideia de que a língua está em constante processo de mutabilidade, não linear, a longo prazo, influenciando e sendo influenciada por aspectos internos e externos, aponta para a diversidade linguística, pois, “[...] é fato que as línguas são instáveis e mudam com o passar do tempo” (Costa, 2009, p. 20). A diversidade da língua é construída por uma realidade plural concretizada no falar dos seres humanos no dia a dia. Esse falar tão comum e cotidiano ocorre em diferentes espaços físicos que constituem espaços de interação social e contribuem com a formação de papéis sociais.

Bortoni-Ricardo (2004), ressalta que os espaços de interação humana, nos quais a língua se manifesta, são domínios sociais em que os sujeitos têm contato entre si, a casa como um desses espaços se pauta na cultura falada, a escola na condição de outro espaço de interação se constitui como lugar de predominância da cultura escrita. Diante do exposto, é elementar afirmar que a diversidade da língua condiciona a reflexão sobre a variação da língua porque “[...] a variação é inerente à própria comunidade linguística” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25), a variação da língua é implícita à diversidade linguística em uso pelos falantes.

Sabidas tais considerações sobre a língua, seguimos nossa reflexão a partir da percepção da língua real que acontece no dia a dia isenta de monitoração, estruturada e sem prejuízos a comunicação/compreensão entre as pessoas mesmo com os mais diversos falares simultâneos nos espaços de interação social, para tal feito buscamos discorrer sobre a Sociolinguística, de uma maneira mais geral, em direção a Sociolinguística Variacionista de William Labov, conforme o tópico a seguir.

3.1.1 O surgimento da Sociolinguística

Mollica (2003) define a Sociolinguística como “[...] uma das subáreas da Linguística [...]” que “[...] estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (Mollica, 2003, p. 09).

A autora pontua que “esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial de caráter heterogêneo” (Mollica, 2003, p. 09).

A partir desta afirmação de Mollica, destacamos o amplo campo de pesquisa que compreende a Sociolinguística, visto que a língua está em movimento cotidiano, seja na camada popular, seja na camada mais abastada, seja no comércio, seja na escola, não é limitada ou finita, está em constante processo de mudança com usos e desusos, transformações e inovações lexicais demonstrando um caráter heterogêneo e compreensível no qual cada pessoa faz escolhas e uso da língua conforme suas intenções comunicativas e, assim, se faz compreender dentro da sua variedade linguística, sendo esse um indício relevante para ensinar e estudar a língua, bem como fenômenos inerentes a ela.

Com esse entendimento, é relevante destacar que o ensino da língua com atenção a variação linguística contribui para desmistificação de preconceito e construção de consciência crítica. Segundo Bortoni-Ricardo (2014), é de suma importância que professores e alunos reflitam sobre a variação linguística entendendo que existem muitas formas pelas quais se revelam traços de desigualdades sociais. Essa reflexão se dá por meio do ensino da língua considerando aspectos sociais, históricos e culturais que expõem a necessária relação entre Sociolinguística e ensino da língua materna considerando a variação linguística.

Ao escrever a obra “Manual de Sociolinguística” Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014), apresenta um panorama da Sociolinguística relacionado a estudos etnográficos, interacionais, à Sociolinguística educacional e a estudos variacionistas. Ao referir-se ao surgimento da Sociolinguística, a autora esclarece que:

a Sociolinguística como uma ciência autônoma e interdisciplinar teve início em meados do século XX, embora haja vários linguistas que, muito antes dos anos 1960, já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como é o caso de Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante - pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (Bortoni-Ricardo, 2014, p 11).

Monteiro (2000), afirma que esse novo campo teórico surgiu sem estar muito bem definido e de certo modo até confuso, visto que as primeiras intenções de delimitação, segundo este autor, foram infrutíferas. Nessas primeiras intenções, Monteiro (2000) destaca o pensamento de William Bright ao referir-se à relação entre língua e sociedade, chegando à ideia de diversidade linguística:

a tese fundamental de Bright é de que um sistema linguístico monolítico, realizado sem variações ou com variações fortuitas e imotivadas, é incapaz de explicar toda uma gama de associações com a estrutura social. Em seu estudo, ele tenta estabelecer várias dimensões, das quais a de maior importância é a diversidade, percebida sob três ângulos principais: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa (Monteiro, 2000, p. 15).

Monteiro (2000), sinaliza que Bright foi um dos pioneiros no âmbito do surgimento da Sociolinguística enquanto um campo de investigação da relação entre a língua e a sociedade e na tentativa de definição do objeto de estudo deste campo. O autor ainda sinaliza que apesar dos esforços de Bright, foi com William Labov que os estudos de natureza sociolinguística tiveram êxito.

Bortoni-Ricardo (2014), com base em Camacho (2013), situa que por volta de 1964 em Los Angeles, William Bright convocou uma conferência sobre Sociolinguística na qual estiverem presentes 25 pesquisadores, dentre eles: William Labov. O objetivo desta conferência era “[...] construir metodologias, de caráter variacionista, que dessem conta da heterogeneidade linguística nos grandes centros urbanos” [...] (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 14-15). Segundo a autora, os pesquisadores foram “[...] motivados principalmente pelo fraco desempenho escolar de crianças de grupos étnicos e sociais minoritários, particularmente, os falantes do vernáculo afro-americano” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 15).

Bagno (2007), corrobora com Bortoni-Ricardo (2014) e com Monteiro (2000), acerca do surgimento da Sociolinguística, situando que:

a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva da Sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área (Bagno, 2007, p. 28).

Visto o contexto de surgimento da Sociolinguística, seguimos com nossas reflexões em direção à Sociolinguística Variacionista a partir dos estudos de William Labov, bem como às contribuições de outros autores que se dedicam ao estudo e ampliação de conhecimento sobre esta teoria.

3.1.1.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista ou Laboviana foi cunhada por William Labov. O teórico nasceu em Rutheford, Estados Unidos, foi estudante da Universidade de Harvard e após a conclusão de sua graduação experenciou alguns empregos que tão logo foram deixados para o retorno à vida acadêmica. Neste retorno, trabalhou com o professor Uriel Weinreich e sob sua orientação Labov defendeu um dos seus mais reconhecidos trabalhos: a análise da mudança fonética no falar de habitantes da ilha de Martha's Vineyard (Monteiro, 2000), de modo que “desde então, passou a desenvolver uma série de estudos e análises empíricas, que deram toda a consistência à teoria da variação linguística e serviram de fundamento para trabalhos similares realizados em várias partes do mundo, inclusive no Brasil” (Monteiro, 2000, p. 11).

Conforme Passos et al. (2017), “na obra intitulada Padrões Sociolinguísticos, o americano William Labov marca o início da sociolinguística variacionista” (Passos et al., 2017, p. 525), esta obra torna-se um referencial para estudos de cunho sociolinguístico oportunizando fundamentação teórica com base empírica a partir das investigações de Labov ao coletar dados, estudá-los à luz da teoria da variação, interpretá-los e ampliar conhecimento científico sobre a língua, aspectos sociais e culturais.

No início desta obra, Labov sinaliza que por muito tempo resistiu ao termo “sociolinguística”, visto que para ele o termo indicava que poderia haver uma teoria linguística que não fosse social. Segundo o estudioso, “[...] uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960” (Labov, 2008, p. 13). O autor sinalizava com este entendimento que as teorias voltadas para o estudo da língua, até dado momento, não tinham como uma preocupação a consideração de aspectos sociais que poderiam influenciar diretamente os usos da língua em situações linguísticas reais. Para tanto, Labov vai além da sua resistência ao termo “sociolinguística” e afirma, portanto, que

ainda não emergimos da sombra de nossas intuições, mas não parece mais ser necessário brigar sobre o que é ou não é linguística. Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros de ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (Labov, 2008, p. 13).

Nesta colocação de Labov, é evidenciada a proposta de estudos da língua no acontecimento cotidiano, ou seja, nos usos reais com menos monitoramento possível. O autor expõe que após dez anos trabalhando como químico industrial percebeu que “[...] o mundo cotidiano era rebelde [...]” (Labov, 2008, p. 13), e que estando os usos reais da língua neste cotidiano não era difícil imaginar que não havia espaço na linguística para estudos que dessem conta desta demanda devido a, conforme o autor, “[...] barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária” (Labov, 2008, p. 13).

Tais barreiras se referiam, de forma geral, a não consideração de aspectos sociais ao analisar dados sobre a língua, de modo que: mudanças passadas e mudanças presentes deviam ser estudadas separadas; mudanças sonoras não eram, ou não podiam ser observadas de forma direta; não dando credibilidade a ideia de que a variação livre pudesse sofrer condicionamento, assim, “a avaliação social das variantes linguísticas, estava, portanto, fora de consideração. Esse é simplesmente um aspecto da afirmação mais geral de que o linguista não devia usar dados não linguísticos para explicar a mudança linguística” (Labov, 2008, p. 14).

Sob a orientação do professor Uriel Weinreich, Labov desenvolveu pesquisa sobre a mudança fonética nos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos habitantes da ilha Martha’s Vineyard, Massachusetts, Estados Unidos, desta pesquisa, foi construída a sua dissertação de mestrado, e posteriormente o autor realiza pesquisa sobre a estratificação social do (r) em três lojas de departamento em Nova York, culminado sua tese de doutorado.

A pesquisa na ilha Martha’s Vineyard, dissertação de mestrado de Labov, pautou-se no estudo da “[...] frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ [...]” (Labov, 2008, p. 19) correlacionado a fatores sociais, como: idade, diferentes partes da ilha, ocupação dos entrevistados entre outros fatores. A partir dessa correlação, Labov pretendeu identificar quais fatores atuavam de forma direta sobre o sistema linguístico.

A correlação entre usos linguísticos e fatores sociais aponta perda de força da ideia de língua homogênea, de modo que a língua está intrinsecamente relacionada as práticas sociais por meio da necessidade de comunicação entre os indivíduos. Se não se sustenta a ideia de uma língua homogênea sem influências, toma forma a ideia de uma língua heterogênea. Labov (2008), esclarece que há de se romper a identificação de estrutura com homogeneidade,

a chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade [...] numa língua que serve a uma comunidade complexa, a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (Labov, 2008, p. 16).

Pensando, conforme Labov, que a ausência de heterogeneidade no curso de desenvolvimento da língua seria algo disfuncional, tomemos nota do que afirma Preti “[...] a língua é o suporte de uma dinâmica social [...]” (Preti, 1974, p.07), nesta citação de Preti é evidenciado o entrelaçamento da língua com o âmbito social, visto que este campo é inerente a interação entre as pessoas, estas que por sua vez são naturalmente diferentes e enquanto usuárias da língua fazem uso linguístico de acordo com suas preferências, objetivos, intencionalidade comunicativa, condições linguísticas tanto quanto condições sociais, econômicas e culturais, ou seja o uso da língua, ainda que particular, é heterogêneo.

A percepção de heterogeneidade pressupõe a ideia de mudança linguística. Labov (2008), esclarece que a explicação para tal mudança está possivelmente relacionada a três problemas, a citar: origem; propagação e regularidade da mudança, para caracterizar tal mudança deve-se observar a variação em uma ou mais palavras, com uma ou mais pessoas. O autor esclarece ainda que essa mudança pode estar relacionada a processos com os quais o sistema linguístico tenha interação.

Para desenvolver a pesquisa sobre a mudança fonética de /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard, Labov já sinalizava que um estudo da propagação das mudanças linguísticas que considera apenas forças internas não dá conta de explicar todo o processo de mudança porque “nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação” (Labov, 2008, p. 20). Desse modo, o autor demonstra a relevância da pesquisa no campo de ocorrência real das possíveis variações linguísticas para compreender e explicar o funcionamento da língua.

Segundo Labov, Martha's Vineyard, foi escolhida como campo de pesquisa tendo a vantagem de ser separada do continente, em média cinco quilômetros, ser uma unidade independente, bem como ser “[...] social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico” (Labov, 2008, p. 22). O autor explica que o objetivo do trabalho nesta ilha “[...] é entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo mudanças sistemáticas e mudanças que estão acontecendo agora na ilha” (Labov, 2008, p. 25).

Labov esclarece que desejou investigar formas linguísticas com alta frequência nas conversas costumeiras entre os habitantes da ilha sem prender-se a contextos estruturados. Após estudos preliminares, Labov identificou algumas variáveis, decidindo-se pelas /ay/ e /aw/, pois afirma que a variação nestes ditongos é perceptível aos linguistas, mas não aos usuários da língua na ilha na fala cotidiana.

Esses estudos para coleta de traços dos referidos ditongos foram conduzidos por questionário lexical, perguntas de juízo de valor, texto para leitura e entrevista formal, porém para além destes instrumentos Labov utilizou a observação das vivências espontâneas com anotação de dados quando não havia possibilidade de gravação. Tais estudos foram realizados entre agosto de 1961 a janeiro de 1962, resultando em 69 entrevistas.

Os dados coletados sobre a centralização dos ditongos foram relacionados com algumas variáveis sociais, a citar: faixa etária, ocupação, grupo étnico e localização geográfica, de modo que Labov pôde constatar

[...] que os ditongos centralizados não se destacam na consciência dos falantes vineyardenses. Portanto, dificilmente esses ditongos podem ser objeto de avaliação social. A chave para o problema pode estar no fato de que a centralização é somente um entre muitos traços fonológicos que exibem a mesma distribuição geral, embora nenhum deles seja tão saliente ou tão bem estratificado quanto (ay) e (aw). Existem nada menos do que 14 variáveis fonológicas que seguem a regra geral de que as variantes mais altas ou de maior constrição são características dos falantes “nativos” da ilha alta, enquanto as variantes mais baixas, mais abertas, são características dos falantes da ilha baixa sob influência continental. É razoável supor que esse estilo articulatorio de “boca fechada” seja objeto de avaliação social. Pode ser então que a avaliação social interaja com estruturas linguísticas neste ponto, por meio da constrição de diversas dimensões do espaço fonológico. Variáveis linguísticas particulares seriam, então, afetadas diversamente pela tendência geral rumo ao favorecimento de uma postura articulatoria, sob a influência das forças sociais que estudamos. A comprovação dessa hipótese pode vir do

estudo de diversas evoluções comparáveis, numa variedade de dialetos ingleses e de outras línguas um é suficiente observar aqui que este é um mecanismo plausível para interação sociolinguística, compatível com os fatos que foram reunidos nesta investigação (Labov, 2008, p. 60-61).

Os resultados apresentados após as constatações de Labov apontam uma diferenciação nos usos de /ay/ e /aw/ pelos habitantes da ilha. Os habitantes da parte alta mostram maior grau de centralização dos ditongos como, ainda que de forma inconsciente, uma espécie de preservação da tradição linguística. Já os habitantes da parte baixa da ilha apresentam menor grau de centralização, fato que pode ser relacionado pela maior frequência de contato com turistas, principalmente em épocas de veraneio. Ao relacionar estes dados com a faixa etária, Labov evidenciou que os habitantes mais velhos residem na ilha a mais tempo, enquanto os mais jovens optam por morar em outro lugar para cursar os estudos; aos que permanecem na ilha a ocupação permeia a pesca e a agricultura; entre os grupos étnicos, há, de certo modo, situações de desprestígio entre as diferentes formas de falar; a localização regional de habitação mostrou que os mais próximos do contato com visitantes do continente apresentam maior tendência a influência linguística vinda de fora.

Seguindo o curso dos estudos sociolinguísticos, Labov discorre que “as técnicas desenvolvidas em Martha’s Vineyard foram mais tarde refinadas e aplicadas a uma situação muito mais complexa, no coração urbano de Nova York. Lá, os falantes de múltiplos estilos são a regra, não a exceção [...]” (Labov, 2008, p. 62). Deste modo, o autor apresenta estudo sobre a estratificação social do (r) em lojas de Nova York, realizado em meados de novembro de 1962.

Para investigar a estratificação social do (r), que resultou em sua tese de doutorado, Labov considera difícil analisar a distribuição social da língua sem a consideração da estratificação social da vida urbana cotidiana. Deste modo, o autor expõe o pensamento de Bernard Barber: “[...] a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social [...] essas formas de diferenciação foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral” (Labov, 2008, p. 64-65).

A hipótese geral de Labov para este estudo consistia na ideia: se dois subgrupos de falantes estão em uma escala de estratificação social também estarão na mesma ordem de estratificação social do uso do (r), dessa forma, o autor relata que seria algo fácil realizar a análise entre um grupo de elevada estratificação com outro de baixa estratificação, mas que

talvez isso não oferecesse comprovação da hipótese (Labov, 2008). Ciente desta possibilidade, Labov optou por entrevistar vendedores de lojas de Nova York, estando estes vendedores no mesmo grupo ocupacional. Selecionou três lojas observando os *status* de cada uma: Saks Fifth (*status* superior); Macy's (*status* médio); S. Klein (*status* inferior).

Conforme Labov, “[...] a ocupação de uma pessoa está mais intimamente relacionada a seu comportamento linguístico – para aquelas que trabalham ativamente – do que qualquer outra característica social” (Labov, 2008, p. 65-66), assim o autor, na qualidade de entrevistador, iniciou sua pesquisa utilizando um método um tanto simples: aproximava-se do vendedor (a), perguntava sobre determinado departamento de sapatos femininos, este que era localizado no quarto andar, então recebia a resposta “fourth floor”, porém, estrategicamente, inclinava-se e perguntava “como?”, então, conforme o próprio autor, “[...] obtinha outro enunciado ‘fourth floor’, pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado” (Labov, 2008, p. 70), afastava-se e tomava nota da percepção da resposta recebida fora do campo de visão do vendedor (a).

Neste estudo, para além da percepção do (r) por meio do perfil de entrevistador camuflado em potencial cliente, Labov considerou relevante a estratificação social das lojas, a saber, o *status* mantido por ela. Para além deste ponto, considerou também a raça dos informantes e observou que “a porcentagem mais alta de vendedores negros nas lojas de menor prestígio é coerente com o padrão geral de estratificação social, já que, normalmente, aos trabalhadores negros são atribuídos empregos menos prestigiados” (Labov, 2008, p. 75).

Em relação a ocupação dos informantes, Labov observou algumas diferenças: na Sacks, com maior prestígio, os clientes não têm contato com os caixas e não veem os reposidores; na Macy's, de médio prestígio, as ocupações dos funcionários são identificadas por crachás: vendedores, caixas etc.; na Kleins, de baixo prestígio, Labov teve a impressão de que os funcionários trabalhavam no mesmo nível e era difícil distinguir as funções. Em relação a idade dos informantes, o autor trabalhou com estimativa, visto que não houve entrevista. Para tanto, considerou intervalos de cinco anos construindo a hipótese de faixa etária aproximativa (15-30); (35-50); (55-70) e descreveu que houve aí um desafio para interpretação e explicação.

Após a realização de 264 entrevistas, (68 na loja Sacks; 125 na loja Macy's; 71 na loja Kleins) (Labov, 2008, p.71), Labov constatou que

há uma diferença considerável entre o comportamento do grupo de mais alto *status* e os demais. A classe média alta desenvolve (r-1)⁸ cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada. Tal como em tantas outras marcas formais de alternância de estilo, a classe média baixa exagera o processo de correção. Esse é um processo que se aprende tarde na vida. Quando falantes que tem agora 40-50 anos estavam crescendo, a norma de prestígio não era (r-1), mas (r-0)⁹ (Labov, 2008, p. 85).

O autor, demonstra que o fator socioeconômico aliado ao *status* se relaciona diretamente com a aprendizagem linguística e com as escolhas que o falante realizará nos contextos comunicativos. Este fato, nos remete ao pensamento de Calvet (2002) que existe um conjunto de sentimentos e atitudes do falante para com a língua que implica diretamente no comportamento linguístico do indivíduo. Pensando um pouco mais além, é possível afirmar que tais sentimentos, atitudes e comportamento também estão relacionados às condições socioeconômicas e ao prestígio das formas linguísticas utilizadas pelo falante.

Destarte, entendendo que o comportamento linguístico está relacionado as condições socioeconômicas e a estratificação social, Labov aponta a identificação de insegurança linguística no padrão pesquisado nas lojas de Nova York:

o padrão que observamos na pesquisa das lojas de departamento é, portanto, um reflexo da insegurança linguística da classe média baixa, o que levou a geração mais velha a adotar a norma mais recente de (r-1) em detrimento da norma mais antiga. O processo de socialização linguística é mais lento para a classe média baixa, que não vai para a faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam a se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Aqueles que não seguem essa trilha demoram dez ou vinte anos para desenvolver a sensibilidade máxima à organização hierárquica da linguagem formal em sua comunidade (Labov, 2008, p. 86).

Dessa forma, o processo de estratificação social está diretamente ligado as formas linguísticas escolhidas pelos falantes, sobretudo em atos de fala não monitorados durante diálogos espontâneos, esta percepção conduziu o método de Labov ao entrevistar vendedores das lojas de departamento para captar com mais naturalidade e menos monitoramento possível o uso do (r) na espontaneidade da resposta. Tais observações permitiram ao autor compreender traços de insegurança linguística e mudança de formas antigas para formas recentes, sobretudo

⁸ (r-1) = ocorrência constitutiva da variável (Labov, 2008, p. 70).

⁹ (r-0) = vogal alongada ou nenhuma fonação (Labov, 2008, p. 70-71).

na classe média baixa aliada a não entrada na faculdade ao contrário da classe média alta que tem um padrão de vida diferente e maior facilidade de acesso e permanência no campo universitário.

3.2 Fenômeno variação linguística

O fenômeno variação linguística constitui um amplo campo de investigações, estudos e análises de diversos falares que são constituídos de formas linguísticas distintas que coexistem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006) em situações de uso reais oportunizando pesquisas e sistematização de como a língua está sendo utilizada em dado momento por determinados grupos sociais. Neste sentido, é importante destacar o que é esse fenômeno tão presente nas falas cotidianas em diversas camadas sociais.

Calvet (2002), nos explica que a variação é “numa comunidade linguística, possibilidade de representação de determinados elementos linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos etc.) por diferentes modos de expressão” (Calvet, 2002, p. 170), o autor vai além e destaca também que “a Sociolinguística se caracteriza pelo reconhecimento da variação linguística como constitutiva das línguas humanas e por assumir essa heterogeneidade natural como objeto de estudo” (Calvet, 2002, p. 170).

Segundo Mollica (2003), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (Mollica, 2003, p.10), a autora destaca que a variação e a mudança estão entre as áreas de interesse da Sociolinguística. De acordo com Bagno, a Sociolinguística “[...] estuda as correlações entre fenômeno linguístico e fato social” (Bagno, 2006b, p. 208). Este mesmo autor, na obra “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, afirma que “o conceito de variação é a espinha dorsal da Sociolinguística” (Bagno, 2007, p. 39), bem como “dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea” (Bagno, 2007, p. 39).

Bagno (2007), defende que a língua não é um produto acabado e homogêneo, para ele as línguas apresentam uma realidade heterogênea em desconstrução e reconstrução, bem como em variação. Explicando melhor seu pensamento, Bagno (2007), esclarece que “na contramão das crenças mais difundidas, a *variação e a mudança linguísticas* é que são o ‘estado natural’

das línguas, o seu jeito próprio de ser”, são o estado natural por um motivo muito aparente e cotidiano em muitos lugares, pois

se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, *heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e transformações*, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (Bago, 2007, p. 37).

Neste mesmo sentido, Monteiro (2000), discorrendo sobre teoria laboviana aponta que a variação é inerente à língua, assim é necessário perceber a variação “[...] como requisito ou condição do próprio sistema linguístico” (Monteiro, 2000, p. 57). O autor sinaliza que a teoria variacionista se opõe a outros modelos teóricos que não consideram a variação natural às línguas, de modo que corrobora com as afirmações de Bago (2007), ao evidenciar que “[...] a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicitado” (Monteiro, 2000, p. 57).

Com base nestas afirmações, é relevante sintetizar que a língua tem caráter heterogêneo revelando que a ideia de língua homogênea perde força com o avanço de estudos sociolinguísticos. A condição social de constantes mudanças que os seres humanos vivem no cotidiano está diretamente ligada aos usos linguísticos constituindo o fenômeno da variação, que por sua vez é um estado natural da língua, conforme nos afirmou Bago (2007), anteriormente. Se, portanto, a variação constitui um estado natural do movimento linguístico, tão logo cai por terra a ideia variação enquanto “problema”, vejamos:

[...] o problema está em achar que a variação linguística é um ‘problema’ que pode ser ‘solucionado’. O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (Bago, 2007, p. 37).

Essa ideia da variação como “problema” está relacionada a noção de erro no sentido de “certo” e “errado”. Bortoni-Ricardo (2004), referindo-se a língua portuguesa, pontua “erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade [...] e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 37). Essas diferenças são julgadas socialmente, desembocam em preconceitos

linguísticos que na maioria dos casos pesam sobre a classe menos favorecida. Tais diferenças são comumente percebidas em atos de oralidade, visto que a fala está em uso recorrente muito mais que a escrita em relação a classe mais pobre, principal alvo dos preconceitos linguísticos.

Marinho e Costa Val (2006), afirmam que o fenômeno da variação linguística ocorre devido às diferenças na fala e na escrita pelas transformações da língua ao longo do tempo. Cavalcante (2008), comunga do mesmo pensamento quando afirma que a variação linguística ocorre tanto na fala quanto na escrita. Bortoni-Ricardo (2004), expõe que tais diferenças acontecem também na variedade do lar com o uso da língua informal e no ambiente escolar em contato com cultura formal da escola.

Os pensamentos de Bagno (2007); Monteiro (2000); Marinho e Costa Val (2006); Cavalcante (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), nos relembram que a heterogeneidade da língua e as possibilidades de mudança linguística não acarretam prejuízos a interação entre o falante e seu interlocutor. Quando Weinreich, Labov e Herzog (2006) discorrem sobre formas distintas coexistentes na língua, nos esclarecem que “estas formas coexistentes podem ser conhecidas como ‘estilos’, mas também como ‘padrões’, ‘gírias’, ‘jargões’, ‘jeito antigo de falar’ (‘old talk’), ‘níveis culturais’ ou variedades funcionais” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 96-97) e que oferecem meios alternativos para dizer determinada coisa sem prejuízo na comunicação.

As formas coexistentes não impedem a função comunicativa da língua são expressão do fenômeno da variação, no qual o locutor faz, conforme Figueiredo, Granadeiro e Silva, (2019), uso da língua de modo variado e rico.

A partir das considerações sobre a variação linguística ao longo deste trabalho, é fundamental evidenciar conceitos importantes e diretamente ligados aos estudos variacionistas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 3 – Conceitos relacionados à variação linguística

Variante	Labov (2008)	Diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa (p. 221).
	Bagno (2017)	Formas linguísticas alternativas que podem ser influenciadas por fatores linguísticos e extralinguísticos/maneiras de dizer a mesma coisa. (p. 471).

	Calvet (2002)	Forma linguística que representa umas das alternativas possíveis para a expressão, num mesmo contexto, de determinado elemento fonológico, morfológico, sintático ou léxico (p. 170).
Variável	Labov (2008)	Definição de tantas quantas forem as variantes possíveis de distinguir (p. 92-93)
	Bagno (2017)	Forma linguística que apresenta duas ou mais realizações identificáveis/conjunto de variantes (p. 472).
	Calvet (2002)	Um conjunto de variantes [...] (linguísticas, fatores sociais, históricos etc.) (p. 170).
Variedade	Labov (2008)	Conjunto de formas/estilos alternantes sob condições (sociais) variadas (p.40).
	Bagno (2017)	Referência a qualquer tipo específico de linguagem – dialeto, sotaque, estilo etc. (p. 474)
	Calvet (2002)	Sistema de expressão linguística que pode ser identificado pelo cruzamento de variáveis linguísticas [...] e variáveis sociais [...] (p. 170).
Variáveis Linguísticas	Labov (2008)	Conjunto de possibilidades fonéticas ou de outra ordem linguística, ex: nível lexical, semântico etc. (p.144).
	Bagno (2017)	Construto teórico introduzido por William Labov para descrever os padrões de variação linguística (p. 472).
	Calvet (2002)	Elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais etc. (p. 170).
Variáveis Sociais	Labov (2008)	Fatores de ordem social: profissão, renda, educação, aspirações sociais, atitudes etc. (p.45).
	Bagno (2017)	Fatores de natureza social (estilos, grau de instrução formal, classe social, idade etc.) (p. 472)
	Calvet (2002)	Fatores de idade, região, origem da pessoa, escolarização, sexo etc. (p. 170).

Fonte: Labov (2008); Bagno (2017); Calvet (2002).

Evidenciados tais conceitos, é pertinente registrar que “a variação ocorre em todos os níveis da língua” (Bagno, 2007, p. 39), segundo o autor, “[...] debaixo do guarda-chuva LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes” (Bagno, 2007, p. 39), deste modo apresentamos os níveis da língua relacionados a ocorrência de variação, conforme o quadro abaixo:

Quadro 4 – Variação e níveis linguísticos

Nível Fonético-Fonológico	Bagno (2007)	Em termo de exemplificação, diferentes pronúncias do “r” na palavra “porta” no português brasileiro (p. 40).
	Coelho et al. (2015)	Fenômenos de supressão de um segmento no interior da palavra: “fosfro” para “fósforo” (síncope)/

		transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: “manteiga” para “manteiga” (monotongação) entre outros (p. 25-26).
Nível Morfológico	Bagno (2007)	As formas “pegajoso” e “peguento” exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia (p. 40).
	Coelho et al. (2015)	Pode ocorrer em interface com o nível fonológico: “cantano” para “cantando” e com o nível sintático “tu anda” e “eles anda” (p.28).
Nível Sintático	Bagno (2007)	Nas frases “Uma história que ninguém prevê o final” / “Uma história que ninguém prevê o final dela” / “Uma história cujo final ninguém prevê”, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes (p.40).
	Coelho et al. (2015)	“O filme a que me referi é muito bom” / “O filme que me referi a ele é muito bom”, embora a ordem das frases esteja diferente não há impedimento de compreensão de sentido (p. 28).
Nível Semântico	Bagno (2007)	A palavra “vexame” pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante (p. 40).
Nível Lexical	Bagno (2007)	As palavras “mijo”, “xixi”, e “urina” se referem todas à mesma coisa (p.40).
	Coelho et al. (2015)	A mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes: “abóbora, jerimum” / “mandioca, aipim, macaxeira” / “coisa, troço, trem” (p. 23-24).
Nível Estilístico	Bagno (2007)	Os enunciados “Queiram se sentar, por favor” e “Vamo sentano aí, galera” correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes
Nível Discursivo	Coelho et al. (2015)	Relacionado às palavras que encadeiam trechos discursivos: conectores (e, mas, porque, etc.) / natureza adverbial (aí, assim, afinal, etc.) / marcadores discursivos (quer dizer, digamos assim, etc.) (p. 30).

Fonte: Bagno (2007); Coelho et al. (2015).

Entendendo que a variação perpassa os diferentes níveis linguísticos, vamos à reflexão sobre quais influências se relacionam com estas construções variáveis considerando que é notória a amplitude da variação linguística. Este fenômeno cotidiano que acompanha a mutabilidade da língua não se restringe a elementos linguísticos. Como sinalizado em alguns trechos deste trabalho, o campo social é de fundamental importância para as análises sociolinguísticas variacionistas. Em corroboração ao exposto pelos autores acima seguem,

abaixo, a título de exemplificação, alguns fatores extralinguísticos, ou seja, fatores sociais que se relacionam com a variação linguística, vejamos:

Quadro 5 – Fatores extralinguísticos

Origem geográfica	Bagno (2007)	A língua varia de um lugar para o outro; assim podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras [...] (p. 43-44)
	Coelho et al. (2015)	Geralmente existem marcas linguísticas/itens lexicais que dão características aos falares de diferentes regiões (p. 38).
<i>Status</i> socioeconômico	Bagno (2007)	As pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa (p. 43-44)
	Coelho et al. (2015)	Se relaciona com ocupação, renda, acesso a bens e cultura pelo falante (p.41).
	Bortoni-Ricardo (2004)	Diferenças nesta categoria tem a ver com a desigualdade na distribuição de bens materiais, dentre eles a inclusão digital (p.48).
Grau de escolarização	Bagno (2007)	O acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos (p. 43-44)
	Coelho et al. (2015)	O maior contato com a cultura letrada e com variedades mais cultas favorece o uso de formas linguísticas mais privilegiadas (p.41).
	Bortoni-Ricardo (2004)	A quantidade de anos escolares e a qualidade da escola frequentada influenciam diretamente nesta categoria (p.48).
Idade	Bagno (2007)	Os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações (p. 43-44)
	Coelho et al. (2015)	Variação e a influência da idade têm gerado reflexões no campo sociolinguístico, de modo que alguns autores começam a apontar uma possível variação diageracional (p. 44-45).
	Bortoni-Ricardo (2004)	Existem, desde o seio das famílias, diferenças intergeracionais que se ampliam para os mais diversos espaços sociais (p. 47)
Mercado de trabalho	Bagno (2007)	O vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmo de um cortador de cana (p.43-44).

	Coelho et al. (2015)	A ocupação/cargo de trabalho se relaciona com o nível socioeconômico e implicam diferenças nas formas linguísticas escolhidas pelos falantes (p.43).
	Bortoni-Ricardo (2004)	A atividade profissional é um condicionador nas escolhas linguísticas. Dependendo da atividade é exigido maior flexibilidade estilística ou grau de monitoramento (p. 48).
Redes sociais	Bagno (2007)	Cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico (p. 43-44).
	Bortoni-Ricardo (2004)	As pessoas costumam adotar comportamentos semelhantes das pessoas com as quais mais interagem, bem como das pessoas de seu grupo de referência, ou seja, aquelas pessoas com quais o indivíduo não tem contato físico ou por telefone ou por outro meio, mas adota com modelo para sua conduta (p. 49).
Sexo	Bagno (2007)	Homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece (p. 43-44).
	Coelho et al. (2015)	Mulheres são mais conservadoras que os homens, no sentido que preferem usar variantes prestigiadas socialmente, porém de acordo com as mudanças sociais este cenário também sofrer transformações relacionado aos papéis sociais de homens e mulheres (p. 44).
	Bortoni-Ricardo (2004)	Há distinção no falar de homens e mulheres. Elas costumam falar mais no diminutivo como marcadores de conversa. Já os homens fazem uso de palavras mais chulas, bem como palavrões. Neste cenário, também de se considerar os papéis sociais exercidos por ambos e considerar também que pode haver transformações no que está posto visto a dinamicidade social (p. 47).

Fonte: Bagno (2007); Coelho et. al (2015); Bortoni-Ricardo (2004).

Sabido que a variação linguística atua em diferentes níveis linguísticos, que as construções linguísticas podem ser variáveis e influenciadas por grupos sociais e fatores extralinguísticos, cabe explicitar a classificação da variação, a fim de esclarecer os conceitos de cada tipo de variação relacionadas aos fatores extralinguísticos, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 6 – Tipos de variação

Diatópica	Bagno (2007)	É aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. (p. 47).
-----------	--------------	---

	Coelho et al. (2015)	É a responsável pela identificação de maneira fácil da origem geográfica/regional de uma pessoa pelo jeito com ela fala (p.38).
Diastrática	Bagno (2007)	É a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais (p. 47).
	Coelho et al. (2015)	Reflete diferentes características sociais dos falantes e está relacionada aos condicionadores sociais da variação (p. 40-41).
Diamésica	Bagno (2007)	É a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual (p. 47).
	Coelho et al. (2015)	Relacionada a ideia de “meios”, neste caso aos meios/códigos: fala e escrita inseridos na comunicação das pessoas. Eles apresentam diferenças, de modo geral a fala é menos monitorada ao contrário da escrita que exige maior grau de monitoramento (p.48).
Diafásica	Bagno (2007)	É a variação estilística [...], isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal (p. 47).
	Coelho et al. (2015)	É relacionada aos papéis sociais exercidos em diferentes situações de comunicação, ou seja, com o estilo adotado pelo falante em determinado contexto (p. 46).
Diacrônica	Bagno (2007)	É a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas (p. 47)
Diageracional	Coelho et al. (2015)	Variação condicionada pela faixa etária dos falantes (p. 45).

Fonte: Bagno (2007); Coelho et al. (2015)

Tomar conhecimento da conceituação de variação linguística, dos conceitos importantes no campo da variação, dos níveis linguísticos que a variação atua, da relação dos grupos sociais com a língua, da influência exercida pelos fatores extralinguísticos, bem como dos tipos de variação relacionadas aos usos da língua em interface com tais fatores, remete ao entendimento da relevância dos estudos sobre a língua para além da compreensão dos elementos linguísticos.

Estudar a língua a partir do olhar sociolinguístico variacionista amplia as possibilidades de problematização da realidade linguística utilizada em situações de comunicação real. Neste sentido, insurge a possibilidade de desmistificação de preconceitos linguísticos comumente atrelados as formas de falar que diferem da norma padrão baseada na gramática normativa.

Quando nos deparamos com a expressão “eu truce”, por exemplo, para indicar o transporte de determinado objeto até o lugar no qual se produz a fala, nos ocorre fazer três movimentos: o primeiro é de refletir sobre a possível carga de preconceito que essa expressão irá receber, o segundo é observar o contexto de uso que essa fala foi proferida e o terceiro identificar condição social do falante.

O primeiro movimento voltado para a reflexão de possíveis manifestações de preconceito que a expressão “eu truce” pode receber, tende a nos revelar que para além do desprestígio dado a expressão que existe um preconceito estrutural relacionado a classe social do falante e que determina a expressão não prestigiada como português errado:

aquilo que grande parte das pessoas instruídas chamam de “fala de caipira”, “fala de matuto”, “língua de jeca”, “língua de caboclo”, “português errado”, mas que nós, conscientes de que todas essas denominações estão recheadas de um enorme preconceito social, vamos chamar simplesmente de português não-padrão (Bagno, 2006b, p. 48).

Provavelmente o falante de “eu truce”, reside em uma região periférica ou em região de sítio afastada dos centros urbanos, com pouco ou nenhum acesso a escolarização formal e com escassez de acesso a direitos sociais. Tais condições apontam várias dificuldades na vida prática deste indivíduo, de modo que ele ainda é tornado alvo de preconceito pela sua forma de falar, mesmo sem deixar de fazer-se compreender pela escolha dessa ou daquela expressão linguística, pois, novamente de acordo com Possenti (1996, p. 25), “todos os que falam sabem falar”.

O segundo movimento necessário é observar em qual contexto a expressão foi proferida, pois há uma linha tênue entre o preconceito e o reconhecimento, vejamos: se a expressão “eu truce” é dita em um ambiente privilegiado pelo uso da norma padrão provavelmente seu falante irá sofrer olhares de repreensão ou atos de risos, desembocando em situações de constrangimento com a clara explicitação de preconceito,

quando nós, falantes escolarizados de uma variedade urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz prantá no lugar de plantar, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que nós não pertencemos àquela classe social, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado... Queremos deixar bem clara a distância social, econômica e cultural que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico... (Bagno, 2006b, p. 37).

Agora, se a mesma expressão é utilizada entre o falante e seus pares, em ambientes de vivências em comum, principalmente em diálogos informais não monitorados, são grandes as chances de reconhecimento nos atos de fala e inclusive da utilização de outras expressões não privilegiadas.

O terceiro movimento diz respeito ao questionamento: qual a condição social deste falante? Neste questionamento, cabe um universo de possibilidades, visto que a condição social do indivíduo não é constituída de um único fator. O acesso e permanência na escola/educação formal desde a infância, o acesso a serviços de saúde, a bens culturais e lazer, moradia digna, alimentação suficiente e saudável, segurança, boas condições de trabalho são apenas alguns dos fatores que compõem a condição social da pessoa em questão. A deficiência relacionada a esses fatores afeta diretamente a condição social do falante, bem como os seus usos linguísticos.

Deste modo, Bagno (2007) esclarece que “[...] os julgamentos linguísticos são sempre, no fundo, julgamentos sociais: se a minha classe social, privilegiada, usa a forma condenada pela gramática normativa, o problema está na gramática normativa; mas se a forma não normativa é usada pelos falantes desprestigiados, então é ‘erro’ mesmo...” (Bagno, 2007, p. 77).

Portanto, este esclarecimento de Bagno, mostra um panorama geral da realidade linguística no Brasil, embora se tenha avanços nos estudos sociolinguísticos ainda acontecem muitos casos de preconceito linguístico, às vezes velado, às vezes explícito, mas sempre atrelado a julgamentos sociais, como nos afirmou Bagno. O autor ainda explica que “onde tem variação também tem avaliação” (Bagno, 2006b, p. 37), ou seja, as formas desprestigiadas correntes no cotidiano da língua, que tanto quanto as normas prestigiadas constituem o fenômeno da variação linguística, são majoritariamente alvos do preconceito que vai além do constrangimento, em alguns casos são gatilhos para exclusão social.

3.1.2 Léxico e variação

Após a reflexão sobre aspectos que influenciam os usos da língua explicitando dinamismo, diversidade, bem como o fenômeno da variação linguística é relevante refletir sobre o meio como usamos a língua tanto na fala quanto na escrita. Já entendemos que a língua muda, não a curto prazo, mas de tempos em tempos, acompanhando as mudanças da sociedade de modo que imprime marcas nas construções comunicativas dos falantes/ouvintes e

escritores/leitores. O meio comum para uso da língua é a palavra, ou melhor o léxico enquanto um conjunto de palavras que forma o repertório linguístico dos indivíduos.

Segundo Abreu, o “léxico é o estoque de palavras em disponibilidade em uma língua, num dado momento. Esse estoque não é constante; ele varia ao longo da história” (Abreu, 2018, p. 113). O léxico é histórico e se constitui de fundamental importância no processo comunicativo, seja de forma oral ou forma escrita, pois, “o léxico é a primeira instância de nomeação do mundo.

O homem, desde os tempos primitivos, sentiu necessidade de nomear, utilizando signos linguísticos, a sua realidade material e psicológica” (Costa, 2009, p. 11). Corroborando com esta linha de raciocínio, Oliveira e Isquardo (2001), afirmam que “o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituiu-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (Oliveira; Isquardo, 2001, p. 09), o léxico faz parte das vivências sociais e culturais de um povo, de alguma forma o léxico, atrelado a outros fatores, identifica socialmente uma população.

O repertório de palavras dominado por um grupo falantes, em determinada localidade, nem sempre se constituiu tal qual, na medida em que mudanças sociais ocorrem o uso das palavras pela população também se modifica, “[...] o desenvolvimento das civilizações faz com que novas realidades surjam, aumentando, deste modo, o conjunto de itens lexicais” (Costa, 2009, p. 11). Para além desse ponto, ocorrem mudanças lexicais relacionadas ao ambiente em que os indivíduos vivem ou frequentam com assiduidade, por exemplo a rua onde mora e a escola, de acordo com o local no qual o indivíduo está em determinado momento, ele pode fazer uso de palavras voltadas intencionalmente para uma comunicação formal ou informal.

Na percepção de Bózio e Busse (2014), estudar sobre o léxico permite perceber influências socioculturais no processo da formação lexical dos falantes com ambiente em que vivem. O léxico é um objeto de estudo que amplia as possibilidades de investigação e pesquisa sobre a forma como as pessoas aprendem, utilizam e transmitem as palavras, quase sempre passíveis de transformações. Para as autoras, um léxico conservador cai em desuso diante das inovações lexicais pelo público mais jovem.

Portanto, mostra-se ser relevante o estudo dos diversos usos do léxico, sobretudo com alunos em formação nos anos iniciais da rede pública de educação, de modo a perceber a manifestação das mudanças lexicais feitas no ambiente escolar, dentro da sala de aula e em momentos de descontração. Destarte, é importante destacar que

é no léxico, também, que vemos, com maior clareza, a movimentação da língua, já que o léxico se constitui um sistema aberto e dinâmico, isto é, a cada momento sócio, histórico e cultural novas palavras surgem em detrimento do desaparecimento total ou parcial de outras. Daí a importância de se registrar os diversos estados que a língua assume ao longo do tempo (Costa, 2009, p. 11).

Para tanto, Bózio e Busse (2014), afirmam também que o léxico sofre influências do ambiente cultural/social e contribui com a formação de regionalismos na língua. Nesse ponto, a escola como um ambiente plural é um campo de pesquisa rico e interessante, porque tem um léxico vivo, atuante, dinâmico com uso formal e informal das palavras pelos seus frequentadores.

Ao considerar a escola como um ambiente plural com léxico vivo, dinâmico, com diversos usos por sua comunidade, construtora da história e produtora de conhecimento, alinha-se o pensamento, conforme Abreu (2018), sobre a mutabilidade do léxico, pois este “[...] não é estático, mas mutável, em função da relação dinâmica que existe entre língua e sociedade, língua e história, língua e conhecimento de mundo [...] está estreitamente ligado à vida social, à cultura e à história do povo que o utiliza [...]” (Abreu, 2018, p. 113 - 114), eis no léxico traços da identidade de um povo, de sua pluralidade e construção das vivências históricas ao longo da vida. Vivências essas que também ocorrem de forma significativa nos espaços escolares, tanto que a escola é um campo de pesquisa que fornece grande quantidade de dados para análise de variação linguística, visto que os alunos permanecem em comunicação quase todo o tempo sem monitoramento da fala permitindo a plena fluência da variação de modo natural.

Nos diversos usos linguísticos surgem as variedades pelo cruzamento de variáveis linguísticas (fonéticas, morfológicas, sintáticas etc.) e sociais (idade, sexo, região, entre outras) (Costa, 2009). Dessa forma, o léxico como um conjunto de palavras de determinada língua está diretamente ligado às variedades da língua, sendo também um elemento que identifica as pessoas, no sentido de levantar hipóteses sobre seus locais de origem, ou em que viveram determinados períodos da vida.

Deste modo, o léxico também nos fornece elementos para a identificação de qual geração o falante pertence, de quais grupos sociais costuma participar, bem como as influências de gênero, escolaridade, poder aquisitivo, por exemplo, mostrando que os usos linguísticos estão entrelaçados com as vivências sociais. Para aprofundar este ponto, vejamos o que diz Oliveira e Isquardo (2001):

na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 09).

O pensamento de Oliveira e Isquierdo leva à reflexão sobre a amplitude do léxico nos usos reais cotidianos. Quando as autoras afirmam que o léxico “[...] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo” (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 09), nos permite pensar além e considerar que o léxico é um meio de atuação do indivíduo no mundo. Na maioria das atividades sociais que um ser humano possa realizar há presença do léxico, e dependendo a intencionalidade comunicativa do falante o léxico pode estar a seu favor.

Pensemos em um vendedor de loja de eletrodomésticos que incrementa seu salário por meio de comissões das vendas realizadas, o léxico utilizado por este trabalhador estará recheado de persuasão e de palavras muito bem selecionadas para a propaganda positiva do produto em questão. No diálogo entre vendedor e possível comprador, o léxico utilizado pelo vendedor terá um papel importante, pois de certo modo irá contribuir para que aquele cliente em potencial se torne de fato o comprador do produto.

Outro bom exemplo é extraído das épocas de campanha eleitoral. Nesse período em que se afloram as escolhas políticas partidárias e se inflamam as defesas ideológicas, o uso do léxico em interface com poder persuasivo é extremamente presente. Por vezes, o léxico é utilizado com elevada carga emocional e com palavras minuciosamente selecionadas para atingir o público eleitoral em suas fragilidades e necessidades básicas, esse feito pode ocasionar uma espécie de identificação do eleitor para com o candidato em questão, ainda que o dito pelo candidato se trate de uma falsa promessa, o léxico utilizado naquele dado momento atrelado a carga emocional, ao poder de persuasão e a possível identificação do eleitor com os ideais apresentados pelo candidato podem ser a peça chave para a obtenção do voto.

Estes dois exemplos acima, nos mostram o quanto o léxico pode ser um instrumento de atuação prática na vida dos indivíduos. Não se sustenta uma ideia de léxico estático, parado em alguma época da história, o léxico é social, visto que acompanha e está envolvido nas mudanças sociais, “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 09), ou seja, está em constante evolução visto as mudanças e diferenças culturais de dada localidade que em algum momento faz uso de palavras utilizadas por pessoas mais velhas, em outro momento com palavras em uso pelo público mais

jovem, em outros casos usa palavras incorporadas de outros lugares e de outras culturas, bem como palavras em ascensão devido ao avanço tecnológico e ao crescente acesso às redes sociais, e outros casos fazem uso de todas essas palavras simultaneamente podendo inclusive colaborar com a criação de novas palavras ou expressões.

Até aqui, com os dois exemplos citados acima, mostramos as possibilidades que o léxico proporciona ao indivíduo para o alcance dos seus objetivos na vida prática, seja a venda de determinado produto ou a obtenção de voto, como exemplificamos. Porém, outro ponto que é relevante destacar diz respeito as formas em que o léxico utilizado impede aos indivíduos o acesso a bens, serviços e direitos, por exemplo.

Para ilustrar este ponto vejamos o que diz Bagno (2006a), “muitas vezes, os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos” (Bagno, 2006a, p. 17). Neste sentido, podemos destacar o uso excessivo de uma linguagem técnica com termos específicos de determinada área de atuação ou de conhecimento. Vejamos um exemplo, imaginemos uma pessoa que busca atendimento de saúde em determinada especialidade, a utilização do léxico acessível a esta pessoa será de fundamental importância para que ela compreenda e seja compreendida durante a consulta, bem como o léxico utilizado na prescrição dos medicamentos e das orientações de como utilizá-los a fim de evitar efeitos colaterais pelo uso em falta, excesso ou até mesmo de modo errado do medicamento.

Deste modo, o léxico se faz presente em vários espaços de interação. Atende a diversos públicos, com o uso de formas/expressões prestigiadas ou desprestigiadas, atrelado em muitos casos a persuasão de acordo com a intenção comunicativa, que por sua vez é motivada por um objetivo do locutor. A forma que esse léxico é utilizado tem interface com a variação da língua, visto que as palavras também são modificadas, às vezes com maior ou menor frequência de uso, às vezes com neologismos, associadas a determinadas situações, regiões, estratos sociais entre outros fatores, que põem o estudo do léxico e da variação lexical em um campo de pesquisa atual e necessário, visto a vivências lexicais constantes e nem sempre previsíveis, carecendo estudos voltados à investigação, análise, possível explicação, compreensão e sistematização de conhecimentos sobre as vivências lexicais reais.

Tais estudos, caminham para a contribuição da desmistificação de preconceitos linguísticos e ampliação de conhecimentos científicos da língua real utilizada no cotidiano, nas ruas, feiras, escolas e outros espaços constituídos de vivências sociais que são também linguísticas. De acordo com Bagno (2007), “nunca é demais repetir: a avaliação é

essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo” (Bagno, 2007, p. 77), portanto não cabe a manutenção de nenhuma forma de exclusão social, sobretudo pela escolha linguística de determinado indivíduo, visto que todas as formas de falar devem ser respeitadas, além de que é necessário que todas as pessoas possam ter acesso à educação formal, a acesso e permanência nas escolas e universidades para que se apropriem de conhecimentos linguísticos e conhecimentos de outros campos do saber para que este indivíduo possa realizar suas escolhas linguísticas e uso das variações lexicais de acordo com seus contextos de interação de forma consciente e significativa para ele.

3.1.1.2 Variação Lexical

De acordo com as reflexões sobre o léxico, enquanto um conjunto de palavras de uma determinada língua que não é estático, parado e perdido no tempo, é de suma relevância refletir sobre a variação lexical, pois a variação, como um todo, é natural a língua, esta que por sua vez abarca vários tipos de variação, dentre elas a variação no nível lexical.

Como já mencionado anteriormente, com base em Bagno (2007), a variação acontece em vários níveis linguísticos, relembremos: “variação fonético-fonológica [...] variação morfológica [...] variação sintática [...] variação semântica [...] variação lexical [...] variação estilístico-pragmática [...] (Bagno, 2007, p. 40). Para tanto, o autor discorre sobre a variação lexical da seguinte maneira, “variação lexical: as palavras MIJO, XIXI, e URINA se referem todas à mesma coisa” Bagno, 2007, p. 40), o autor traz uma explicação simples, sem muito caráter técnico, para exatamente aproximar o leitor daquilo que constitui a variação lexical na prática: palavras utilizadas no cotidiano, sejam de uso corriqueiro e comum ou de uso mais rebuscado ou menos frequente, que são diferentes, mas referidas à mesma coisa, de modo que a variação lexical pode relacionar-se com a polissemia no que diz respeito a uma palavra que pode ter mais de um significado ou sentido.

A escolha de determinada nomenclatura para um objeto, por exemplo, aponta traços de identidade do falante “[...] a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem” (Prete, 2003, p. 49), a escolha é feita de acordo com o sentido que o falante quer provocar, de modo que aquela

fala/expressão/palavra está incorporada a sua identidade. O contexto de uso dessa escolha mostrará a noção de prestígio que a variação lexical tem em determinado local: se a palavra é dita em um ambiente formal e causar uma estranheza aos ouvintes, provavelmente o falante não faz parte daquele contexto social, porém se a palavra proferida é aceita de forma um tanto confortável é provável que o contexto de uso seja informal do falante com seus pares.

Uma das, entre outras formas de percepção desses traços de identidade tem a ver com a origem do falante: enquanto um indivíduo nascido e residente desde então em Alagoas, utilizará expressão “pão francês”, outra pessoa, do estado de São Paulo por exemplo, irá se referir ao mesmo alimento com a expressão “pão de sal”, essas escolhas lexicais são variantes de uma mesma coisa: o pão. Esses exemplos nos mostram que a variação lexical aponta vivências de cultura, bem como a tradição linguística na passagem e aprendizagem de palavras e expressões. Algumas dessas palavras tendem a se manter, outras a ficarem obsoletas, outras a tomar novos significados e tudo isso tem a ver com as mudanças sociais e culturais que vão ocorrendo no cotidiano.

Esse movimento de manutenção das palavras, obsoletismo, criação de novas palavras, neologismos, por exemplo, tem relação com a estrutura social. Tal estrutura se relaciona com a origem e história de vida dos falantes, os laços de afeto e laços sociais que constroem, os grupos sociais que participam e também nas trocas linguísticas orais que ocorrem majoritariamente nas falas espontâneas com praticamente nenhum grau de monitoramento.

Para Bózio e Busse (2014), a fala é influenciada por histórias de formação local, convivências de grupos, organização da sociedade. Dessa forma, a variação lexical faz parte de processos de mudança linguística, os quais estão relacionados a fatores internos e externos à língua, atrelados a aspectos históricos, sociais e culturais. As autoras afirmam também que a língua acompanha a evolução da sociedade, assim também ocorre com a variação lexical, visto o avanço tecnológico e o acesso à internet a cada dia mais popularizado.

Para tanto, sabido que a língua se relaciona diretamente com a evolução social e considerando a mutabilidade do léxico, afirmada por Abreu (2018), percebe-se que o léxico se movimenta num universo de diferenças – variação lexical - e que se faz ao mesmo tempo compreensível, pois, embora existam diversos usos da língua não há impedimento para a comunicação.

No âmbito dessas diferenças, Abreu (2018), afirma que palavras caem em desuso, outras recebem novos significados, outras são criadas ou são incorporadas de outras culturas e “em vista dessas relações dinâmicas, há, no interior do léxico, um fluxo e refluxo das palavras” (Abreu, 2018, p. 114). Nesse sentido, todos os falantes sabem falar (Possenti, 1996), independentemente de ser uma outra variedade da língua a pessoa consegue fazer-se compreender em sua intenção comunicativa e a variedade utilizada por ela não constitui erro porque as diferenças linguísticas são construções que divergem da norma padrão, já o erro seria o que não se enquadra em nenhuma variedade da língua (Possenti, 1996), portanto, incompreensível.

Para tanto, se pensamos na palavra “irado [1]” o que primeiro vem à mente? Um indivíduo com raiva de algo ou alguém? A resposta parece ser positiva, porém vamos um pouco além, se este indivíduo está praticando um esporte radical e executa uma manobra difícil com excelência, provavelmente pode-se ouvir a expressão “irado [2]”, podemos afirmar que a expressão [1] tem a mesma intenção comunicativa ou valor semântico da expressão [2]? provavelmente não. O que vai diferenciar uma expressão da outra é o contexto. Pode-se afirmar que há erro em uso ou no outro? Também não, pois a palavra “irado” apoiada na polissemia permite ter mais de um sentido de modo que “[...] o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, se explica e se entende neste fazer de produzir sentidos e construir compreensão” (Hilgert, 2003, p. 77-78), esse exemplo é diretamente relacionado com a variação lexical, visto que para o indivíduo além de “irado [1]” poderia se escolher entre os adjetivos: furioso, revoltado, raivoso, encolerizado, enfurecido, por exemplo; para a expressão “irado [2]” poderia optar pelas palavras: incrível, massa, inacreditável, espetacular, uau, por exemplo. Em ambos os casos, não há perda de valor de sentido, visto qualquer umas das palavras exemplificadas se adequariam ao contexto de uso e seriam perfeitamente compreensíveis.

A compreensão de textos escritos/orais, diálogos formais/informais, discursos espontâneos/planejados, falas monitoradas/não monitoradas perpassa em muitos casos a variação lexical que está interligada com as variações de outros níveis linguísticos. Porém, a interligação dessas variações não é algo desorganizado, as regras linguísticas ocorrem de forma natural com a língua em funcionamento sem prejuízos a comunicação entre os indivíduos ou prejuízos as suas intenções comunicativas nas trocas de mensagens entre locutor e interlocutores em seus contextos de interação social, pois as escolhas linguísticas continuam

acontecendo e a variação lexical ocorrendo de acordo com as vivências sociais, “ao tomarmos a escolha lexical como ferramenta que define situações em que os falantes criam o contexto no qual irão interagir, então poderemos entendê-la não como algo que ocorre fortuitamente no discurso, mas perfeitamente concatenada aos demais elementos que o organizam” (Aquino, 2003, p. 199). Portanto, a variação lexical, assim como em outros níveis da língua, não ocorre por acaso ou constitui um erro. Pelo contrário, contribui com as produções de sentido, com as formas de comunicação adequadas a cada contexto de interação linguística e também social, além de viabilizar um amplo campo de investigação e produção de conhecimento.

3.3 Variação no ensino

Relembrando que a variação é inerente à língua e esta, por sua vez, perpassa as mais diversas relações sociais conferindo aos indivíduos possibilidades de interação de acordo com suas intenções de comunicação, é relevante pensar a variação no contexto do ensino da língua materna nos espaços escolares.

Coelho et al. (2015), discutem essa questão tomando como ponto de partida os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de língua portuguesa. Segundo os autores, os PCN são um “[...] conjunto de documentos que tem como objetivo subsidiar a elaboração do currículo do ensino fundamental e do ensino médio no Brasil, visando a formação e cidadania do aluno” (Coelho et al., 2015, p. 136). Nesse sentido, os autores apontam que os PCN abordam a variação linguística no Brasil sinalizando que no português brasileiro existem muitas variedades dialetais e que é possível identificar uma pessoa no âmbito social e geográfico pelo modo como ela fala, paralelo a isso também destacam a grande carga de preconceito devido a avaliação social que é feita, sobretudo, com as variantes menos prestigiadas socialmente (Coelho et al. 2015).

Segundo estes autores, para trabalhar o respeito à variação no âmbito da escola junto com os estudantes deve-se ter em mente que

[...] o aluno precisa conhecer minimamente o quadro de variação linguística existente em nosso país e, a partir de reflexões sobre as regras variáveis da língua e os valores sociais atribuídos a diferentes variantes, observar os aspectos que diferenciam as variedades e os efeitos sociais que redundam em atitudes de exclusão com base na variedade linguística que se fala (Coelho et al., 2015, p. 138)

Quando se conhece algo é possível desmistificar e buscar romper com prática de preconceito. No caso do preconceito linguístico é sabido que por ele são revelados outros tipos de preconceito de cunho social, para tanto, como vimos na citação acima, o conhecimento sobre os diversos falares contribui para que o aluno reflita sobre a língua materna, observe os diferentes modos de falar, perceba a infinidade de variantes possíveis e rompa com práticas de preconceito. Deste mesmo modo, também é possível a contribuição para com a ampliação do conhecimento linguístico, a saber: compreender as regras gramaticais de acordo o livro didático e as regras linguísticas funcionais que são usadas no cotidiano sobretudo nas falas não monitoradas. A partir destas percepções, os alunos podem fazer escolhas linguísticas conscientes de acordo com suas intenções comunicativas nos mais diversos ambientes em que estiverem inseridos.

Outro ponto importante evidenciado por Coelho et al. (2015), diz respeito a consideração de que os alunos quando chegam na escola já fazem uso da língua de maneira funcional e não deve ser uma preocupação da escola ensinar o aluno a se comunicar em vivências rotineiras, ou seja, o aluno já domina as regras da gramática internalizada. Para tanto o papel da escola é

[...] expor a ele [o aluno] outras variedades da língua, a variedade dos amigos, dos pais, de pessoas de outras regiões e confrontá-las com a norma culta, falada e escrita que deve ser usada em determinadas situações comunicativas. A variedade eleita pela escola como culta – convencionada como variedade de prestígio – deve ser ensinada ao aluno de maneira gradativa e sistemática, sem jamais desqualificar sua fala, possibilitando a ele o bi ou o multidialetismo (Coelho et al., 2015, p. 148-149).

Considerando aspectos sociolinguísticos, os autores discorrem que “a Sociolinguística assume uma postura de combate ao estigma associado a variantes de pouco prestígio social – aquilo que a sociedade chama de ‘erro’ na linguagem falada” (Coelho et al., 2015, p. 149), nesse sentido, defendem que, assim como o aluno, o professor precisa conhecer e ainda mais precisa conhecer os pressupostos sociolinguísticos para desenvolver o ensino da língua materna sabendo “[...] operar com as noções de diversidade e variedade que permitem a ampliação da competência sociocomunicativa do aluno para que ele cresça como cidadão” (Coelho et al., 2015, p. 159), o professor é, portanto, um pesquisador e não, ainda conforme os autores, um repetidor das informações que vem prontas e acabadas em alguns materiais didáticos.

3.1.3 Sociolinguística Educacional

Dentre os aspectos sociolinguísticos e as pontuações sobre variação e ensino vistas até aqui, é oportuno trazer algumas considerações sobre a Sociolinguística Educacional enquanto uma área multifacetada (Bortoni-Ricardo, 2014).

Segundo Bagno (2017), a Sociolinguística Educacional se refere a um

conjunto de reflexões e de práticas que objetivam dotar a educação linguística de um suporte teórico metodológico capaz de promover um ensino-aprendizagem de língua materna [...] em que seja possível levar em conta o repertório linguístico dos aprendizes para, com base nele, ampliar sua competência comunicativa (Bagno, 2017, p. 428).

Tal definição é ainda acrescida no que compete a consideração do letramento. Para o autor, o letramento pode ser entendido como “[...] processo por meio do qual um indivíduo é introduzido na cultura letrada; estado ou condição em que se encontra esse mesmo indivíduo depois de sua inserção na cultura letrada; conjunto de práticas socioculturais em que a escrita tem papel central” (Bagno, 2017, p. 2016).

Assim sendo, o autor esclarece que no Brasil a Sociolinguística Educacional está ligada aos trabalhos desenvolvidos pela professora Stella Maris Bortoni-Ricardo. Vejamos o que a autora fala sobre este campo teórico:

denominei Sociolinguística Educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e a análise do discurso (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 158)

A autora expõe que a realidade brasileira é marcada por problemas educacionais e que, para além disto em algum momento da história, houve um equívoco no entendimento sobre as variantes não padrão: enquanto os linguistas defendiam que essas variantes não eram erros e sim diferenças mais produzidas nas falas orais, o entendimento das escolas foi que não deveria ocorrer nenhum tipo de correção. Para tanto, segundo a autora, essa percepção não levou em consideração que produções linguísticas devem estar adequadas aos contextos de uso em que estão ocorrendo, bem como que existem diferenças entre a fala oral e escrita formal.

Com interesse particular pelas questões educacionais, Bortoni-Ricardo (2014) apresenta alguns princípios subsidiados na Sociolinguística Educacional, vejamos:

Quadro 7 – Princípios da Sociolinguística Educacional

1	A influência da escola não deve ser procurada em estilos coloquiais e espontâneos dos falantes, mas em seus estilos mais monitorados.
2	A escola deve ocupar-se principalmente das regras variáveis que recebem avaliação negativa na sociedade, enfatizando as que são mais salientes.
3	O estudo da variação sociolinguística no Brasil, por não estar essa variação associada basicamente à etnicidade, exceto no caso das comunidades indígenas bilíngues, não tem o potencial de conflito interétnico que assume em outras sociedades. Conduzido com sensibilidade e respeito esse estudo pode ser muito positivo.
4	Os estilos monitorados da língua devem ser reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula. Eventos de oralidade podem ser conduzidos em estilos mais casuais.
5	A descrição da variação da Sociolinguística Educacional não deve ser dissociada da análise etnográfica de sala de aula, que permite avaliar o significado que a variação assume para os atores naquele domínio, particularmente a postura do professor diante das regras não padrão da língua.
6	É importante que professores e alunos tenham uma conscientização crítica de que a variação linguística reflete desigualdades sociais. Essa reflexão vai promover o empoderamento do professor.

Fonte: Bortoni-Ricardo (2014)

Perpassados tais princípios que colaboram com a prática do professor em sala de aula, a autora ainda vai mais além e elenca algumas tarefas para o ensino da língua materna subsidiadas na Sociolinguística, das quais pontuamos algumas abaixo:

Quadro 8 – Tarefas para o ensino da língua materna nos anos iniciais

1	Desenvolver recursos para facilitar a integração entre os conhecimentos de língua oral que os alunos trazem consigo para a escola e as competências de leitura, escrita e oralidade que vão adquirir ou aprender;
2	Atentar para a transição dos modos de falar para os modos de escrever e ler e refletir sobre as convenções da língua escrita, inclusive pontuação;
3	Organizar o tempo pedagógico e o planejamento do ensino e elaborar jogos e brincadeiras adequadas ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa;
4	Identificar as qualidades de um bom livro didático para o trabalho com a língua portuguesa levando em conta a série escolar em que atua e organizar o uso da biblioteca escolar e das salas de leitura;
5	Distinguir entre as regras variáveis no repertório dos alunos as que têm caráter regional das que têm caráter idiossincrático e elaborar estratégias pedagógicas para o trabalho com a variação linguística: regional; social e funcional;
6	Tarefas voltadas ao desenvolvimento da competência leitora;
7	Tarefas voltadas ao desenvolvimento de estratégias da produção escrita.

Fonte: Bortoni-Ricardo (2014)

Portanto, a autora enfatiza que entende a Sociolinguística Educacional como uma grande área de estudos e reflexões que tem compromisso com o ensino, aprendizagem e ampliação de conhecimentos linguísticos, sobretudo no âmbito escolar.

3.1.1.3 Ensino do léxico

Ao longo de nossas reflexões vimos que o estudo da língua materna em sala de aula tem muito a colaborar com o processo de aprendizagem dos estudantes, com a desmistificação do preconceito linguístico e respeito aos diversos falares que coexistem em espaços comuns.

Dentro do estudo da língua materna, destacamos atenção em particular ao ensino do léxico, visto que consideramos que ele é a forma linguística mais usual e direta no cotidiano por meio da fala e também da escrita. Na fala casual, sobretudo não monitorada, aparecem muitas variantes que podem ser prestigiadas ou estigmatizadas e nesta última, revelar traços de preconceito e desigualdades sociais.

O ensino do léxico permite que tanto professores quanto alunos reflitam sobre a língua, ou seja, a língua de acordo com a gramática normativa presente nos livros/materiais didáticos e a língua de fato usual no dia a dia, podendo observar diferenças entre a fala e a escrita, entre a linguagem formal e informal, entre variantes de prestígio e estigmatizadas, bem como sobre os fatores que influenciam as escolhas linguísticas de acordo com determinados contextos ou interlocutores, assim, o ensino do léxico é um processo reflexivo.

Entendendo que a reflexão sobre os usos lexicais é de grande valia para o campo da pesquisa [e para nós acrescentamos também o campo do ensino e da aprendizagem], Labov utilizou, dentre seus instrumentos para coleta de dados da pesquisa na ilha Martha's Vineyard, um questionário lexical como uma estratégia para colaborar com a verificação dos ditongos investigados, segundo o próprio Labov (2008) ele fez uso de “um questionário lexical, usando os marcadores regionais mostrados como mais significativos nos mapas do LANE [...]” (Labov, 2008, p. 31), o autor deixa implícito a relevância do léxico nas pesquisas, estudos [e ensino] sobre a língua.

Coelho et al. (2015), também evidenciam a relevância do léxico por meio da coleta de dados com questionários semântico-lexicais para a construção de atlas linguísticos que sistematizam a diversidade lexical em diferentes regiões. Nesse sentido, os atlas linguísticos

podem servir como material disponível para o ensino e reflexão sobre o próprio léxico e o léxico de outros, lugares, povos e culturas.

Em seus estudos Leite (2003), cita que “o nível linguístico em que a relação língua/sociedade é mais explícita, ou evidente, é o léxico [...]” (Leite, 2003, p. 28), tomando como base essa afirmativa, é mais que necessário desenvolver estratégias de ensino lexical com os alunos para instrumentalizar tais estudantes com elementos linguísticos que contribuam para a ampliação de conhecimento e escolhas linguísticas conscientes e intencionais às realidades que vivenciarão.

Dentre essas estratégias, destacamos o uso de dicionário como um recurso exploratório que permite o descobrimento de novas palavras ou atribuição de novos sentidos, além de colaborar com a competência leitora e inclusão de novas palavras/sentidos/significados no repertório lexical falado ou escrito.

Castilho (2014), na obra “Nova gramática do Português Brasileiro” apresenta considerações sobre a história do português no Brasil, sobre elementos linguísticos, normas gramaticais, percepção da variação, entre outros aspectos. Nos interessa pontuar aqui a sua percepção sobre os dicionários “[...] recolhem os vocábulos e seus sentidos considerados aceitos no uso da língua” (Castilho, 2014, p. 92), o manuseio do dicionário em sala de aula pelos alunos é mais uma possibilidade de ampliação de conhecimento sobre a língua materna. O movimento de procurar as palavras por ordem alfabética com atenção aos verbetes, bem como ao significado ou diversos sentidos que podem ser atribuídos à palavra conferem ao estudante a reflexão sobre sua língua a partir da ótica da gramática normativa, nesse sentido esse aluno pode elencar semelhanças e diferenças entre o disposto gramaticalmente normativo e as regras funcionais utilizadas nas falas cotidianas não monitoradas, por exemplo.

Ainda sobre os dicionários, o autor afirma que:

consultamos esses importantes instrumentos para conhecer (i) o sentido e a pronúncia de uma palavra; (ii) o modo correto de escrevê-la; (iii) suas propriedades gramaticais (por exemplo, como dada palavra se flexiona, como se constroi, a que classe pertence); (iv) sua origem; (v) como usá-la (seria uma forma culta, um regionalismo, um termo da gíria, um termo formal/informal, um arcaísmo?), e assim por diante (Castilho, 2014, p. 92).

Portanto, o dicionário é um aliado dos estudos linguísticos, sobretudo no que corresponde ao léxico. Está à disposição do professor para contribuir com o trabalho pedagógico como mais um leque de possibilidade de exploração, investigação e reflexão sobre os usos lexicais, significados e sentidos. É interessante que o professor junto com os alunos utilize o dicionário como recurso cotidiano nas aulas de língua portuguesa a fim de estimular o interesse dos estudantes pela leitura, escrita e demais elementos relacionados à língua. Deste modo, após apresentação dos aspectos sociolinguísticos, seguimos para apresentar os aspectos metodológicos que orientaram a execução da nossa pesquisa de campo.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os aspectos metodológicos que orientaram o percurso da nossa pesquisa de campo. Relembramos que partimos dos seguintes questionamentos: como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano? Como despertar a consciência dos alunos sobre a variação lexical? Que fatores justificam a realização dos casos de variação lexical identificados? Assim, nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar casos de variação lexical na fala e na escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, para isto observamos como se realiza a variação lexical na fala e na escrita destes estudantes, na sequência desenvolvemos atividades voltadas para o estudo da variação lexical cotidiana e sistematizamos quais os fatores contribuem para a realização dos casos de variação lexical identificados na fala e escrita desses alunos.

Desse modo, nesta seção apresentamos a caracterização da pesquisa, em seguida a caracterização do campo de investigação que irá compreender as observações sobre a escola, a turma de alunos, as professoras e sobre o bairro. Destarte, apresentamos o percurso da pesquisa desde sua proposta ao processo seletivo de mestrado da Universidade Federal de Alagoas - UFAL até a sua execução em campo após aprovação do comitê de ética. Feito isso, discorreremos sobre os instrumentos de pesquisa, descreveremos as atividades desenvolvidas com os alunos e por fim apresentamos a caracterização dos moradores participantes da pesquisa por meio de entrevistas.

4.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa sobre a variação lexical perpassa o contato com os diversos falares inerentes as vivências sociais cotidianas. Observar os usos lexicais reais para além dos usos ideais de acordo com normas da gramática, é passear por entre palavras, mas não só as palavras costumeiras aos ouvidos e vivências do pesquisador, também outras palavras evidenciadas pela necessidade de comunicação real e muitas vezes urgente de acordo com o avanço tecnológico e de transferência de informações por meio da internet.

Neste sentido, esta pesquisa foi desenvolvida em um contexto efervescente de variados usos lexicais simultâneos: a escola, para ser mais específica, a escola pública. De antemão, reconhecemos a escola com um organismo vivo e plural no sentido da percepção dos diversos usos da língua que saltam os muros escolares. A escola campo de pesquisa é estruturalmente

pequena, como veremos adiante, porém o pulsar linguístico é sentido e, literalmente ouvido, além dos muros da escola chamando a atenção dos transeuntes do local.

Conforme sinalizado, o campo de investigação para coleta de dados foi uma escola pública com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida de forma quantiqualitativa, pois “a premissa básica da integração (entre pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa) repousa na ideia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance de outro” (Goldenberg, 2011, p. 63). A autora afirma ainda que “os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares” (Goldenberg, 2011, p. 63).

No que corresponde a abordagem qualitativa, Goldenberg (2011), expressa que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (Goldenberg, 2011, p. 53). Além da abordagem qualitativa a pesquisa teve cunho etnográfico, considerando que “a etnografia é a coleta direta, e o mais minuciosa possível, dos fenômenos que observamos [...] Esses fenômenos podem ser recolhidos tomando-se notas, mas também por gravação sonora, fotográfica ou cinematográfica” (Laplantine, 1994, p. 16). Para tanto a pesquisa também foi desenvolvida considerando aspectos quantitativos, visto que “[...] os métodos quantitativos pressupõem uma população de objetos de estudo comparáveis, que fornecerá dados que podem ser generalizáveis” (Goldenberg, 2011, p. 63).

Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar casos de variação lexical na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública alagoana, para tanto foi necessário observar como se realizava a variação lexical na fala e na escrita desses alunos, desenvolver atividades voltadas para o estudo da variação lexical cotidiana junto com eles e sistematizar quais fatores contribuíam para a realização dos casos de variação lexical identificados na fala e escrita deles.

Com estes objetivos em mente, trabalhamos com os seguintes questionamentos: como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano? Como despertar a consciência dos alunos sobre a variação lexical? Que fatores justificam a realização dos casos de variação lexical identificados?

Dessa forma, nos dedicamos para o desenvolvimento de uma pesquisa com o cumprimento de princípios éticos a fim de construir um trabalho com relevância acadêmica e social, bem como retornar contribuições para ampliação de conhecimento para as pessoas interessadas na variação linguística, para a comunidade escolar do nosso campo de pesquisa, para a comunidade bairrista, para professores e/ou pesquisadores e toda a comunidade em geral que tenham interesse pelo tema de nossa pesquisa.

4.2 Caracterização do campo de investigação

Nossa pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual alagoana de educação situada no bairro Riacho Doce pertencente à região norte da capital Maceió. A seguir, apresentamos a caracterização da escola, da turma de alunos do 5º ano, das professoras e do bairro.

4.1.2 A escola campo de pesquisa

A Escola Estadual Antônio Vasco é localizada na praça José Emídio de Carvalho, s/n, no bairro Riacho Doce, situado no litoral norte de Maceió – Alagoas. A escola atua com Ensino Fundamental I – 1º ao 5º ano e Educação de Jovens e Adultos – EJA¹⁰. Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP (2022), a escola tem uma estrutura pequena e não tem como atender a demanda de todo o bairro, visto o grande avanço populacional e a não ampliação da escola. O documento revela que a escola foi construída há mais de 50 anos, em um terreno doado por um antigo morador chamado Alcindo Monteiro. Durante esse tempo, ocorreram algumas reformas, de pequeno porte, mas nada que indicasse uma ampliação estrutural. Por ocasião de sua fundação, a escola era denominada Escola Isolada de Riacho Doce, e só posteriormente passou a ter a nomenclatura atual.

Ainda segundo o PPP (2022), tal nomenclatura foi uma homenagem ao comerciante Antônio Vasco, pois sempre estava disposto a ajudar os moradores do bairro em relação às necessidades sociais e econômicas, bem como tinha influência junto ao governador da época tornando-se uma pessoa bastante procurada e querida pela população local, deste modo a

¹⁰ No ano de 2022, as turmas de 1º, 2º, 3º foram ofertadas no período vespertino, 4º e 5º ano no período matutino e a Educação de Jovens e Adultos – EJA, no período noturno.

homenagem se deu pelo decreto n. 38.555, de 18/09/2000, assinado pelo governador Ronaldo Lessa.

Segundo o PPP (2022), a estrutura da escola é constituída por 4 salas de aulas (duas em tamanho convencional e duas em tamanhos menores), 1 sala de secretaria, 4 banheiros, 1 almoxarifado, 1 depósito para merenda, 1 cozinha e 1 pequeno pátio coberto e 1 pequena área descoberta que se funde ao pátio coberto nos momentos de recreação.

Mesmo com uma estrutura pequena, a escola atende alunos de Riacho Doce, de suas regiões de complemento e também de bairros vizinhos. Os alunos têm em média a seguinte faixa etária: no Ensino Fundamental I, idade entre 6 e 14 anos; na Educação de Jovens e Adultos – EJA, faixa etária de 15 anos acima. Vale salientar que o acesso à escola está mais prático visto a implantação de transporte escolar¹¹ para garantir a segurança no percurso, acesso e permanência dos alunos na escola minimizando a possibilidade de evasão escolar devido à distância de alguns desses bairros até a escola¹².

4.1.1.2 Caracterização da turma e das professoras

A pesquisa foi realizada na turma do 5º ano M02 no período matutino¹³. A priori pela lista de chamada a turma era composta por 30 crianças, no entanto o número real de frequentadores da sala era de 27 alunos com faixa etária entre 10 e 11 anos, 06 meninas e 21 meninos. As crianças desta turma eram residentes nos bairros: Riacho Doce e Garça Torta, subdivididos em regiões de complemento dos referidos bairros, a saber: Chã do Cruzeiro, Boca do Rio, Mirante, Grota do Andraújo, Grota do Ciriáco, Grota do Nereu, Loteamento Novo, Murrão entre outras. Buscamos informações sobre as três crianças ausentes e descobrimos que a primeira criança foi morar em outro estado, a segunda criança foi transferida para outra escola, já a terceira criança apresentava muitas faltas, levando a escola a realizar tentativas de contato

¹¹ O transporte escolar foi implantado na região por volta de 2016/2017, após casos de violência sexual contra adolescentes a caminho de uma das escolas da região norte, no segundo semestre de 2016.

¹² No caso específico das localidades Chã do Cruzeiro e Grota do Andraújo, o percurso é todo de estrada de barro e não há transporte coletivo que faça rota de em média 2 quilômetros até a AL 101 norte principal via de acesso a Riacho Doce. Em janeiro de 2023, a prefeitura de Maceió assinou uma ordem de serviço para a drenagem e pavimentação da via de acesso Chã do Cruzeiro – Grota do Andraújo até a AL 101 norte em Garça Torta, bairro que antecede Riacho Doce. Até janeiro de 2024, as obras estavam em andamento.

¹³ Em 2022, o período matutino funcionou com as seguintes turmas: 4º ano M01 – 26 alunos, 4º ano M02 – 25 alunos, 5º ano M01 – 26 alunos, 5º ano M02 – 27 alunos.

com a família. Tais tentativas não obtiveram retorno, de modo que a direção informou acionamento ao conselho tutelar.

Dos 27 alunos presentes na turma, 26 retornaram o TCLE constando a autorização dos seus responsáveis para participação na pesquisa, 06 meninas e 20 meninos. A criança que não retornou o TCLE informou que a pessoa responsável esqueceu de assinar e perdeu o documento. Diante desta informação entregamos outro TCLE para a criança, esta segunda cópia também não retornou e a criança nos informou que estava ficando na casa de outras pessoas após a saída da escola, fato que, segundo ela, dificultou a assinatura para autorização. As 26 crianças que retornaram TCLEs com autorização dos responsáveis escolheram participar da pesquisa e assinaram os respectivos TALEs totalizando 26 alunos participantes da pesquisa.

A professora da turma – (P1)¹⁴, tem formação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, tem especialização em Administração Escolar e leciona na rede estadual há 22 anos. A professora nos recebeu muito bem e interessou-se pela pesquisa se colocando à disposição para contribuir com as atividades, porém ainda no início de outubro/2022, nos primeiros dias de ida a sala de aula e interação com a turma recebemos a notícia que a professora (P1) sofreu paralisia facial e foi afastada de suas atividades. A orientação que recebemos da direção escolar foi aguardar seu possível retorno dentro de 15 dias.

Diante dessa situação, demos início a pesquisa de campo com os moradores dos arredores da escola. Durante essa etapa, entrevistamos 07 pessoas, 03 mulheres e 04 homens, no entanto por razão de um quadro gripal da pesquisadora foi necessário aguardar o término dos dias de atestado da professora (P1) em repouso e recuperação.

Ao término do período de atestado da professora (P1) e recuperação da pesquisadora, retomamos o contato com a escola para reorganizar as idas a campo em sala de aula. Recebemos a informação de que a professora (P1) seria afastada por 90 dias, inviabilizando seu retorno à sala de aula em 2022. Deste modo, a orientação foi esperar a Secretaria Estadual da Educação – SEDUC/AL enviar uma professora substituta para a turma, durante esse período realizamos ajustes necessários no cronograma das atividades da pesquisa visto a ocorrência dos imprevistos explicitados. A chegada da nova professora ocorreu por volta do fim de outubro.

¹⁴ As professoras da turma serão identificadas como: (P1) e (P2).

A professora substituta (P2)¹⁵, tem formação em Letras Português e Letras Espanhol, formada pelo Centro Universitário Cesmac e leciona na rede estadual há 22 anos. Em contato com a professora (P2), explicamos sobre a pesquisa e estágio atual até o afastamento da professora (P1). A pesquisa foi aceita com interesse e disponibilidade para contribuições.

4.1.1.1.2 A escola e a relação com a comunidade: caracterização do bairro

O bairro ao qual a escola pertence é chamado Riacho Doce, localizado no litoral norte de Maceió/AL com principal via de acesso a AL 101 norte ou Avenida General Luiz França de Albuquerque. Sua formação histórica remonta uma bela paisagem com praia paradisíaca, coqueiros, vento agradável, mar de água quente e cristalina, bem como um lindo rio e muitas árvores frutíferas. Segundo Santos et al. (2013):

O bairro de Riacho Doce surgiu através de movimentos migratórios de sujeitos que vinham a cavalo de outras cidades que se localizam no litoral norte, com o destino a capital de Alagoas, estes viajantes tinham o local como parada para descanso, devido esta região possuir riacho de águas doces e cristalinas, que corta o bairro e deságua no oceano. Riacho Doce também ficou conhecido pela descoberta de petróleo por Edson de Carvalho no local, o qual foi o primeiro lugar em Alagoas a ser perfurados poços de petróleo (Santos et al., 2013, p. 03).

Outro aspecto marcante da história do bairro destacado no Projeto Político Pedagógico da escola refere-se à estada do escritor paraibano José Lins do Rêgo por volta da década de 1930. Encontrando-se em Maceió encantou-se pelo bairro e escreveu o romance “Riacho Doce”¹⁶ que na década de 1990 tornou-se minissérie da Rede Globo de televisão.

Os aspectos históricos e culturais se entrelaçam com o léxico dos alunos mostrando que a língua é também uma forma de identidade social e o quão relevante é pesquisar os usos linguísticos no chão da escola em vivências reais de falas não monitoradas nas quais são transparecidos traços culturais. Para tanto, a cultura local é repassada de geração para geração coexistindo no bairro grupos de danças folclóricas, artesanato como crochê e filé, produção de bolos artesanais nas casas de farinha, tecimento de redes de pesca na praça principal, construção e manutenção de jangadas e prática de “impu”¹⁷. As principais atividade econômicas são a pesca

¹⁵ Professora substituta para turma diante do afastamento médico da professora (P1).

¹⁶ O livro “Riacho Doce” de José Lins do Rêgo está disponível em vários exemplares para empréstimo na Biblioteca Central (BC) do campus A.C Simões da Universidade Federal de Alagoas.

¹⁷ Prática de ajudar a empurrar a jangada da beira do mar para retorno à terra após a pesca. Os praticantes de “impu” são como ajudantes dos pescadores e recebem uma quantidade de peixes como forma de agradecimento pela ajuda prestada.

e venda de frutos do mar, produção e venda de bolos artesanais em outros bairros, bem como no próprio Riacho Doce para os moradores locais e principalmente para os turistas que passam pela AL 101 norte, venda de frutas, comércio de gêneros alimentícios, bebidas, peças de roupas, materiais de construção e derivados.

A religião predominante é a católica com os fiéis da igreja Nossa Senhora da Conceição situada às margens da rodovia principal. Tradicionalmente a partir de 29 de novembro são realizadas missas e festejos religiosos culminando no dia 08 de dezembro com a procissão da padroeira pela AL 101 norte, de Riacho Doce até Garça Torta. Também estão presentes no bairro igrejas protestantes de várias nomenclaturas e apresentam um público em considerável crescimento.

De acordo com os dados do censo demográfico de 2010¹⁸, Riacho Doce possuía em números para domicílios urbanos: 2.512 homens e 2.706 mulheres, totalizando 5.218 pessoas. Em relação à escolarização a taxa de alfabetização das pessoas de 10 anos de idade ou mais era de 84,3% para homens e 83,9% para mulheres (IBGE, 2010).

Riacho Doce é um bairro com características bucólicas e facilmente confundido com regiões de interior devido a relativa distância do centro da cidade, bem como ao considerável número de sítios existentes no local. O bairro é dividido na parte alta e parte baixa, a parte alta é conhecida como Alto do Riacho Doce, Chã do Cruzeiro ou ainda Alto do Cruzeiro em alusão a cruz colocada no alto da ladeira ainda sob vestígios da época da formação do bairro, local que hoje é construída a Igreja Católica Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da parte alta do bairro.

A Chã do Cruzeiro tem como principal acesso uma estrada de barro chamada Rua Antônio Felix, esta denominação se deu em homenagem a um antigo morador que junto com outros moradores reivindicaram à prefeitura o fornecimento de energia elétrica para o local, porém na semana da inauguração da implantação da eletricidade o senhor Antônio Felix faleceu, sendo homenageado postumamente.

¹⁸ Utilizamos os dados estatísticos do censo demográfico de 2010 porque devido a pandemia da Covid-19 o censo previsto para 2020 foi adiado para 2022. De tal modo, no ano de 2023 foram divulgados alguns primeiros resultados do censo 2022 contemplando informações sobre estados e municípios de forma geral, porém até dezembro do mesmo ano não haviam sido disponibilizadas as informações mais específicas sobre os bairros.

Da implantação da energia elétrica até os dias atuais, a saber o ano de 2023, essa parte do bairro teve tímidas modificações, como: implantação de água encanada, pavimentação da ladeira (principal acesso à parte alta), construção de casas e igrejas e ampliação de pequenos comércios. Em relação ao acesso a direitos básicos, na Chã do Cruzeiro não há posto de saúde, escola¹⁹, creche, pavimentação e saneamento, áreas de lazer e nem transporte coletivo, a falta deste último obriga os moradores a caminhar em média 1km até chegar à ladeira e depois descê-la ou subi-la a pé e caminhar mais 1km até a residência. Em meados de 2015, a população da parte alta do bairro aumentou consideravelmente com a chegada de novas famílias para habitar o residencial Sonho de Antônio Duarte, residencial construído por meio do programa do Governo Federal Minha Casa, Minha Vida, o qual possui a única via pavimentada da parte alta do bairro.

A parte baixa do bairro, é mais desenvolvida socioeconomicamente. O acesso principal pela AL 101 norte, além de ser rota turística agrega vários comércios locais, dentre eles: mercadinhos, lojas de roupa, farmácia, lanchonetes, sorveteria, papelaria, borracharia, restaurantes, trailer para lanche, depósito de bebida entre outros; agrega também equipamentos sociais, como: escola da rede estadual²⁰, igrejas, Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, praça, campo de futebol; dentre as atividades artesanais que são características marcantes do bairro estão a pesca, a venda de peixes e frutos do mar, bem como a produção de bolos artesanais feitos de macaxeira, milho, coco entre outros produtos da terra que contribuem de certo modo com o caráter bucólico do bairro. Todos esses equipamentos sociais e pequenos comércios são bem próximos a escola, alguns funcionários/proprietários desses comércios foram entrevistados em nossa pesquisa e são alunos egressos da escola campo de pesquisa, tal dado nos revelou o caráter de contribuição da escola para a economia e desenvolvimento do bairro, bem como da população de modo geral.

Adentrando as ruas da parte baixa de Riacho Doce para além da via principal que acabamos de relatar, são encontrados muito outros pequenos comércios, posto de saúde e mais igrejas, bem como o crescente recebimento de pessoas advindas de outros bairros. Algumas regiões de sítio receberam nomenclaturas de “grotas”, visto a ocupação desordenada e

¹⁹ Boa parte das crianças com idade entre 06 e 11 anos, moradoras da parte alta do bairro são alunas da Escola Antônio Vasco. Esse dado nos informa a relevância desta escola para a população geral do bairro, visto que na parte alta, em considerável crescimento populacional, não há escola e nem outros serviços públicos.

²⁰ Escola Estadual Antônio Vasco, única escola da rede pública em Riacho Doce.

construções irregulares, esses espaços abrigam em sua maioria pessoas naturais de outros lugares que optaram por residir em Riacho Doce.

O crescimento populacional e disputas territoriais ligadas a comercialização de produtos ilícitos tem aumentado o contexto de violência no bairro. Essas tensões resultaram na recusa da gravação de áudio durante as entrevistas por parte dos moradores participantes da pesquisa, como evidenciaremos adiante.

4.3 Percorso metodológico

Em dezembro de 2021, após cumprimento das fases do processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas – PPGE/UFAL, o projeto de pesquisa “Variação Lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental” foi aprovado. Deste modo, após matrícula no programa, organização e ajustes com a devida orientação, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em maio/2022 por meio da Plataforma Brasil. Durante a período de apreciação ética da pesquisa, ao tempo em que estavam sendo cursadas disciplinas obrigatórias para o mestrado, também foram estabelecidos contatos e diálogos com a direção escolar para explicação e possível viabilidade da pesquisa na escola pretendida.

A direção escolar interessou-se e concordou com o desenvolvimento da pesquisa, acordamos a possível turma e consultamos a professora responsável. A professora demonstrou interesse e disponibilidade confirmando o aceite para a pesquisa em sua turma, dessa forma a direção nos deu aval para início da pesquisa tão logo recebêssemos a aprovação do comitê de ética, então após o atendimento das adequações solicitadas pelo comitê a pesquisa foi aprovada²¹ no fim de agosto/2022.

Em setembro/2022, realizamos o primeiro contato com a turma. Foi um contato muito rico e entusiasmante com 22 crianças presentes na ocasião. Iniciamos uma roda de conversa para apresentação da pesquisadora, da universidade, da pesquisa, da importância da apreciação do comitê de ética, explicação dos documentos necessários para participação, se esta for do interesse do aluno (a), por meio da autorização dos responsáveis, bem como apresentação da professora, dos estudantes da turma e esclarecimentos de dúvidas e respostas para perguntas.

²¹ Pesquisa submetida à apreciação do Comitê de Ética com CAAE: 59247422.8.0000.5013 e aprovada com parecer substanciado n. 5.605.333 em 26/08/2022.

Neste primeiro contato, as crianças demonstraram muita curiosidade para pensar sobre as palavras que elas falam, de modo que ao ouvirem a palavra “léxico” disseram: “que palavra chique” e a repetiram várias vezes em interação e risos (e muitas altas gargalhadas), as boas e altas risadas, as falas simultâneas em alto e bom som foram características marcantes da turma.

Entre interações e falas simultâneas era perceptível o entusiasmo com a proposta da pesquisa: as crianças se sentavam e se levantavam com muita rapidez, puxavam o braço da pesquisadora²² para dizer que gostaram de saber que é possível estudar as palavras que elas falam no dia a dia e não só as palavras que estão escritas nos livros, de modo que exemplificavam: em Maceió se fala “flau”, mas em outros lugares o flau tem outros nomes, como: “geladinho”, “chupe-chupe”, “sacolé”. Essas pontuações feitas pelos alunos, nos confirmaram a relevância da pesquisa, nos evidenciaram o interesse e aceitabilidade das crianças, bem como a riqueza de pesquisar sobre os usos reais da língua materna.

Com base no interesse dos alunos, novamente explicamos sobre o documento para participação com a autorização do responsável, a saber: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e o entregamos a cada aluno nos colocando à disposição para quaisquer esclarecimentos de dúvida ou questionamento dos responsáveis. Também explicamos sobre o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, mostrando para os alunos que eles poderiam escolher entre participar ou não da pesquisa mesmo com a autorização dos seus responsáveis, evidenciamos que a vontade de cada aluno seria respeitada independente do aceite ou recusa em participar da pesquisa sem nenhum prejuízo.

4.4 Instrumentos de pesquisa e descrição das atividades

Colocando “a mão na massa²³” como é costumeiro dizer em Riacho Doce, dispomos de alguns instrumentos para viabilizar a pesquisa, desenvolver atividades e coletar dados. Para tanto, seguimos nossa apresentação dos aspectos metodológicos sinalizando a aplicação desses instrumentos por meio da descrição das atividades realizadas com os alunos, bem como das entrevistas com os moradores participantes da pesquisa.

²² De acordo com a cultura local alguns estudantes costumam chamar a professora de “tia”. Durante as interações entusiasmadas, em alguns momentos, a nomenclatura se estendeu também para a pesquisadora, visto que essa forma de interação era mais usual e confortável para os alunos.

²³ Realizar qualquer que seja a atividade idealizada de forma prática e proativa a fim de obter bons resultados.

4.1.4 Instrumentos de pesquisa

A nossa atividade de pesquisa foi pautada na observação da turma. Este instrumento nos possibilitou pensar e planejar atividades de acordo com os interesses das crianças com atenção aos dados lexicais que precisávamos para o *corpus* da pesquisa. A observação foi nossa grande aliada ao longo de toda pesquisa para a construção de atividades voltadas para a reflexão da variação lexical com caráter de brincadeira, visto a aceitabilidade de participação dos alunos.

Como veremos adiante, a observação nos concedeu elementos para o planejamento e execução da “Brincadeira Palavras na Sacola” com o uso de materiais simples como: cartolinas, colas e lápis coloridos para a reflexão da variação lexical por meio da produção de sentidos com palavras polissêmicas.

Nesta mesma linha de raciocínio, a observação da turma colaborou com a ideia da realização de esboços de dicionários regionais feitos pelos alunos com a montagem de lista de palavras/expressões em folhas de papel A4 e escrita no quadro branco da sala com apresentação de inferências dos grupos previamente organizados para o restante da turma.

O desenvolvimento dessas atividades caracterizadas como brincadeiras caminhou para a escritas de narrativas com o uso de folha e lápis comum gerando material sistematizado para análise de dados lexicais que puderam ser comparados com dados lexicais oralizados coletados em posteriores narrativas orais gravadas a partir de relatos dos alunos em aparelho celular destinado à pesquisa. Estes materiais simples potencializados pela observação da turma se constituíram instrumentos de pesquisa para o desenvolvimento de atividades e coleta de dados.

Outro importante instrumento para coleta de informações sobre a variação lexical dos alunos foi a entrevista. Este instrumento foi aplicado com os alunos da turma com perguntas relacionadas ao léxico que utilizam no dia a dia dentro e fora da escola. Este foi também o instrumento utilizado para coleta dos dados informados pelos moradores. No que se refere às entrevistas realizados com os participantes externos à escola foram feitas algumas adaptações nas perguntas a fim de adequar a entrevista ao perfil desse público, mas mantendo o foco na coleta de dados sobre a variação lexical.

4.1.1.4 Contato com os alunos: descrição das atividades

Diante dos imprevistos, feriados, dias de jogos da Seleção Brasileira de Futebol²⁴, foram feitos ajustes necessários no cronograma de atividades e após o primeiro contato com a turma em setembro, foram realizadas onze (11) idas a campo para desenvolvimento da pesquisa com a turma.

No 1º encontro, havia 20 alunos na sala, observamos as crianças da turma com seus pares em sala de aula e no momento do recreio. Em sala, organizamos as carteiras em pequenos círculos e realizamos a brincadeira “Palavras na sacola” que consistiu na formação de 04 grupos, sorteio de palavras polissêmicas, colagem, escrita dos significados conhecidos por cada grupo e produção de cartazes que ficaram expostos na sala até o término da pesquisa. A brincadeira teve em média duração de uma hora²⁵. Todo o material utilizado foi de responsabilidade da pesquisadora. Essa brincadeira foi formulada a partir das primeiras interações e rodas de conversa com as crianças nas quais foram percebidas demonstrações de curiosidade e interesse delas na proposta de pesquisa. O objetivo dessa brincadeira foi ampliar o conhecimento das crianças em relação à pluralidade lexical que elas produzem no cotidiano. A brincadeira proporcionou proximidade das crianças com a temática variação lexical para a reflexão sobre palavras, diferentes significados e variados contextos de uso e possibilitou a coleta de dados para análise sobre as escolhas lexicais dos alunos.

No 2º encontro, retomamos a brincadeira “Palavras na sacola” com a apresentação dos cartazes produzidos pelos grupos, neste dia havia 24 alunos na sala. Cada grupo explanou suas inferências sobre os significados das palavras utilizadas para a construção do cartaz. Após as apresentações, mantendo os mesmos grupos iniciamos a produção de um dicionário regional com palavras/expressões do cotidiano das crianças dentro e fora da escola. A atividade de produção de dicionário regional foi planejada a fim de evidenciar as palavras/expressões regionais comumente utilizadas pelos alunos e coletar dados de possíveis variações lexicais existentes relacionadas a traços culturais. O dicionário foi construído de forma simples: a priori, cada grupo se reuniu e montou uma lista escrita de palavras/expressões em uma folha de papel

²⁴ A copa do mundo de futebol, sediada no Catar em 2022, foi iniciada em novembro tendo como um dos times competidores a seleção brasileira.

²⁵ Conforme combinado com a professora (P2), as atividades da pesquisa foram realizadas após o momento do recreio e retorno das crianças para a sala de aula. Geralmente, nossas atividades tiveram a duração de uma hora a uma hora e quinze minutos em média, visto que os alunos largavam às 11h na época da pesquisa.

A4 entregue pela pesquisadora e depois apresentou a lista para a turma explicando cada palavra/expressão e seu significado. Para colaborar com a apresentação de cada grupo a pesquisadora dividiu o quadro em quatro partes e escreveu as escolhas de cada um para que os outros grupos pudessem visualizar e discutir sobre as escolhas apresentadas. De modo geral, a atividade possibilitou a coleta de variantes lexicais por meio da apresentação dos alunos de acordo com as suas vivências culturais, dentro e fora do espaço escolar, bem como colaborou com a percepção dos alunos de que eles são produtores de conhecimento e tem conhecimento significativo sobre a variação lexical. Após esta atividade, no encontro seguinte demos início as entrevistas com os alunos.

No 3º encontro, estavam presentes 25 crianças. Iniciamos as entrevistas semiestruturadas com os alunos conforme combinado com a professora (P2). No 4º (27 alunos), 5º (23 alunos), 6º (26 alunos) encontros, demos continuidade às entrevistas ajustando as idas a campo e disponibilidade da turma/escola devido aos jogos da seleção brasileira. As entrevistas objetivaram coletar dados sobre possíveis casos de variação lexical presentes no léxico comumente utilizado pelos alunos, perceber influências históricas, sociais e culturais nos possíveis casos de variação lexical, bem como a existência ou não de influência dos meios de comunicação digitais no repertório lexical dos alunos e foram realizadas a partir das seguintes perguntas:

Quadro 9 – Perguntas das entrevistas realizadas com os alunos

1	Quais palavras você conhece que tem mais de um significado e quais são eles?
2	Onde e com quem você aprendeu essas palavras e seus significados?
3	Quantos nomes você conhece para identificar o inseto abaixo?  Fonte: Google

4	Quais outras formas poder ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora”?
5	Quais palavras/expressões mais comuns que você ouve em casa ou na rua?
6	Qual significado você entende quando ouve ou lê as seguintes palavras/expressões: “Aperriado”/“Agora pronto”/“Bagacera”/“Bigu” /“Cambito” /“Cipuada” /“Carão” /“De hoje a oito” /“Do tempo do ronca” /“De rosca”/“Torar um aço” /“Puxavanco” /“Ronxa”.
7	Para você o que cada expressão quer dizer? “O homem fez um gato no poste de energia” / “O meu gato está em cima do muro” / “Gato, vamos jogar futebol?” / “O menino levou um gato do seu pai porque o desobedeceu”.
8	Quais palavras diferentes você leu/ouviu na televisão, em músicas, na internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social) e o que elas significam?
9	Vamos imaginar que você irá faltar a aula amanhã. Como você falaria isso para seu colega de turma?
10	Agora, como você falaria o mesmo assunto para seu (a) professor (a)?
11	Liste palavras/expressões que você acha interessante, lembrando também de informar o significado ou os significados de cada uma (pode registrar mais de um significado para a mesma palavra).

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As entrevistas demandaram bastante tempo. Nesses encontros voltados para as entrevistas o tempo em campo durou toda a manhã, visto que os alunos foram entrevistados um a um. Alguns alunos optaram por serem entrevistados em um canto reservado no fim da sala de aula, outros optaram por serem entrevistados do lado de fora em uma mesa junto a parede da sala. Nenhum aluno quis escrever na entrevista, todos optaram por oralizar as respostas para que a pesquisadora escrevesse. Todos foram respeitados em suas escolhas. De modo geral, as entrevistas foram satisfatórias e possibilitaram a coleta dos dados pretendidos.

No 7º encontro, com a presença de 27 crianças, finalizamos às entrevistas com os alunos autorizados para participar da pesquisa e que haviam faltado à escola nos dias anteriores, bem como realizamos a escrita de narrativas com o tema “Os vários jeitos de falar de Riacho Doce”. Esta atividade foi planejada e desenvolvida em sala de aula após o momento do recreio com o objetivo de coletar dados sobre a variação lexical na escrita da turma. As crianças foram orientadas a escrever sobre suas percepções do jeito de falar em Riacho Doce. As produções foram individuais e possibilitaram a coleta dos dados pretendidos.

No 8º encontro, finalizamos o processo de escrita das narrativas propostas no encontro anterior, iniciamos a coleta das narrativas orais, neste dia havia 21 alunos na turma. Esta atividade foi planejada e realizada com o objetivo de coletar dados sobre a variação lexical na fala da turma, para além da observação das conversas informais. As crianças foram orientadas a relatar suas percepções do jeito de falar em Riacho Doce ou relatar algum evento que achasse interessante. As narrativas orais são dos mesmos alunos produtores das narrativas escritas apresentadas neste trabalho e foram gravadas de forma individual fora da sala de aula para melhor captação dos áudios.

No 9º encontro, estiveram presentes 23 alunos e continuamos a realização das narrativas orais, bem como observação da turma durante as interações com as atividades propostas pela professora no que diz respeito aos usos lexicais espontâneos utilizados pelos alunos. No 10º encontro, foram produzidas narrativas orais e escritas dos alunos ausentes nos dias anteriores. Neste encontro, estiveram presentes 25 alunos.

No 11º encontro, a turma estava completa com 27 alunos. Realizamos o encerramento da pesquisa, visto a proximidade do fim do ano letivo e a ida das crianças para outra escola para cursar o Ensino Fundamental II. O encerramento contou com a presença da professora (P2) e da direção escolar, bem como com falas das crianças sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa de campo foi perceptível o ambiente acolhedor e fraterno que a escola proporciona aos alunos, pais, professores, demais funcionários e inclusive proporcionou à pesquisadora. É de suma importância destacar o acompanhamento zeloso da direção escolar no dia a dia da sala de aula atendendo demandas dos alunos de forma atenciosa, eficaz e atenta a manter a permanência dos estudantes na escola. Bem como, o incentivo de que os pais/responsáveis das crianças ingressem na EJA ofertada pela escola no período noturno. Esse clima afável foi percebido dentre os demais funcionários sempre brincalhões e cuidadosos com os alunos de todas as turmas, bem como dispostos e acolhedores e em relação a presença da pesquisadora na escola, gentis e incentivadores do bom andamento da pesquisa. Desse modo, é relevante destacar ainda que esse ambiente hospitaleiro colaborou de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa de campo e superação dos imprevistos surgidos ao longo do percurso.

4.1.1.1.4 Contato com os moradores: realização das entrevistas

Segundo Goldenberg (2011), o uso de entrevista é vantajoso no sentido da coleta de informações oralizadas, visto que algumas pessoas não sabem escrever, ou como no caso da nossa pesquisa as pessoas escolhem participar apenas de forma oral dispensando a escrita de próprio punho. Portanto, o uso da entrevista em nossa pesquisa foi fundamental visto a escolha de participação oral e não gravada dos participantes, de modo que ainda conforme a autora, “as pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever” (Goldenberg, 2011, p. 88), esta afirmação foi confirmada em nossos convites para participação na pesquisa com o detalhe que as recusas de escrita também estavam envolvidas em receios, visto o cenário de agravamento de situações de violência vivenciado pelo bairro na época, bem como pelo contexto de tensões do período eleitoral, como explicaremos adiante.

O objetivo do uso do instrumento entrevista com os moradores foi coletar dados para percepção de possíveis influências culturais do léxico comumente utilizado no bairro nas escolhas lexicais das crianças no ambiente escolar, bem como identificar possíveis influências das tecnologias digitais que possam de alguma forma estar presentes nessas escolhas. Para tanto, foram feitas as seguintes perguntas aos moradores:

Quadro 10 – Perguntas das entrevistas realizadas com os moradores

1	Quais palavras você conhece que tem mais de um significado e quais são eles?
2	Quais as influências que contribuíram para você aprender e usar essas palavras no dia a dia?
3	Quantos nomes você conhece para identificar o inseto abaixo?  Fonte: Google
3.1	Onde e com quem você aprendeu a chamá-lo dessa forma?
4	Quais outras formas poder ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora”?

5	Quais as palavras/expressões mais comuns nas conversas do dia a dia do bairro que você mora?
6	Qual significado você entende quando ouve ou lê as seguintes palavras/expressões: “Aperriado”/“Agora pronto”/“Bagacera”/“Bigu” /“Cambito” /“Cipuada” /“Carão” /“De hoje a oito” /“Do tempo do ronca” /“De rosca”/“Torar um aço” /“Puxavanco” /“Ronxa”.
7	Para você o que cada expressão quer dizer? “O homem fez um gato no poste de energia” / “O meu gato está em cima do muro” / “Gato, vamos jogar futebol?” / “O menino levou um gato do seu pai porque o desobedeceu”.
8	Quais palavras diferentes você leu/ouviu na televisão, em músicas, na internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social) e o que elas significam?
9	Vamos imaginar que você irá faltar no emprego amanhã. Como você falaria isso para seu colega de trabalho?
10	Agora, como você falaria o mesmo assunto para seu (a) chefe/patrão (a)?
11	Liste palavras/expressões que você acha interessante, lembrando também de informar o significado ou os significados de cada uma (pode registrar mais de um significado para a mesma palavra).

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As entrevistas foram realizadas com 22 moradores de Riacho Doce nos mais diversos espaços de interação nos arredores da Escola Antônio Vasco. Dos 22 entrevistados, 11 são homens com faixa etária entre 28 e 67 anos e 11 são mulheres com faixa etária entre 19 e 87 anos. As entrevistas ocorreram em diferentes dias de acordo com a dinâmica social do bairro, com o convite, explicação sobre a pesquisa, disponibilidade e aceite das pessoas para participação.

Das 11 mulheres entrevistadas, 04 foram estudantes da Escola Estadual Antônio Vasco e 07 estudaram em outras escolas, 03 das entrevistadas entraram na faculdade, uma delas foi estudante da Escola Estadual Antônio Vasco e ao adentrar no Ensino Superior formou-se em Pedagogia pela Unopar; outra não foi estudante da escola e no período da pesquisa era estudante do curso de Design da UFAL e a terceira também não foi estudante da escola campo de pesquisa e é formada em Educação Física pela UFAL.

As ocupações das mulheres são diversas, desde dona de casa a estudante do Ensino Superior. Dos 11 homens entrevistados, todos estudaram na escola campo de pesquisa, as principais ocupações masculinas estão relacionadas ao comércio e/ou prestação de serviços, nenhum dos entrevistados ingressou no Ensino Superior.

A abordagem com os moradores foram realizadas nos arredores da escola com uma linguagem informal estilo conversa, com apresentação, explicação e convite para a participação da pesquisa. Os moradores se mostraram muito curiosos em participar e pensar sobre os falares do bairro que residem, porém houve recusa geral para a proposta de resposta escrita da entrevista pelo participante, bem como da gravação da fala e as justificativas giravam em torno de uma mesma questão: as tensões e contextos de violência crescente que afetam o bairro²⁶.

Outro ponto de tensão que se apresentou durante os contextos das entrevistas com os moradores tem relação com a época de campanha eleitoral estadual, bem como a disputa pela presidência do Brasil²⁷. Mesmo após a explicação do conteúdo e objetivo da entrevista alguns moradores se mostravam receosos à solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, devido ao clima tenso das últimas eleições em que os ânimos estavam bastante exaltados aumentando os casos de violência por divergência de escolhas políticas partidárias, porém em todos os casos em que notou-se tal receio os moradores decidiram assinar e participar da entrevista quanto a certificação de que não havia nenhuma relação da assinatura do TCLE com as eleições.

Se por um momento os moradores apresentavam receios devido às tensões explicitadas acima, novamente solicitavam retomada da explicação sobre o conteúdo da entrevista, de modo que mostravam interesse em participar e em acessar os resultados por meio da posterior publicação desta dissertação. As decisões para participação, na maioria dos casos, vinham seguidas de relatos resumidos na seguinte paráfrase: é de grande gosto colaborar com trabalhos de pesquisa de faculdade porque a educação muda a situação de vida das pessoas e é bom ver uma jovem estudiosa e na faculdade para ser exemplo para as crianças e adolescentes do lugar. É bom trazer estudos sobre o Riacho Doce.

²⁶ Como explicado anteriormente, as disputas territoriais ligadas a comercialização de produtos ilícitos, bem como o célere aumento populacional tem contribuído com a intensificação do contexto de violência no bairro.

²⁷ Em 2022, ocorreram eleições estaduais, bem como eleições presidenciais entre os candidatos Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, com vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Diante das condicionalidades impostas pelo contexto social no momento das entrevistas, bem como respeito a escolha dos participantes as entrevistas ocorreram por meio da observação, conversa e registro escrito pela pesquisadora com o máximo de zelo para evitar possíveis influências do paradoxo do observador²⁸.

De tal modo, após apresentação dos aspectos metodológicos da pesquisa nesta seção, seguimos para a seção seguinte com o intuito de apresentar as análises dos dados coletados na pesquisa de campo por meio dos instrumentos anteriormente.

²⁸ Segundo Tarallo (1985) o paradoxo do observador ocorre entre a necessidade coletar material para análise de dados e a possível interferência da presença do pesquisador na naturalidade da comunicação.

5 ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO

Nesta seção, apresentamos análises das realizações lexicais dos alunos por meio das observações feitas na turma trazendo alguns trechos de diálogos informais. Em seguida mostramos e discutimos os dados coletados por meio do desenvolvimento de atividades voltadas para a percepção e consciência dos alunos sobre a variação lexical, a saber: Brincadeira Palavras na Sacola, Produção de Dicionário Regional, Entrevistas com os alunos, Narrativas Escritas e Narrativas Orais. Deste modo, apresentamos também dados coletados nas entrevistas com os moradores a fim de sistematizar fatores sociais/históricos/culturais que porventura contribuem com os casos de variação lexical identificados nos falares da turma de alunos. Encaminhando-se para o fim da seção, tecemos a sistematização sobre as aproximações e os distanciamentos identificados entre o léxico dos estudantes nas vivências escolares e dos moradores entrevistados no seio da comunidade.

5.1 Realização da variação lexical na turma

Com o intuito observar a realização da variação lexical nos falares da turma, partimos do seguinte questionamento: como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano? Para tanto, valemo-nos do instrumento observação a fim de coletar dados sobre as realizações de variação lexical que os alunos costumam utilizar no dia a dia escolar em diálogos não monitorados.

No início da pesquisa de campo, uma das primeiras tarefas foi a observação dos diálogos espontâneos ao longo dos momentos de interação. Em nosso primeiro encontro, após o contato inicial para apresentação e convite para participação, observamos as interações das crianças durante o recreio e em sala. Quanta pluralidade e intensidade nos diálogos!

O momento do recreio é simultâneo para as quatro turmas²⁹ do turno matutino, porém observamos que as interações linguísticas dos alunos do 5º ano M02 – turma na qual a pesquisa foi desenvolvida – repetiam o padrão da sala de aula: brincar e falar com os colegas da própria turma. Foram poucas as interações com alunos das outras turmas, mesmo com parentes ou amigos de outros espaços de convivência nessas turmas. As brincadeiras preferidas nos dias

²⁹ Conforme sinalizado na seção 2, em 2022 a escola funcionou com as turmas: 4º ano M01 – 26 alunos, 4º ano M02 – 25 alunos, 5º ano M01 – 26 alunos, 5º ano M02 – 27 alunos.

observados eram: jogo de cartas da copa do mundo de futebol – visto a época propícia, jogo de cartas de Pokémon, pega-pega, corrida com elástico, fazer manobras com miniaturas de skate/ “dar grau” no skate e folhear livros disponíveis para leitura no pátio da escola.

Nessas brincadeiras, as crianças interagem oralmente com mais de um interlocutor ao mesmo tempo, apresentavam uma rápida mudança de assunto e em algumas situações mantinham dois ou três diálogos simultâneos com diferentes colegas sem perder a linha de raciocínio e a atenção prestada aos assuntos.

Dentre os vários diálogos simultâneos, tomamos nota de alguns trechos que revelam riqueza da variação lexical entre os estudantes, bem como variação em outros níveis linguísticos:

Quadro 11 – Trechos de diálogos informais

	Trecho	Contexto
01	“Não, você é muito arenguerinha [...]”	Negação ao pedido da colega para empréstimo de um objeto
02	“Olha o grau, olha o grau [...]”	Movimento de virar cartas do jogo Pokémon ³⁰ com batidas manuais
03	“Essa foi a que tu casô, doido [...]”	Ato de colocar cartas de Pokémon para disputa no jogo
04	“Jogô assim pra cima, mano [...]”	Explicação sobre a jogada do colega
05	“Txaaaaaaaaaaaaaa [...]”	Admiração pela excelente jogada do colega durante o jogo Pokémon
06	“Pode não batê”	Advertência ao colega que tentou uma batida antecipada no jogo Pokémon
07	“Vamu brincá”	Convite para brincadeira

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

De modo geral, os trechos estão construídos dentro de um estilo linguístico informal. Tal informalidade, nos trechos evidenciados, nos permite perceber a variação linguística

³⁰Jogo eletrônico/desenho animado de origem japonesa em que os personagens principais são colecionadores de pequenos animais/monstros que sofrem metamorfose, se tornam mais poderosos e disputam batalhas para alcançar outros níveis no jogo. Na ocasião da pesquisa de campo este jogo era realizado com frequência de forma manual por meio de cartas personalizadas dos animais/monstros. Esta versão manual é basicamente o ato de colocar as cartas no chão viradas para baixo, unir as mãos em formato triangular, bater as mãos em cima das cartas com o objetivo de virá-las para cima, quando o jogador obtém sucesso na virada da carta torna-se o dono dela, quando não, cede a vez para o próximo jogador que realizará o mesmo ato com o mesmo objetivo. No fim do jogo aquele que obteve mais cartas têm êxito no aumento de sua coleção e quando as cartas são repetidas existe uma articulação para trocas de cartas com os demais colegas colecionadores.

ocorrendo de forma natural e revela que as referidas falas dos alunos, destacadas acima, apontam influências culturais, pois “a língua é o meio pelo qual o homem expressa as suas ideias, as da sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim, ela não deixa de ser um retrato de seu tempo” (Borin, 2005, p. 07), de acordo com esta afirmação de Borin (2005) os trechos destacados mostram como as crianças utilizam a língua para evidenciar, por exemplo, suas preferências, argumentações, negativas afirmações, incentivos.

Tais usos linguísticos perpassam a variação lexical, bem como outros níveis linguísticos, observemos o trecho 01: “Não, você é muito arenguerinha [...]”, a palavra “arenguerinha” vem de “arengueira” que por sua vez, de acordo contexto situacional mostrado acima, significa alguém que está em desentendimento/contenda com outra pessoa. A ênfase que o aluno falante do trecho deu para a palavra colocando-a no diminutivo nos permitiu inferir sua intenção em comunicar a negativa para seu interlocutor. A pessoa “arenguerinha” poderia ser, dentro desse contexto, a pessoa “encrenqueira” ou “barraqueira” em relação a variação lexical ou ainda “brigona”, “briguenta” no contexto de variação no nível morfológico, segundo Bagno “as formas [...] exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia” (Bagno, 2007, p.40) apareceram vez ou outra em contextos semelhantes dentro outros alunos.

No trecho 02, “Olha o grau, olha o grau [...]”, a palavra “grau” recebe um novo sentido para além da ideia de progressão ou de divisão de estágios. Este trecho refere-se a manobra cheia de habilidade de um dos jogadores de cartas Pokémon e relaciona-se com outras expressões populares comumente presentes no léxico cotidiano do bairro. O trecho “olha o grau” no sentido de “veja, que habilidade notável” se relaciona com as expressões “dar um grau” que significa realizar uma arrumação ou limpeza de forma impecável em determinada coisa/lugar, “meter um grau” que significa ter um asseio bem feito para ir a um encontro romântico ou ainda “bora, dar um grau” relacionada a prática de empinar – erguer a roda dianteira – de motocicletas. A relação entre essas expressões a partir da palavra “grau” e as produções de sentido confirmam que “[...] a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo (Borin, 2005, p. 07), de modo que a expressão utilizada pelos alunos na escola com seus pares está relacionada em produção de sentido com as expressões utilizadas no cotidiano do bairro nas relações sociais e culturais dos moradores.

O trecho 03, “Essa foi a que tu casô, doido [...]”, aponta a realização do processo de monotongação³¹ quando o falante faz o apagamento da vogal “u” na oralização da palavra “casou”. Esse fenômeno é muito comum nos diálogos informais principalmente em situação de não monitoramento da fala. Observemos outro exemplo, o trecho 04: “Jogô assim pra cima, mano [...]”, nesse exemplo, percebe-se que o aluno reduziu a conjugação do verbo “jogar” no passado “jogou” para “jogô” confirmando frequência da monotongação nos diálogos orais informais entre os pares em ambientes de convivência em comum. Prestemos atenção que em ambos os exemplos os alunos finalizam a frase direcionada aos seus interlocutores, no primeiro caso “doido” e no segundo caso “mano”, mas o que há de interessante nessas finalizações? Há muito de relevância nessas percepções. Vejamos que tanto “doido” quanto “mano” referem-se ao interlocutor, ou seja são diferentes nomenclaturas para um mesmo referente: o amigo, em outras palavras manifestação da variação lexical.

O trecho 05, “Txaaaaaaaaaaaaa [...]”, é uma variação da expressão “eita” acrescida de intensidade para indicar espanto ou admiração elevada do observador/interlocutor. No caso analisado, a criança admirou-se de forma intensa com a jogada habilidosa do colega durante uma partida do jogo Pokémon. O que essa expressão nos comunica? De modo geral, a expressão nos diz que a variação de itens lexicais – assim como em outros níveis linguísticos – se manifesta de forma natural e funcional no uso não monitorado da língua, como observamos acima. A expressão “txaaaaaaaa” nos revela também que a língua acompanha a evolução/mudança social, pois: a expressão comumente conhecida, sobretudo no Nordeste, “eita”, pronunciada também como “eitcha”, tem passado por um processo de economia linguística nos diálogos informais apresentando-se como “txa/tcha” e nos casos de maior ênfase no espanto/admiração, como o que relatamos, pronúncia prolongada da vogal “a” no término da palavra para marcar a intensidade no sentido produzido.

No trecho 06, “Pode não batê” e no trecho 07 “Vamu brincá” observamos outra manifestação da variação recorrente nos atos de fala. Na pronúncia “batê” idealizada “bater” e “brincá” para “brincar” acontece o apagamento do fonema /r/ no fim da palavra que caracteriza o verbo no infinitivo. Linares, Peixoto e Moreira (2008), nos esclarecem que o fonema /r/

³¹ Vieira (2022), define “a monotongação [...] consiste na redução do ditongo a uma vogal simples [...]” (Vieira, 2022, p. 15).

quando posicionado em coda silábica³² apresenta polimorfismo relacionando-se com a variação linguística. Além de que a pronúncia de “vamu³³” para “vamos” evidencia um processo de economia linguística que não interfere na compreensão da mensagem, de acordo com Bagno, “o falante, porém, quer falar e pronto. Se uma determinada construção deu certo, funcionou, cumpriu sua missão num determinado enunciado, não há razão para que não funcione novamente em outros enunciados semelhantes” (Bagno, 2006b, p. 186)

Durante as análises dos trechos dos diálogos informais apresentados no quadro acima, foi perceptível a existência de casos de variação lexical na fala dos alunos. Para além da realização da variação lexical nas falas dos alunos, as análises também evidenciaram ocorrência de variação em outros níveis concomitante ao lexical. Esse processo de ocorrências simultâneas da variação em diferentes níveis linguísticos aponta para o exposto por Bagno (2007), “[...] a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores” (Bagno, 2007, p. 40) e acontece de forma funcional sem prejuízo a comunicação dos falantes. Em corroboração com esse entendimento é relevante destacar o pensamento de Labov (2008) em relação a variação da língua,

[...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade [structuredness] com homogeneidade (Labov, 2008, p. 16).

Nessa afirmação, o autor deixa claro que heterogeneidade não quer dizer bagunça linguística e nem que homogeneidade significa estrutura. Portanto, as variações no nível lexical e em outros níveis apresentados nas análises acima estão dentro de um sistema linguístico organizado que funciona de forma satisfatória entre os falantes e seus pares sem prejuízo à comunicação e com pluralidade de variações dentro do uso real da língua materna.

³² Em relação a posição de coda silábica “[...] pode-se também denominar essa posição de posvocálica, ou seja, ocupada por sons que ocorrem após a vogal dentro de uma sílaba” (Antunes; Lourdes, 2016, p. 208).

³³ A pronúncia de “vamu” é tão frequente, de uso real e funcional na cidade de Maceió que o novo sistema automático de bilhetagem eletrônica nos transportes coletivos é intitulado “Vamu mobilidade” em substituição à antiga Associação dos Transportadores de Passageiros do Estado de Alagoas – Transpal. Infere-se que o uso dessa expressão é uma proposta de valorização da identidade e representação da população maceioense, de tal modo essa utilização nos reafirma que a língua está inserida nos mais diferentes espaços sendo uma das representações da cultura dos povos, nos lembra também da riqueza lexical cotidiana, que no caso particular de Maceió, o “vamu” ainda poderia ser substituído por “bora”, “vambora”, “vamu simbora” ou apenas “simbora”, sem sair do contexto e/ou perder o valor de verdade da expressão para o sentido de “vamos”. Cf. <https://vamumobilidade.com.br/>.

Assim, com base nas observações da dinâmica linguística durante as interações entre os alunos por meio dos diálogos informais conforme mostramos acima, planejamos e realizamos atividades voltadas para a percepção e consciência sobre a variação lexical, conforme veremos abaixo.

5.2 Percepções e consciência sobre a variação lexical

Realizadas as observações, desenvolvemos atividades voltadas para o estudo da variação lexical cotidiana junto com os alunos a partir do segundo questionamento: como despertar a consciência dos alunos sobre a variação lexical? Nesse sentido, considerando as observações já realizadas e pensando na díade variação e ensino propomos e desenvolvemos atividades com foco da percepção e consciência sobre a variação lexical, a saber: Brincadeira Palavras na Sacola, Produção de Dicionário Regional, Entrevistas, Narrativas Escritas e Narrativas Oraís.

5.3 Brincadeira Palavras na Sacola

A brincadeira Palavras na sacola foi planejada a partir da observação das primeiras interações, rodas de conversa com as crianças e nas demonstrações de interesse dos alunos pela proposta de refletir sobre seus falares cotidianos. Conforme combinado com a professora (P2) desenvolvemos a brincadeira após o momento do recreio. Os alunos foram orientados a formar grupos para sorteio de palavras previamente selecionadas e dispostas dentro de uma sacola. De tal modo, foram formados 04 grupos para sorteio de palavras polissêmicas³⁴, colagem, escrita dos significados conhecidos por cada grupo e produção de cartazes para apresentação e exposição na sala. O objetivo dessa brincadeira foi despertar o conhecimento das crianças em relação a pluralidade lexical que elas produzem no cotidiano. A brincadeira proporcionou proximidade das crianças com a temática variação lexical para a reflexão sobre palavras, diferentes significados e variados contextos de uso.

É importante destacar que os alunos dividiram os grupos sob organização própria e por afinidade. A partir dessa autonomia foram formados os quatro grupos da seguinte maneira:

³⁴ Palavras com a mesma forma escrita, mas que apresentam significados diferentes.

Quadro 12 – Divisão dos grupos de alunos

Grupo	Quantidade de integrantes	Organização grupal
01	06	seis meninos
02	06	seis meninos
03	05	cinco meninos
04	07	um menino e seis meninas

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Após tal organização, três grupos retiraram seis palavras da sacola cada um e o quarto grupo retirou sete, a seleção das palavras ocorreu de forma aleatória. Dessa forma, iniciou-se discussões entre os pares nos grupos para refletir sobre o significado (s) das palavras sorteadas. Os grupos tinham acesso ao dicionário, caso fosse preciso consulta para sanar dúvida em relação a alguma palavra ou significado, apenas um grupo solicitou acesso para consulta de uma palavra³⁵.

Os grupos montaram cartazes, representados nos quadros abaixo, para exposição e apresentação das conclusões das quais destacamos algumas palavras para reflexão.

Quadro 13 – Grupo 01: Brincadeira Palavras na sacola

Palavra	Percepções dos alunos
mangueira	pé de manga/ escola de samba/ objeto de regar
banco	Banco Central/banco público de praça/ banco de sacar dinheiro
cabeça	parte do corpo/ pessoa inteligente/cabeça de alho/pessoa cabeçuda/papo cabeça
bala	doce/munição
estrela	estrela do mar/estrela cadente/pessoa famosa
porco	sujo/animal

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O grupo 01, fez relação das palavras sorteadas de acordo com as percepções fora da escola, das quais destacamos algumas para reflexão. Conforme explicado pelo grupo na

³⁵ O grupo 04 solicitou o dicionário para consulta da palavra “pena”, visto a reflexão feita pelo grupo entre as palavras “asa” e “pena” relacionadas as aves, ambas as palavras foram retiradas pelo mesmo grupo.

socialização das suas inferências, mangueira é o “pé”³⁶ /árvore que fornece o fruto “manga” muito comum em Riacho Doce, visto a grande quantidade de sítios e árvores frutíferas da região. Segundo o grupo “mangueira” pode ser o objeto que “agôa” (rega) as plantas, pode ser a escola de samba do carnaval ou pode ser a árvore que dá a fruta “manga” muito comum no bairro que a escola está inserida e inclusive é amplamente comercializada pelos moradores que trabalham como ambulantes em outras regiões da cidade. Ainda conforme o grupo, a manga é um alimento muito consumido entre as refeições como lanche, agradando a diversos paladares. Sobre a palavra banco, o grupo enfatizou que o referente “banco” poderia ser o banco da praça em frente à escola ou o banco que as pessoas sacam dinheiro para fazer compras e isso iria depender da situação. Sobre a palavra “cabeça” o grupo explicou que além de ser uma parte do corpo pode ser referência a uma pessoa muito inteligente que, segundo o grupo, desenvolve as atividades com facilidade e tem boas notas. Essa explicação também se referiu as pessoas que tem um “papo cabeça”, ou seja, pessoas que apresentam um diálogo claro, convincente e baseado, sobretudo, numa narrativa sincera e verdadeira.

Observando as escolhas lexicais do grupo é notória a relação dos significados apresentados com as vivências extraescolares dos alunos. Tais observações nos mostram traços da cultura do bairro no léxico dos alunos sobressaltada pela exposição do conhecimento lexical cotidiano que adentra, com muita riqueza, os portões da escola. Nesse aspecto, é relevante pontuar que “o léxico de uma língua exerce um papel fundamental no mundo, pois constitui-se como uma forma de registrar o universo” (Ferraz; Cunha, 2014, p. 02), registrar também por meio dos significados e da reflexão sobre as situações que as palavras podem ser usadas (contextos de uso), ou seja, os alunos estão registrando conhecimento sobre o mundo que os cerca, pois refletir que a “bala” pode ser um “doce”, por exemplo, revela conhecimento do universo infantil/infantojuvenil do qual os alunos fazem parte, porém refletir que “bala” pode ser “munição” revela possibilidades de conhecimento do universo adulto, bem como de problemáticas sociais que envolvem violência e ainda o acesso irrestrito a jogos *on-line* com narrativas belicosas.

³⁶ O grupo 01 também refletiu sobre a palavra “pé” que assume diferentes sentidos a depender do contexto que é empregada, por exemplo: “pé de planta” para alguma planta da qual não se sabe ao certo o nome; “pé de meia” para referenciar uma poupança de dinheiro; “pé de guerra” para sinalizar uma possível confusão; “pé de carreira” para indicar que alguém correu com medo de algo, entre outras expressões. Para contribuir com a reflexão do grupo ouvimos a canção “Pé com Pé” da dupla “Palavra Cantada”. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=EmvwcSr_L5Q.

Durante os diálogos informais, os alunos tratavam de assuntos relacionados a jogos disponíveis na internet, dos quais participavam com frequência desenvolvendo cada vez mais habilidades relacionadas a tecnologia, de modo que também incorporavam palavras/expressões ao léxico cotidiano.

Quadro 14 – Grupo 02: Brincadeira Palavras na sacola

Palavra	Percepções dos alunos
gato	animal/pessoa bonita/apelido de pessoa
partir	dividir/ir embora
letra	letra de música/letra do alfabeto/meter uma letra (falar alguma coisa)
coluna	coluna do esqueleto/coluna da parede da casa/coluna do muro
grama	peso/planta
caneta	coisa de escrever/drible de jogo de futebol

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O grupo 02, também apresentou relação dos significados com as vivências fora da escola. Na palavra “gato”, pensaram a priori no animal doméstico e algum tempo depois com ar de descoberta explanaram: “pode ser uma pessoa bonita, que é uma gata”; “pode ser também um cara que se chama gato, pode ser o apelido dele”. A inferência que “gata” é uma pessoa bonita passeia no vocabulário local de forma corriqueira nos mostrando, mais uma vez, traços da cultura popular do bairro no léxico real utilizado pelas crianças dentro da escola, de modo que “[...] o léxico de uma língua reflete o repositório de experiências seculares das comunidades humanas que usaram e usam tal língua” (Ferraz, 2006, p. 220). A reflexão sobre “gato” ser apelido de alguém também apareceu nas reflexões dos moradores durante as entrevistas, visto que, segundo alguns dos moradores entrevistados, há um comerciante no bairro apelidado desta forma que, assim sendo, nomeou o seu comércio com seu apelido.

A palavra “letra” recebeu três possibilidades de significado: “letra de música”; “letra do alfabeto”; “falar alguma coisa”. Para refletir sobre “letra de música”, o grupo discutiu tentando criar a letra de uma canção. A criação se baseou na oralização de rimas rápidas com melodia inventada de acordo com rima da palavra pronunciada no momento, seguidas de explicações: “é assim [...]” para enfatizar como se cria a letra da música. A música não foi criada, ficaram as rimas orais a título de explicação. Para “letra do alfabeto”, o grupo foi unânime em apontar que

são as letras usadas para escrever no caderno e que são as letras ajudam a formar palavras, como as palavras que estavam estudando durante a pesquisa e que falam com os colegas. Já “letra” no sentido de “falar alguma coisa” explicitado em “meter uma letra” indica, segundo o grupo, o ato de contar uma história às vezes de autopromoção, às vezes falaciosa para ludibriar outrem, ou até para conquistar uma pessoa pela qual se tem afeto, tal expressão está condicionada ao contexto de uso podendo ser usada em diferentes situações e conseguir atender a intenção comunicativa, nesse sentido “[...] o léxico é constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas as experiências humanas” (Ferraz, 2006, p. 220 - 221).

O que pensar sobre “caneta”? Considerando o padrão convencional, o primeiro significado inferido pelo grupo foi “coisa de escrever”, visto a relação de autonomia que os alunos estavam desenvolvendo em coincidência com o período da pesquisa ao escrever com canetas e ter os seus registros marcados com tinta permanente³⁷. O segundo significado pensado pelo grupo foi relacionado a “drible de jogo de futebol”. Conforme explicação do grupo “caneta” no futebol, ou ainda “dar uma caneta”, “dar uma canetada” significa realizar um drible habilidoso passando a bola por entre as pernas do adversário, de modo que o deixe sem possibilidade de roubar a bola e realizar algum passe.

Com base nessa explicação do grupo pontuamos o exposto por Guerra e Andrade (2012), “o léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão” (Guerra; Andrade, 2012, p. 223), tal afirmação nos lembra Abreu (2018) ao nos dizer que o léxico varia ao longo dos tempos e acontecimento da história, assim, tais posicionamentos transparecem a variação lexical presentes na reflexão e usos das palavras polissêmicas apresentadas pelo grupo no sentido que o léxico está em constante movimento com variação das palavras, bem como

³⁷ Relembramos que a pesquisa de campo foi realizada no segundo semestre de 2022, último semestre da turma 5º ano M02 na Escola Estadual Antônio Vasco, visto a transição do Ensino Fundamental I (5º ano) para o Ensino Fundamental II (6º ano) em outra escola. Essa transição evidenciou um processo de autonomia vivenciado pelos alunos com a expectativa de mudança de ano letivo, mudança de escola, bem como saída da fase infantil para a pré-adolescência. O ato de escrever com caneta foi um reforçador desse processo de autonomia, visto que para os alunos a escrita com lápis era relacionada a infância e a escrita com caneta demandava mais responsabilidade porque os registros não são facilmente apagados com borracha e sim com corretivo, outro objeto usado quando já se é um pouco maior, ou seja, adolescente.

variação em outros níveis linguísticos que em alguns casos são bastante perceptíveis junto as variações lexicais.

Quadro 15 – Grupo 03: Brincadeira Palavras na sacola

Palavra	Percepções dos alunos
bananeira	movimento de capoeira/árvore de fruto banana
manga	fruta/parte da roupa/rir de alguém
vela	objeto de queimar/parte do barco
cobra	animal/pessoa falsa/chutar a bola forte
dama	mulher/jogo para passar o tempo
boca	parte do corpo/apelido de pessoa/nome de lugar

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O grupo 03 iniciou as reflexões pela palavra “bananeira”. Curiosamente antes de associá-la a planta que frutifica banana, considerando o processo de derivação das palavras que seria em tese o mais provável de acontecer, o grupo fez menção ao movimento “plantar bananeira³⁸” utilizado na capoeira³⁹. Dois pontos são importantes para tentar explicar essa escolha: o primeiro ponto é a expansão da capoeira no bairro. O segundo ponto é justamente a percepção de que o léxico é permeado de variação e a variação, por sua vez, também condicionada pela influência de fatores externos a língua. Vejamos que a escolha da prática cultural da capoeira ser primeiro objeto de reflexão antes da planta que frutifica banana, julgando aqui que esse processo seria o mais provável devido a derivação das palavras, nos reafirma que o léxico é mutável, que é relevante considerar o contexto de uso (nem sempre o ideal, mas o real de acordo com a situação), que as palavras polissêmicas atuam diretamente na produção de sentido das intenções comunicativas e que a variação lexical é um amplo campo de

³⁸ Segundo Oliveira (2018), “ficar de cabeça para baixo, com o corpo esticado verticalmente, apoiado nas mãos. No jogo de capoeira, espécie de movimento acrobático em que o capoeirista apoia as mãos no chão, dá um impulso e eleva o corpo verticalmente, permanecendo parado, de cabeça para baixo. Há quem diga, digo eu, que tal metáfora decorre das características de reprodução da planta em questão. A semente da banana é o próprio pé que deve ser plantado de cabeça para baixo” (Oliveira, 2018, p. 75).

³⁹ Oliveira e Leal (2009), discorrem que “a capoeira, assim como o carnaval, o samba e o futebol, faz parte do conjunto dos grandes ícones contemporâneos representativos da identidade cultural brasileira. Cada um deles possui uma história própria de ascensão, inclusão e/ou tensão em seu processo formativo como símbolo nacional. A capoeira é oriunda da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas de origem africana” (Oliveira; Leal, 2009, p. 43).

estudo, visto as várias possibilidades de uso das palavras em diferentes contextos sem perder o valor de verdade.

As reflexões sobre a palavra “manga” mostraram três possíveis significados a depender do contexto de uso. No primeiro caso, “manga” referiu-se à fruta da “mangueira” / “pé de manga” árvore bastante comum na região, conforme sinalizado pelo grupo 01, acima. No segundo caso, o grupo refletiu que “manga” também pode ser uma parte de roupa, ou seja, a extensão da camisa/blusa que cobre os ombros. Durante essa reflexão, as crianças enriqueceram a explicação manuseando as mangas das fardas a fim de comprovar o sentido inferido por elas com comprovação. No terceiro caso, o grupo teceu explicação sobre a palavra “manga” com a intenção de explicá-la acrescida de “r” formando o verbo “mangar”, no entanto foi perceptível que para além da intenção de explicar a palavra enquanto um verbo no infinitivo a real pronúncia foi “mangá” com o apagamento do “r” idealizado, de acordo com Silva e Cunha (2019),

na língua oral, o processo de apagamento do rótico em final de palavras é bastante produtivo. A produtividade do fenômeno observado acontece na busca de facilitação da realização dos fonemas. Nas práticas de linguagem oral, no cotidiano do aluno, em situações informais a realização da supressão do fonema na língua oral não causa grandes conflitos posto que a maioria da comunidade linguística em que está inserido realiza de maneira frequente essa variação (Silva; Cunha, 2019, p. 179).

Segundo o grupo, tal palavra, enquanto verbo, pode ser utilizada das seguintes formas: “eu mango/manguei dele”; “ela manga/mangou dele” / “a gente tava mangando dele”. Para além da conjugação do verbo “mangar” o grupo discorreu que “mangar” é a mesma que rir de alguém ou de algo com tom de brincadeira.

Portanto, a análise da palavra “manga” nos mostra um processo de variação semântica pelos diferentes significados que perpassam os usos do léxico, bem como um processo de variação fonológica na idealização de “mangar” e realização oral de “mangá”. Conforme apontado acima de acordo com Silva e Cunha (2019), o apagamento do “r” é algo comum nos diálogos cotidianos informais e não gera grandes conflitos, visto a inserção do falante numa comunidade que pratica essa realização. Para tanto, ao discorrer sobre seu trabalho de estratificação social do “r” em lojas de Nova York, Labov demonstra que “esta variável específica se revelou extraordinariamente sensível a qualquer medição de estratificação social ou estilística [...] a variável linguística (r) é um diferenciador social em todos os níveis de fala

de Nova York [...]” (Labov, 2008, p. 64), esse entendimento se respalda nas percepções de Labov com observação das diferenças nas pronúncias do “r” relacionadas a fatores extralinguísticos como: a diferença de *status* das lojas e a ocupação dos funcionários participantes da pesquisa. Portanto, o “r” pode não ser objeto de avaliação social se o falante estiver dentro da comunidade linguística que pratica seu apagamento no fim dos verbos nos diálogos informais, como no caso de “mangar/mangá” apresentado pelo grupo 03 e por outro lado pode revelar aspectos sociais dos falantes a depender do contexto, situações e lugares de uso.

Quadro 16 – Grupo 04: Brincadeira Palavras na sacola

Palavra	Percepções dos alunos
língua	para falar/para degustar
formigueiro	casa de formiga
nota	nota da prova/nota fiscal
papel	folha para riscar/trabalho de atriz de novela
chutar	chutar a bola/agredir/arriscar na prova
asa	parte da ave/menina que se acha melhor que os outros
pena	parte da ave/sentimento/valer a pena

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O grupo 04, ao contrário dos demais grupos, foi formado majoritariamente por meninas, conforme mostrado anteriormente. O grupo definiu a palavra “língua” a partir de duas percepções principais: “para falar”/ “para degustar”. O grupo atentou-se para a função da língua enquanto órgão que propicia a fala e a experiência sensorial relacionada aos sabores dos alimentos. Conforme o grupo, a língua “é para falar as palavras que a gente estuda [...]”, tal afirmação do grupo mostra que as crianças estão atentas a reflexão sobre as palavras, ou melhor estudar/pensar sobre as palavras, sobre o léxico em uso em dado momento. A língua para “falar as palavras” abre espaço para um amplo campo de reflexão desde a formação das palavras até a variação do léxico perpassada por variações em outros níveis linguísticos, como temos sinalizado ao longo deste trabalho. Conforme Bagno (2007), “nada na língua é por acaso” (Bagno, 2007, p. 40), de modo que as definições do grupo para “língua” estão relacionadas ao conhecimento cultural das crianças naquele momento, que é válido e que satisfaz a necessidade

de definição, pois não é por acaso que a língua “é para falar palavras [...]”, visto que, agora teoricamente, se trata de um sistema de recursos que está diretamente relacionado a interação e comunicação humana, dentre tais formas de comunicação: a fala.

Outras duas palavras que chamaram a atenção foram: “asa” e “pena”. Para “asa”, o grupo apontou dois significados: “parte da ave” e “menina que se acha melhor que os outros”. Segundo o grupo, uma menina/pessoa “cheia de asa” é alguém que se sente superior aos demais, como se o sentimento de superioridade fosse a “asa” que tal pessoa dispõe para “voar” e estar acima dos demais. A expressão revela uma carga de desafeto para com a pessoa rotulada. A reflexão sobre essa expressão vinculada a palavra “asa” expõe como o léxico é plural, variável e atende as mais diversas situações comunicativas, sejam elas positivas ou negativas.

A palavra “pena” foi a única a qual o grupo solicitou consulta ao dicionário para esclarecimento da diferença entre “pena” e “asa”. De tal modo, o grupo apresentou três significados: “parte da ave”; “sentimento”; “valer a pena”. Novamente o significado “parte da ave” foi citado, agora para indicar que a pena é parte constituinte da asa, que por sua vez é parte da ave. O significado “sentimento” foi associado a compaixão pelo sofrimento de outra pessoa. Para enriquecer a explicação o grupo utilizou palavras no diminutivo como: “bichinho”, “coitadinho”, “tadinho” associadas a expressões faciais e corporais de tristeza e prostração, revelando a presença da variação lexical nos termos associados ao sentimento de pena, bem como a articulação entre o léxico utilizado e a comunicação facial e corporal reforçadoras da seleção lexical de acordo com a intenção comunicativa. O significado “valer a pena” foi veementemente defendido como: “porque mereceu, né?”, tal defesa referiu-se à noção de valorização de um grande esforço. Segundo o grupo, algo que “vale a pena⁴⁰” é algo muito difícil de ser conquistado/alcançado e quando se atinge tal feito merece o reconhecimento.

Após a realização dessa primeira atividade, os grupos se lançaram em uma nova proposta de reflexão sobre a variação lexical: produção de um dicionário regional com a participação de todos os grupos.

⁴⁰ A expressão é amplamente utilizada na canção “Pescador de ilusões” da banda “O Rappa”. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=9GhWFIgaqL0>.

5.4 Produção de Dicionário Regional

A ideia da produção de um dicionário regional⁴¹ teve a intenção de estimular nos alunos a reflexão e sistematização de palavras e expressões comuns na região do bairro considerando possibilidade de que nessa atividade também fosse possível identificar aspectos de variação lexical. Visamos que esta atividade pudesse contribuir com nossa pesquisa no sentido de revelar traços culturais nas escolhas lexicais dos alunos. Para tanto, a proposta de produzir o dicionário com as palavras utilizadas no cotidiano dos alunos foi recebida com curiosidade e entusiasmo. Cada qual que quisesse falar primeiro e explicar o significado da palavra/expressão escolhida! Vejamos, abaixo, a sistematização das palavras/expressões trazidas pelos alunos:

Quadro 17 – Dicionário regional

Grupo	Palavras/Expressão	Significado Inferido	Contexto de uso
Grupo 01	De boa na lagoa	Tranquilo	“Tô em casa de boa na lagoa”.
	É rocha	Dar apoio	“É rocha. Vamos lá”.
	Lá ele	Autodefesa	“Aqui, não! Lá ele!”
	Morgado	Sem ânimo/cansado	“Não vou hoje, tô morgado”.
	Oxe	Espantado/surpreso	“Oxe, viu aquele cachorro?”
Grupo 02	Amarelou	Sentir medo/desistir	“Ele ia pular, mas amarelou”.
	Bigu	Viajar de graça	“Peguei bigu no caminhão do Zé”.
	Oxente	Espantado/surpreso	“Oxente, você por aqui?”
	Se mandou	Ir embora	“O cara se mandou”
	Tamo junto	Dar apoio	“Não se preocupa, tamo junto”.
	Frangou	Sentir medo/desistir	“Estava bravo, depois frangou”.
	Massa	Coisa boa	“Maceió é massa ⁴² ”
	Muito paia	Coisa de baixa qualidade	“Essa calça é muito paia, já rasgou”.

⁴¹ Sobre a produção de dicionário regional com alunos do Ensino Fundamental I, indicamos a leitura do trabalho “Jeitos de falar, palavras pelo ar: experiência didática com gênero textual verbete em interface com a cultura alagoana” (Felix; Cavalcante, 2021), publicado nos anais da VII Semana Internacional de Pedagogia. Cf. <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/5fb80a54-1b2c-4540-a72a-0fd60a883292-pdf-revisado-any--jeitos-de-falar-palavras-pelo-arpdf.pdf>.

⁴² “Maceió é massa” é o slogan da Prefeitura de Maceió durante 2021 – 2024, período de mandato do prefeito João Henrique Caldas – JHC. O slogan é voltado para o despertar da identidade e pertencimento do povo maceioense, bem como marketing para o turismo.

Grupo 03	Poucas ideias	Sem paciência	“Hoje não. Tô para poucas ideias”
	Suave	Tranquilo	“Passei na prova, agora tô suave”.
Grupo 04	Brôco	Dificuldade para entender	“Falei, não entende porque é brôco”.
	Deu no pé	Ir embora	“Não me pagou e deu no pé”.
	Deu um fora	Recusa um pedido	“Pedi o lápis e ela me deu um fora”.
	Deu um vácuo	Não responder	“Me deu um vácuo, não respondeu”.
	Pegou o beco	Ir embora	“Estava aqui, mas pegou o beco”.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A produção do dicionário regional evidenciou variantes lexicais que coexistem e concorrem simultaneamente, bem como expressões que atravessam gerações e expressões mais recentes que estão se tornando frequentes devido ao contexto de avanço tecnológico. Vejamos, conforme o quadro abaixo:

Quadro 18 – Variantes lexicais concorrentes e expressões usuais

Referente	Variantes lexicais em concorrência
“Ir embora”	Se mandou
	Deu no pé
	Pegou o beco
Referente	Variantes lexicais em concorrência
“Sentir medo/desistir”	Amarelou
	Frangou
Referente	Variantes lexicais em concorrência
“Espantado/surpreso”	Oxe
	Oxente
Referente	Variantes lexicais em concorrência
“Tranquilo”	De boa na lagoa
	Suave
Referente	Variantes lexicais em concorrência
“Dar apoio”	É rocha

	Tamo junto	
Expressões menos recentes	Morgado	Deu um fora
	Brôco	Muito paia
	Bigu	Massa
Expressões mais recentes	Lá ele	Deu um vácuo
	Massa	Poucas ideias

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As variantes lexicais “Se mandou”; “Deu no pé” e “Pegou o beco” foram muito frequentes durante todo o período da pesquisa. As três formas variantes apareciam nas falas informais dos alunos nos diálogos não monitorados com recorrência. Essas variantes não apresentaram grande disparidade nas escolhas, por vezes o mesmo aluno fazia uso das três formas com um mesmo interlocutor num mesmo diálogo, às vezes com um terceiro utilizando as variantes de formas alternadas, porém com frequência de uso semelhante.

Conforme Preti (1974), por meio da língua se dá o contato das pessoas com o mundo, um contato que vai sendo atualizado. Nos usos dessas variantes percebemos a atualização do contato dos alunos com o mundo que os cerca, visto que tais escolhas lexicais era usadas e retomadas em diferentes conversas e contextos se mantendo atuais no léxico dos estudantes sem perder valor e nem cair em desuso. Posteriormente, veremos que essas variantes também fazem parte do léxico cotidiano dos moradores do bairro evidenciando traços de influência social e cultural na fala dos alunos.

As variantes “Amarelou” e “Frangou” foram menos frequentes nos diálogos cotidianos ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Dentre as duas, “amarelou” registrou maior número de ocorrências. Nesse aspecto, cabe pensar sobre a avaliação social que cada variante pode carregar. Ao considerar que a maioria das escolhas lexicais foi pela forma “amarelou” é demonstrado que a variante “frangou” é menos prestigiada entre os alunos. Retomando Bagno (2006b), a existência de variação também revela a existência de avaliação social que está ligada a maior ou menor prestígio das variantes implicando diretamente na frequência de uso.

As variantes “Oxe” e “Oxente” tem um elevado uso na maioria das conversas. Independente de diálogo mais monitorado ou menos monitorado, as formas apareceram com significativa recorrência de forma natural sem demandar demasiada atenção dos alunos.

Veremos que essas formas variantes também ocorrem na fala dos moradores, fato que nos aponta influência cultural no léxico dos alunos por meio da variação diatópica (Bagno, 2007) visto o uso popular das expressões em quase todo o Nordeste.

Em dados momentos das interações verbais as variantes apareciam sozinhas em expressões de surpresa, por exemplo, em outros momentos apareciam contextualizadas dentro de frases dos mais variados assuntos. O uso das variantes “Oxe” e “Oxente” revelou uma marca identitária da turma do 5º ano M02, visto a grande frequência de uso, em quase todas as situações comunicativas, em diálogos formais e informais, com a professora/diretora, com os próprios colegas. As variantes também colaboraram com os contextos linguísticos intencionados pelo falante, às vezes para dar ênfase ao discurso geralmente por surpresa ou espanto e às vezes em contextos de negativa ou de contrariedade. Relaciona-se o frequente uso dessas duas variantes a traços da variação diatópica da região Nordeste, como afirmado acima, pois é de saber comum que essas formas são bastante utilizadas na região nordestina como parte constituinte de um amplo léxico, de identidade e sentimento de pertencimento do povo⁴³.

As variantes “De boa na lagoa” e “Suave” apareceram com pouca frequência nas conversas durante o período da pesquisa. Segundo os alunos, essas variantes foram aprendidas por meio de músicas que falam de pessoas que estão tranquilas, sossegadas, sem muitas preocupações mesmo diante de problemas. Tais músicas são acessadas por meio da plataforma Youtube, assim como vídeos de jogos e vídeos de Youtubers.

Segundo Bagno (2007), as pessoas estão envoltas em redes sociais das quais adotam comportamentos semelhantes, dentre eles, comportamento linguístico. Esta afirmação ilustra com propriedade a presença dessas variantes no léxico da turma pela vivência de relações sociais por meio virtual.

Nesse mesmo sentido Bortoni-Ricardo (2004), afirma que as pessoas têm grupos de referência para além das redes sociais que interagem fisicamente. Esses grupos podem ser acessados por meio da internet por afinidade ou identificação como é o caso dos alunos falantes das variantes “De boa na lagoa” e “Suave” que demonstraram comportamento linguístico

⁴³ Para ilustrar a forte presença das variantes “Oxe” e “Oxente” no Nordeste disponibilizamos o link da música “Rock do Sertão”, da banda nordestina Mastruz com Leite, em que as variantes citadas são utilizadas para corroborar com o contexto da música, fortalecer o dialeto nordestino e expandir a cultura nordestina por meio do ritmo forró. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=-V4CVUrZCk0>.

adotado dos seus grupos de referência por meio do acesso à internet, nos dando a resposta que sim, há influência da internet e do avanço tecnológico na fala dos alunos da turma.

As crianças, sobretudo os meninos, geralmente usavam essas variantes quando estavam jogando cartas para informar ao adversário tranquilidade no sentido de que tinha certeza de que não seria o perdedor da partida do jogo. Tal estratégia revela que as escolhas lexicais, por meio da variação lexical, estão entrelaçadas com o contexto cultural, social e virtual, pois a dinâmica social é diretamente ligada a língua (Preti, 1974). Vejamos que os alunos transitaram entre “De boa na lagoa” e “Suave” para mostrar ao adversário autoconfiança no jogo dentro contexto social de jogos vivenciados por eles, talvez se um dos alunos utiliza-se as expressões “tranquilo” ou “despreocupado” não atingisse a intenção comunicativa de mostrar autoconfiança para seu adversário e nem manter a estratégia de aparentemente estar vencendo o jogo, ou seja, a variação lexical atendeu a intenção comunicativa do falante de acordo com a situação de interação.

As variantes “É rocha” e “Tamo junto” também apareceram com pouca frequência nas rodas de conversas. A observação foi um instrumento primordial para compreender a ação dessas variantes no contexto de interações da turma. Para além de outros instrumentos, a observação das vivências espontâneas também possibilita considerável coleta e interpretação de dados (Labov, 2008). Nesse sentido, observamos que a baixa frequência de ocorrência dessas variantes estava relacionada as poucas vezes em que ocorreram situações que demandavam o “dar apoio” a algum colega. Nas situações em que alguém precisava ser apoiado observou-se que a variante “Tamo junto” era quase sempre dita pelo apoiador e a variante “É rocha” pelo apoiado. Em outros desdobramentos, a expressão “É rocha” aparecia primeiro no diálogo acompanhada da expressão “pô” formando a frase “É rocha, é rocha, pô”, no sentido de “conte comigo, estou com você”, nesse desdobramento, em geral a resposta era “Beleza, tamo junto”. Conforme Calvet (2002), a língua está envolta em comportamentos, sentimentos e atitudes dos falantes. Veremos adiante que tais formas variantes coexistem na fala dos moradores do bairro nos reafirmando que há traços de culturais e sociais do léxico cotidiano popular na fala das crianças coexistindo, por sua vez, com o ideal lexical formal presente nos livros didáticos e no âmbito da sala de aula.

Dentre as expressões menos recentes destacamos “Morgado”, “Brôco”, “Bigu”, “Deu um fora”, “Muito paia” e “Massa”. Essas expressões são enquadradas como menos recentes

não por serem velhas ou caídas em desuso, mas sim pelo fato de já serem consolidadas no léxico local há algum tempo. São enquadradas como menos recentes ainda pelo contraste, como vimos no quadro 18, acima, com as expressões mais recentes: “Lá ele”; “Deu um vácuo”, “Poucas ideias” e “massa”.

Conforme Bagno (2007), a língua passa por mudanças ao longo do tempo constituindo um processo de variação diacrônica que não ocorre da noite para o dia, mas que vai ganhando espaço atrelado também a fatores sociais. Embora as expressões menos recentes e as expressões mais recentes coexistam no mesmo espaço físico e no mesmo espaço de interações verbais, o grande ponto que irá distanciá-las é o avanço tecnológico e o acesso mais facilitado a internet. Podemos perguntar o porquê? Sim, claro. As expressões menos recentes só são assim caracterizadas porque já são utilizadas há bastante tempo no léxico do bairro, mas nada impede que sejam utilizadas no mundo virtual por meio das redes sociais. Já as expressões mais recentes são assim caracterizadas porque tem o seu advento diretamente relacionado ao avanço da tecnologia, da internet e do acesso a aparelhos eletrônicos, vejamos abaixo:

O uso da expressão “Lá ele” não é um uso surgido em terras maceioenses⁴⁴ e muito menos nas terras de Riacho Doce, nos apontando a variação diatópica pelos modos de falar em lugares diferentes (Bagno, 2007). Segundo os alunos, essa expressão foi aprendida e incorporada ao léxico cotidiano, sobretudo nas interações com os colegas na escola, por meio do acesso a vídeos de jogos *on-line* e canais de youtubers baianos na plataforma YouTube e no aplicativo Tik Tok, aqui relembramos a influência das redes sociais citadas por Bagno (2007) e dos grupos de referência apontados por Bortoni-Ricardo (2004). De tal modo, a expressão mostrava tanta frequência de uso no segundo semestre de 2022⁴⁵, período correspondente a pesquisa de campo, que descobrimos que há música⁴⁶ com letra de duplo sentido com o uso

⁴⁴ Conforme sinalizamos o uso da expressão “Lá ele” é recente em Maceió chegando na cidade por meio da internet. Para tanto, pontuamos que a expressão “Aí dento”, utilizada também em outros lugares do Nordeste e extremamente falada no cotidiano maceioense, sobretudo na camada popular, seja equivalente, pois assim como “lá ele”, “Aí dento” também tem um caráter de autodefesa de brincadeiras de duplo sentido.

⁴⁵ A expressão “Lá ele” é utilizada em situações de autodefesa em contextos de interações verbais orais de duplo sentido. A expressão surgiu na Bahia e tem se espalhado pelo Nordeste, sobretudo, por meio da internet. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=id8du6UYI-M>.

⁴⁶ O uso do “Lá ele” é amplamente explorado na letra com duplo sentido da música “Lá ele”, do cantor baiano Tierry e do cantor maranhense Manoel Gomes, mais conhecido como “Caneta Azul”. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=KaA8W_Hov8.

dessa expressão, bem como discussões nas redes sociais sobre o uso correto do “Lá ele” e situações de aplicação.

O uso das expressões “Deu um vácuo” e “Poucas ideias” são enquadradas como mais recentes porque são expressões utilizadas para referenciar a prática de silêncio punitivo por impaciência ou não querer responder/falar com alguém no mundo virtual. O que culturalmente é conhecido como “dar um gelo” nas relações interpessoais reais é a mesma coisa de “dar um vácuo” deixar uma pessoa sem resposta” ou “ter poucas ideias” não querer falar com alguém”. Retomando Calvet (2002), a língua não é como um objeto que se faz uso e se guarda. A língua está estritamente ligada a comportamentos, atitudes e sentimentos. Nesse sentido, é relevante que os alunos tenham a oportunidade de ampliar conhecimento sobre a língua materna entendendo que existe mais de um jeito de falar e que há prestígio e/ou desprestígio em determinadas escolhas que podem conferir ou negar credibilidade, abrir ou fechar portas de oportunidades (Bortoni-Ricardo, 2005).

Agora, a pergunta que não quer calar: por que a expressão “massa” aparece como menos recente e como mais recente? Tal questão nos lembra a mutabilidade do léxico e que a variação lexical ocorre nos diálogos orais, formais, informais, bem como no mundo virtual, nas interações linguísticas permeadas pelas diferentes tecnologias e diferentes pessoas. Labov (2008), esclarece que o conhecimento sobre a língua está relacionado a como ela está sendo usada nas situações de comunicações reais, ou seja, no dia a dia da fala comum entre os pares. Então, como a expressão “massa” está sendo usada? Vejamos bem, “massa” é uma expressão menos recente considerando sua existência e permanência no léxico de Riacho Doce há bastante tempo presente nas falas de idosos, adultos, jovens e crianças, sejam homens ou mulheres.

Também é uma expressão mais recente, visto a sua incorporação no mundo virtual em evidência. Para comprovar tal afirmação, tomamos como exemplo o slogan de marketing na prefeitura de Maceió (2021 - 2024) “Maceió é massa”. O slogan é amplamente divulgado cotidianamente nas redes sociais da prefeitura⁴⁷ atrelado a obras, serviços, atrações turísticas e culturais da cidade. Para tanto, destacamos que não foi apenas a expressão “é massa” extraída do léxico maceioense, sobretudo da camada popular para divulgação dos trabalhos da prefeitura, entre outras expressões destacamos: “brota, na grotá”; “bora, patroa”; “deixa elaaa”;

⁴⁷ Instagram: @prefeiturademaceio e @jhcdopovo; Canal do Youtube: Prefeitura de Maceió.

“alô, motô”; “motô, resposta”; “busão”; “no corre” “encher o bucho” entre outras. Ainda dentro do campo da variação linguística, a prefeitura de Maceió também dedicou postagem de “aula de maceioês” em seu instagram para valorizar o léxico popular maceioense e suas variações cotidianas utilizadas pela população, dentre elas: “fome da bexiga”; “que só a gota”; “avia” entre outras⁴⁸. Reparar nessas expressões significa olhar para a realidade linguística da escola. Os alunos levam para a sala de aula o léxico com essas e outras expressões com variação em diferentes níveis linguísticos. A Sociolinguística Educacional nos esclarece que existem diversos jeitos de falar/usar os recursos linguísticos disponíveis para dizer as coisas de outras formas sem necessariamente constituir erro do ponto de vista linguístico, pois a ideia de erro está muito mais associada a avaliação social e ao preconceito (Bortoni-Ricardo, 2004).

Os exemplos dessas expressões evidenciaram que a língua acompanha o movimento social que se diversifica no cotidiano, de modo que grande demonstração dessas evidências ocorre no léxico, ou seja, nas realizações das variações lexicais. Diante disso seria ingênuo pensar que a sala de aula e os alunos dos anos iniciais estão alheios a essa realidade, muito pelo contrário, pois o léxico utilizado de forma espontânea na escola traz bagagem cultural, histórica e social e coexiste com o léxico idealizado nos materiais didáticos. Portanto, há de se destacar e pontuar a importância da interface entre estudo/produção de conhecimentos linguísticos/variação e ensino, visto as contribuições para a aprendizagem significativa dos alunos.

Deste modo, após a realização desta segunda atividade e discussão sobre a produção do dicionário regional pelos alunos seguimos para a explanação e análise das entrevistas realizadas com os estudantes.

5.5 Entrevistas com os alunos

Diante das vivências em campo destacamos a relevância do uso do instrumento entrevista para a coleta de dados, de modo que, concordamos com Goldenberg que a entrevista apresenta “maior flexibilidade para garantir a resposta desejada” (Goldenberg, 2011, p. 88). Relembramos, segundo a autora, que o uso de entrevistas é vantajoso em vários aspectos, por exemplo, a paciência e motivação das pessoas entrevistadas são maiores para o ato da fala do

⁴⁸ Cf. <https://www.instagram.com/p/CrobV9Aurek/?igshid=MmJiY2I4NDBkZg==> .

que para a escrita. Esta afirmação se confirmou em nossa pesquisa de acordo com os aspectos metodológicos sobre as entrevistas com os moradores, bem como se confirmou nas entrevistas com as crianças, pois se mostraram mais dispostas e empolgadas para falar do que para escrever.

O processo das entrevistas com os alunos foi desenvolvido em semanas alternadas de acordo com a frequência de ida dos alunos para a escola, bem como com as readequações no cronograma de desenvolvimento da pesquisa de campo devido aos jogos da seleção brasileira durante a copa do mundo de futebol. Nas entrevistas, os alunos discorreram sobre palavras e seus significados, lugares e pessoas com quais aprenderam tais palavras/expressões, variantes lexicais, palavras e expressões polissêmicas, expressões comuns ao cotidiano pela percepção dos alunos, significados de expressões populares, palavras e significados aprendidos por meio de diferentes tecnologias e redes sociais, linguagem formal e informal e palavras/expressão que os alunos achavam interessantes e faziam uso no dia a dia. Relembramos que foram entrevistados 26 alunos, 20 meninos e 06 meninas com faixa etária entre 10 e 11 anos e ressaltamos que em alguns tópicos as respostas ultrapassaram a quantidade de entrevistados, visto algumas crianças expuseram mais de uma resposta demonstrando ampliação de conhecimento sobre léxico e variação.

Iniciando as entrevistas, perguntamos: quais palavras você conhece que tem mais de um significado e quais são eles? Nesse tópico, foram coletadas 26 respostas com 14 ocorrências coincidentes e 12 ocorrências não coincidentes, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Palavras e significados/alunos

Palavra	Significado inferido	Ocorrências	Percentual
manga	fruta/parte da camisa/rir dos outros	04	15,38%
gato	animal/homem bonito	02	7,69%
banana	fruta/gesto de ofensa/pessoa desinteressante	02	7,69%
asa	parte do corpo da ave/não dar asa: não se importar	02	7,69%
coluna	de casa/de pessoa/de muro	02	7,69%
pé	pé de planta/pé de pessoa	02	7,69%
mangueira	pé de manga/objeto	01	3,84%
papel	uma folha/função de ator	01	3,84%
bolo	comida/dar um bolo em alguém: deixar esperando	01	3,84%

tamo junto	estar unido a alguém/agradecimento	01	3,84%
letra	letra do alfabeto/meter uma letra: autopromoção	01	3,84%
meia	para colocar no pé/ metade/ posição de jogador/apelido	01	3,84%
bala	doce/projétil de arma de fogo	01	3,84%
conta	boleto para pagar/cálculo de matemática	01	3,84%
planta	vegetal/desenho para construir casa	01	3,84%
pesca	pegar peixe/receber dicas escondidas para a prova	01	3,84%
cachorro	animal/homem vagabundo	01	3,84%
posto	de gasolina/de saúde	01	3,84%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A tabela 1, acima, apresenta dados relacionados a uma das facetas de conhecimento lexical dos alunos: reflexão de palavras polissêmicas. Tal reflexão evidenciou possibilidades de ocorrências da variação lexical, visto as probabilidades de construções linguísticas a partir da polissemia de algumas das palavras diretamente relacionadas com a variação.

A reflexão polissêmica corrobora com a reflexão sobre a variação lexical, enquanto a polissemia aponta diferentes significados para as palavras, a variação do léxico aponta diferentes nomes para um mesmo referente. Vejamos a palavra coluna citada por um dos alunos, a palavra pode fazer referência coluna que sustenta a parede da casa ou a coluna do esqueleto humano a depender do contexto, porém ambas têm a mesma função: sustentação. Nesse mesmo sentido, como referenciamos anteriormente, “[...] as palavras mijo, xixi, e urina se referem todas à mesma coisa” (Bagno, 2007, p. 40), essa reflexão mostra a interface entre a polissemia e a variação do léxico que é corrente no cotidiano linguístico dos alunos.

O que tentamos mostrar nesses dois exemplos é que há variação ocorrendo no contexto da sala de aula de forma ampla, coletiva e também particular, visto que cada aluno tem o seu estilo linguístico com suas escolhas linguísticas que perpassam a variação lexical. Bortoni-Ricardo (2004), afirma “na sala de aula como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua [...]” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25). Conforme apontamos na análise do quadro 11, anteriormente, a partir da observação dos diálogos informais dos alunos na turma observada evidenciaram-se casos de variação para além do nível lexical, de modo que

com análise da tabela 1, acima, sobre palavras polissêmicas e seus significados inferidos pelos alunos foram perceptíveis casos de variação lexical nas interações linguísticas da turma.

A partir dessa constatação, concordamos que a variação lexical não “brota do nada” no chão da escola ou da sala de aula. Como veremos adiante, as escolhas linguísticas utilizadas pelos alunos estão relacionadas aos seus ambientes de interação fora da escola, tais ambientes são definidos por Bortoni-Ricardo como domínio social que “[...] é um espaço físico onde pessoas interagem assumindo certos papéis sociais” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23). Para tanto, cada domínio social está ocupado por pessoas de diferentes idades, crenças, *status*, escolarização, entre outros fatores, e de certo modo exercem influência sobre o meio linguístico que essas pessoas atuam como seres falantes heterogêneos num coletivo linguístico. Tal contexto favorece a produção e realização de variações lexicais e em outros níveis nos mostrando que a variação lexical “brota de algum lugar”, ou seja, recebe influência sociais e culturais.

Para tanto, vejamos na tabela 2, abaixo, as possíveis influências sinalizadas pelos alunos de acordo com seus contextos de interação fora do ambiente escolar. Dando seguimento a entrevista, perguntamos aos alunos onde ou com quem aprenderam as palavras e significados apresentados na tabela 1. As respostas em geral apontaram quatro possibilidades, conforme a tabela a seguir:

Tabela 2 – Locais/Pessoas de aprendizagem /alunos

Locais/Pessoas	Ocorrências	Percentual
Amigos	02	7,69%
Escola	19	73,07%
Família	04	15,38%
Internet	01	3,84%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Curiosamente a escola foi o domínio social que recebeu a maioria das respostas. Nossa inferência a esse respeito se deve ao fato de os alunos passarem a metade do tempo/dia na escola e no contraturno alguns alunos vivenciarem outras experiências ainda relacionadas ao ambiente escolar como aulas de reforço ou projeto sociais.

Em segundo lugar, a família apareceu como espaço de influência para a aprendizagem das palavras apresentadas “[...] a transição do domínio do lar para o domínio da escola é também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 24), de modo que as experiências linguísticas orais familiares são latentes mesmo num ambiente majoritariamente voltado para a escrita como a escola.

Os amigos e a internet apresentaram um percentual de respostas mais baixos, mas, de antemão, sinalizamos que essa informação pouco se sustenta ao considerar a parte da entrevista em que os alunos falam a respeito das palavras/expressões aprendidas por meio do acesso à internet e a diferentes tecnologias. No meio virtual existe de fato uma grande rede social que para além de influências em outras áreas da vida que aqui não nos cabe, apresentou influências nas escolhas lexicais dos alunos, como veremos adiante.

Continuando a entrevista, apresentamos aos alunos a figura de um inseto comum ao bairro e perguntamos: quantos nomes você conhece para identificar o inseto mostrado na figura? E obtivemos as seguintes respostas:

Ilustração 1 – Inseto comum ao bairro



Fonte: iSTOCK (2023)

Tabela 3 – Inseto comum ao bairro: variante predominante/alunos

Variante lexical predominante	Ocorrências	Percentual
-------------------------------	-------------	------------

mosquito	24	92,03%
----------	----	--------

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A variante mosquito se mostrou predominante com 24 respostas dos alunos. Veremos posteriormente, na tabela 10, que essa variante também foi a mais escolhida pelos moradores apresentando indícios da influência cultural do bairro na fala dos alunos. Para além dessa variante, outras formas lexicais são concorrentes em menor escala. A seguir, veremos que algumas crianças, além de escolherem a variante mosquito, também apontaram outras variantes gerando mais 14 (catorze) respostas, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3.1 – Inseto comum ao bairro: demais variantes/alunos

Variantes lexicais	Ocorrências	Percentual
mosquito da dengue	02	7,69%
muriçoca	06	23,07%
pernilongo	04	15,38%
maruim ⁴⁹	01	3,84%
inseto	01	3,84%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As demais variantes, para além de mosquito, definem um universo lexical influenciado pela cultura de outras regiões, visto a presença de novos moradores por todo o bairro. Salvo a variante “maruim” que, segundo as entrevistas, foi aprendida com os parentes mais velhos quando falavam sobre a pesca, a praia, caranguejos e afins, pois essa variante é utilizada para se referir aos mosquitos de regiões perto de manguezais como é o caso de Riacho Doce.

Veremos adiante na tabela 10.1, que a variante “maruim” também apareceu nas respostas dos moradores. Podemos evidenciar a partir dessas percepções que há influência cultural, histórica e social no léxico utilizado pelos alunos ocorrendo por meio da socialização de conhecimento popular de geração em geração que, para além do domínio social do lar, adentra os domínios sociais de aprendizagem formal e demais espaços de interação “[...] ao se estudar o léxico utilizado por um grupo social, é possível detectar influências socioculturais adquiridas durante o seu processo de formação, uma vez que esse nível da língua resulta, de um modo

⁴⁹ A variante “maruim” registrou ocorrência nas falas de alunos e de moradores evidenciando traços de influência cultural no léxico. Segundo Marroquim, a palavra “maruim” vem da língua indígena Tupi. (Marroquim, 1934, p. 153).

geral, do que a língua recebeu ao longo do tempo, por meio das relações do homem com o meio em que vive” (Bózio; Busse, 2014, p. 04).

Seguindo a entrevista, questionamos aos alunos quais outras formas podem ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora”. As respostas apresentaram variação em diferentes níveis linguísticos, conforme veremos a seguir:

Tabela 4 – Variação de expressões/alunos

Expressões variantes	Ocorrências	Percentual
“O mano foi embora”	01	3,84%
“O rapaz pegô o beco”	03	11,53%
“O cara deu no pé”	03	11,53%
“O cara pegô o beco”	01	3,84%
“O rapaz foi simbora”	02	7,69%
“O cara se mandô”	02	7,69%
“O homi deu no pé”	01	3,84%
“Eita, esse bicho picô a mula”	01	3,84%
“O garotão se mandô”	01	3,84%
“O garotão meteu o pé”	01	3,84%
“O rapaz se mandô”	03	11,53%
“O homem se mandou”	02	7,69%
“O cara se foi”	01	3,84%
“O homem partiu”	01	3,84%
“O rapaiz se foi”	01	3,84%
“Ele se foi”	01	3,84%
“Ele já foi embora”	01	3,84%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Retomando Labov (2008), “[...] a ausência de heterogeneidade estruturada (na língua) é que seria disfuncional” (Labov, 2008, p. 16), as diferentes expressões apresentadas na tabela 4, acima, não dificultaram ou impediram que os alunos fossem compreendidos em suas intenções comunicativas, ou seja, as diferenças no léxico, variações lexicais, bem como a polissemia são partes constituintes de um todo linguístico heterogêneo que é organizado e funcional, nesse sentido, conforme já pontuamos na seção dos aspectos sociolinguísticos, são encontradas

diferentes formas linguísticas coexistentes como, por exemplo, gírias, estilos, jeitos de falar distintos que são normalmente funcionais (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Pensando junto com Weinreich, Labov e Herzog, as 17 expressões variantes relatadas pelos alunos, divididas nas 26 escolhas conforme a tabela 4 acima, são formas diferentes e coexistentes de dizer que “o rapaz foi embora” sem perder o valor referencial da intenção comunicativa. Não existe erro em nenhuma delas, existe variação. A variação em cada uma delas, ou melhor, na escolha desta ou daquela forma variante é influenciada pelo contexto cultural e social que o falante está em determinado momento. O que também é relevante de se considerar é que em qualquer que seja o contexto cultural de uso dessas variantes dentro do domínio linguístico do falante qualquer forma pode ser compreendida, ainda que não seja falada por determinado falante, pode ainda sim ser compreendida

alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seus *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 97).

A partir da ideia da compreensão da capacidade interpretativa dos falantes, vejamos abaixo a tabela 5 que elenca palavras/expressões mais comuns ouvidas e compreendidas pelos alunos. Em continuação a entrevista, o questionamento se pautou sobre quais palavras/expressões mais comuns que os alunos ouvem em casa ou na rua/outros espaços. Obtivemos 30 respostas, tal ampliação no número de respostas para além dos números de participantes se deve ao fato de que algumas crianças socializaram mais de uma palavra/expressão, conforme a tabela abaixo:

Tabela 5 – Palavras/Expressões mais comuns ouvidas pelos alunos

Palavras/Expressões	Ocorrências	Percentual
Bora	03	11,53%
Bora, Bill	02	7,69%
Beleza	03	11,53%
Lá, ele	04	15,38%
Bença	02	7,69%

E aê?	03	11,53%
Oxe	01	3,84%
Ave Maria	01	3,84%
Homi	01	3,84%
Tire seu cavalinho da chuva	01	3,84%
Mano	01	3,84%
Cara	01	3,84%
Bicho, véio	01	3,84%
Boy	01	3,84%
Garotão	01	3,84%
Firmeza	01	3,84%
Meteu o pé	01	3,84%
Ôpa	01	3,84%
Porra	01	3,84%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Observamos que algumas das palavras/expressões apontadas na tabela 5, acima, também estão presentes na tabela 12 referentes as palavras/expressões mais ouvidas pelos moradores em diversos espaços de interação verbal, sobretudo nos diálogos informais. As demais palavras/expressões presentes apenas nos falares dos alunos estão relacionadas ao acesso à internet e incorporação das expressões ao léxico. Porém, há de se esclarecer também que nem todas as palavras/expressões vieram para ficar. Algumas apresentam um caráter efêmero, como por exemplo em memes. Retornemos a tabela 5 com atenção a segunda expressão da lista “Bora, Bill”, tal expressão surgiu por meio do aplicativo instagram com um vídeo amador de uma partida de futebol no interior do Ceará⁵⁰, no vídeo alguém expressa diversas vezes “Bora, Bill” causando olhares de impaciência no Bill, treinador de um dos times que disputam a partida.

No segundo semestre de 2022, a expressão tornou-se uma febre na internet transbordando para as relações interpessoais reais como na escola em que desenvolvemos a pesquisa. Nesta análise, já percebemos traços da influência do acesso às tecnologias e à internet na fala dos alunos. O “Bora, Bill” tornou-se uma espécie de chamamento/cumprimento entre a

⁵⁰ Vídeo de origem do meme “Bora, Bill” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=mK2xhbj0MFw> .

turma, sobretudo entre os meninos. Porém, como afirmamos acima, a expressão teve um caráter efêmero típico a fenômenos da internet, visto que no início da pesquisa tinha grande número de ocorrências caindo em declínio do meio para o fim das idas a campo.

Por fim e não menos importante, perguntamos aos alunos quais palavras diferentes tomaram conhecimento por meio da televisão, músicas, internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social). De modo que obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 6 – Palavras/Expressões conhecidas por meio das tecnologias/alunos

Palavras/Expressões	Meio digital	Ocorrências	Percentual
Like	Internet	03	11,53%
Tik Tok	Internet	03	11,53%
Baiano	TV	01	3,84%
Bora, Bill	Internet	01	3,84%
Cavalo	TV	01	3,84%
WhatsApp	Internet	01	3,84%
Free Fire	Internet	01	3,84%
Se ferrou	Internet	01	3,84%
Garfield	Internet	01	3,84%
Caramba	Internet	01	3,84%
E agora?	Internet	01	3,84%
Facebook	Internet	01	3,84%
Lá, ele	Internet	02	7,69%
Racismo	Internet	01	3,84%
Kwaii	Internet	01	3,84%
Juiciar	TV	01	3,84%
Disgramada	Internet	01	3,84%
Chuva de dinheiro	TV	01	3,84%
Não sabe	-	03	11,53%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A tabela 6, voltada para a sistematização das palavras/expressões utilizadas pelos alunos por meio das tecnologias e da internet, nos apresentou 19 palavras/expressões com 26 escolhas

lexicais. Das 26 respostas, apenas 04 foram associadas a televisão. As demais respostas foram todas associadas ao acesso à internet por meio da plataforma YouTube e aplicativos Instagram, Tik Tok e Facebook. Esta análise nos evidenciou que existe influência dos meios de comunicação digitais no léxico dos alunos, tanto que as expressões “Lá ele” e “Bora, Bill” reaparecem nesta tabela, bem como as nomenclaturas dos aplicativos “Tik Tok”, “WhatsApp” e “Facebook” que, segundo os alunos, possibilitaram acesso a palavras e expressões de outros lugares por meio da internet. Nesse sentido, para fundamentar tal questão trazemos o exposto por Bortoni-Ricardo (2004):

Além da rede social com que o indivíduo efetivamente interage, devemos considerar também o seu *grupo de referência*, pessoas com quem esse indivíduo não interage fisicamente ou por meio de recursos como internet, telefone etc., mas tem como modelo para sua conduta. Geralmente esse grupo de referência é escolhido pela experiência vicária, isto é, a experiência que o indivíduo adquire assistindo novelas de televisão, filmes, ou ouvindo relatos (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 49).

Tomamos essa citação de Bortoni-Ricardo para ampliá-la. Dezoito anos separam a citação da autora e a nossa pesquisa, nesse espaço de tempo muitas coisas mudaram influenciadas pela facilitação do acesso à internet e a aquisição de aparelhos eletrônicos. Dentro desse cenário de mudanças os grupos de referência se ampliaram, se antes a experiência vicária ocorria pelo acesso a novelas e filmes, agora também ocorre pelo acesso a conteúdo de youtubers, blogueiros e séries, por exemplo. A internet colabora com a evolução social, e a língua e a variação em diferentes níveis linguísticos não estão alheias a essa realidade, da mesma forma que a escola, os alunos e seus diversos falares também não estão.

Assim, com as entrevistas concluídas e apresentados os dados coletados, veremos adiante cinco narrativas escritas realizadas pelos alunos discorrendo sobre os vários jeitos de falar de Riacho Doce a partir de suas percepções.

5.6 Narrativas Escritas dos alunos

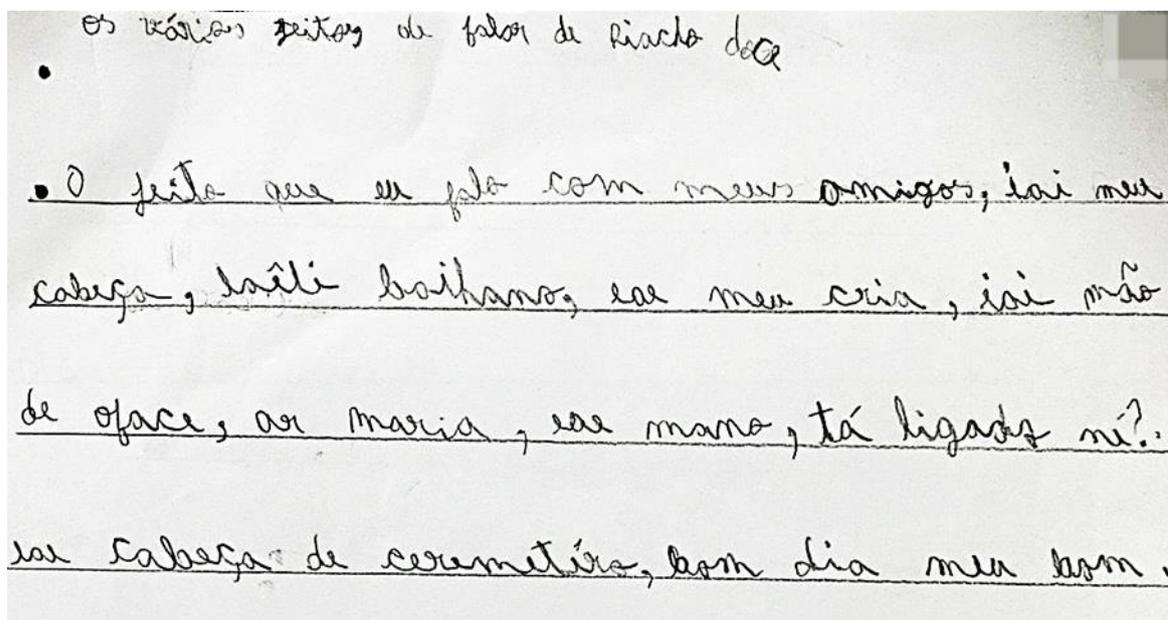
A escrita das narrativas sobre os diferentes jeitos de falar de Riacho Doce foi proposta para os alunos de maneira livre, na manhã desta atividade havia 27 crianças na turma. O objetivo desta atividade foi coletar dados sobre a variação lexical na escrita da turma. A produção da narrativa foi individual, realizada após o momento do recreio, a professora (P2) estava presente

e as carteiras estavam organizadas em fileiras como já era de costume na sala. As crianças poderiam escrever sobre suas experiências linguísticas no bairro, na escola, em outros espaços de interação a escolha de cada uma, bem como relatar outras experiências significativas para elas.

Os textos apresentados não seguiram um padrão exato e rígido com formato e quantidade de linhas, por exemplo. As crianças foram orientadas a ter liberdade textual a fim de que os possíveis casos de variação lexical pudessem aparecer também na escrita. Deste modo, algumas crianças escreveram mais, outras menos, algumas em formato de contação de histórias, outras em formato de lista.

Desta forma, dentro do tempo de em média uma hora/uma hora e meia as crianças escreveram suas narrativas escritas, algumas um pouco mais rápido, outras mais devagar. Obtivemos 26 narrativas escritas, destas selecionamos cinco das que mais apareceram casos de variação lexical para contemplação das produções escritas das crianças e de suas percepções sobre os falares do bairro.

Ilustração 2 – Narrativa escrita 01

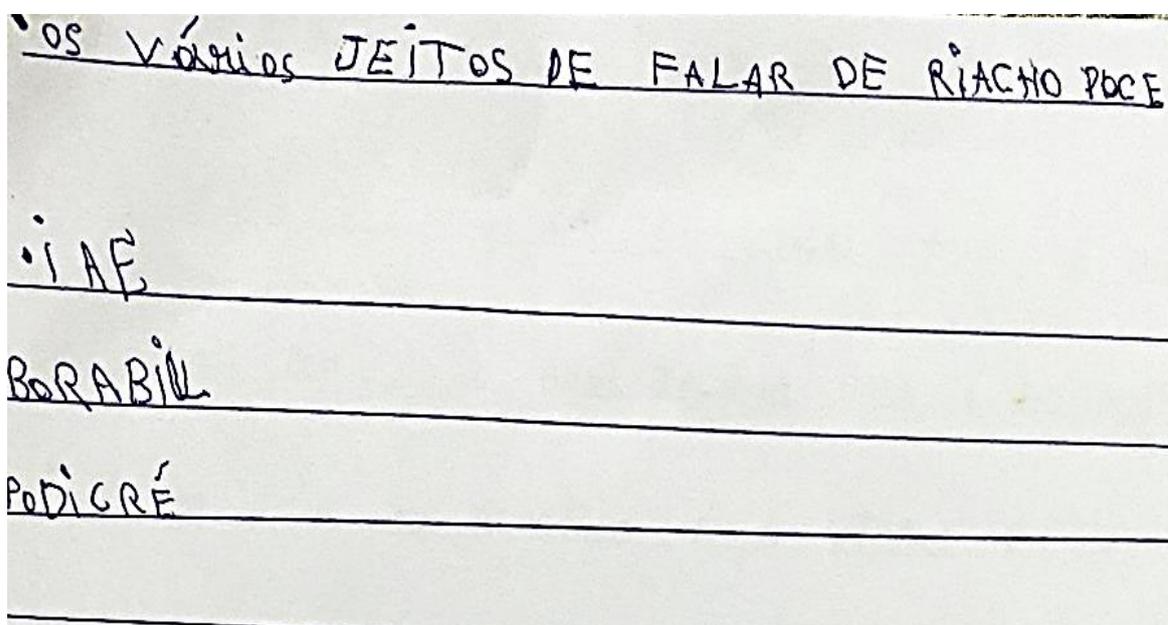


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A criança da narrativa 01, acima, optou por enfatizar as formas que costuma interagir com seus amigos mais próximos. Observamos que a criança fez uso de quatro variantes lexicais para o referente “amigo” dentro do contexto de amizade e afinidade mantido por ela e seu

amigo, são as variantes: “meu cabeça”; “meu cria”; “mano”; “meu bom”, conforme Bagno (2007), a variação lexical diz respeito a diferentes jeitos de falar a mesma coisa/tendo a mesma referência. Observamos ainda, o uso de “ar maria” para a expressão “Ave Maria” já relatada anteriormente na tabela 5, bem como o uso de “e aê?” também já descrito nas tabelas anteriores. Novamente presente, porém sem causar surpresa, observamos o uso da expressão “lá ele” na narrativa escrita reafirmando a influência da tecnologia na fala e na escrita dos alunos.

Ilustração 3 – Narrativa escrita 02



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A criança autora da narrativa 02 apresentou em sua escrita a expressão “e aê?” já descrita nas tabelas anteriores, observamos que ela registrou a palavra da maneira como fala, nos mostrando que o estudo do léxico ou da variação lexical é perpassado pela variação em outros níveis linguísticos, como apontamos ao longo deste trabalho. Neste caso específico, é notável variação fonética, pois a criança escreveu “iae” quando pronuncia “iaí” com o (i) fortemente marcado no ato da fala. Conforme Bagno (2006b), as diferenças fonéticas são as mais evidentes, pois são realizadas na pronúncia da língua. Ainda neste caso, observamos o processo de variação diamésica que de acordo com Bagno “é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita” (Bagno, 2007, p. 47).

Observamos ainda que a criança retomou a expressão “Bora, Bill” amplamente utilizada em dado momento pela influência da internet e depois caída em desuso. Bózio e Busse (2014),

discorrem que em relação as influências que o léxico recebe alguns traços podem se manter/innovar e outros não, tal fato se relaciona e depende de contextos externos e internos que mostram traços históricos, sociais e culturais.

Ilustração 4 – Narrativa escrita 03

• OS VÁRIOS JEITOS DE FALAR DE RIACHO DOCE

• SOBRE RIACHO DOCE EU ACHO UM LUGAR ÓTIMO DE MORAR É UM LUGAR BOM É EU ANDO JOGANDO BOLA É EU GOSTO DO JEITO DA FALA DO ALAGOANO É O SOTAQUE É EU ACHO UM SOTAQUE BOM É EU ANDO ESCUTANDO SOBRE O TAU FULANO É TAMBÉM EU ESCUTO TÁ LIGADO É UMA PALAVRA QUE EU TAMBÉM ESCUTO PRINCIPALMENTE EM CAMPO É TAMBÉM VÁRIOS TIPOS DE GIRIAMBÊME TAMBÉM EU ESCUTO É A L BOY.

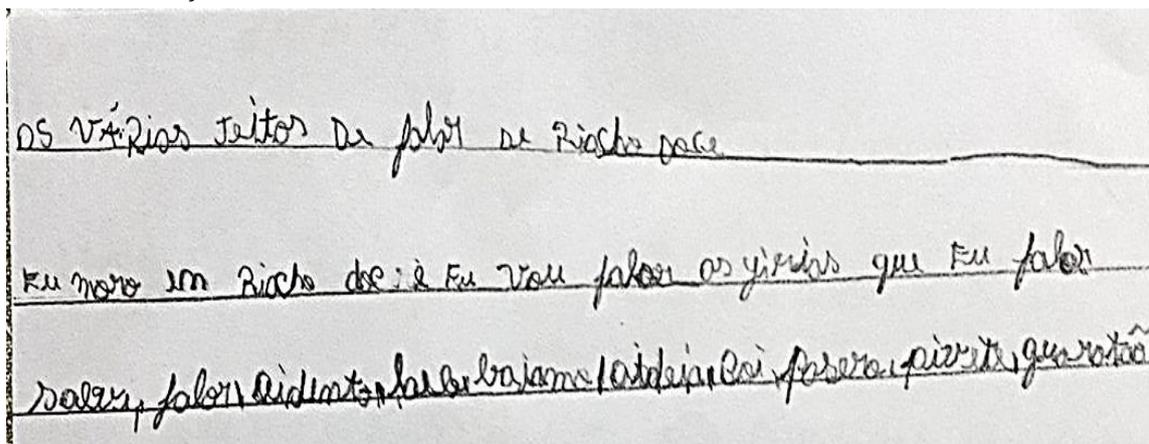
Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A criança que escreveu a narrativa 03 revelou admiração pelo bairro e pelo sotaque alagoano. A criança concentrou sua narrativa na temática futebol trazendo expressões que costuma ouvir em campo ou em situações relacionadas ao tema. Tais expressões “e aê” e “boy” também aparecem nas narrativas orais e a expressão “tá ligado” além das narrativas orais dos alunos também aparece nas respostas dos moradores.

O uso dessas e de outras expressões demonstram o caráter rico e diversificado do léxico e suas variações que possibilitam diferentes construções linguísticas sem a perda de sentido da intenção comunicativa ou perda do valor de verdade relacionado ao referente, de acordo com Marroquim “na linguagem usual de todas as classes, essas palavras novas, esses recursos léxicos do dialeto, expressivos e cheios de vida, dão um aspecto colorido e original a conversação” (Marroquim, 1934, p. 160). Vejamos que a criança faz uso da palavra “fulano”, tal termo é de uso antigo, amplo e corriqueiro para além das fronteiras de Riacho Doce e mesmo tendo aparecido diretamente apenas na narrativa escrita 03 indica traços da influência social,

histórica e cultural passada de geração em geração do povo riacho docense. Assim, a escrita do aluno é cheia de significado, pois dentro das expressões escolhidas ele demonstra conhecimento lexical variado e dentro da perspectiva informal consegue comunicar suas ideias de forma escrita e compreensiva.

Ilustração 5 – Narrativa escrita 04



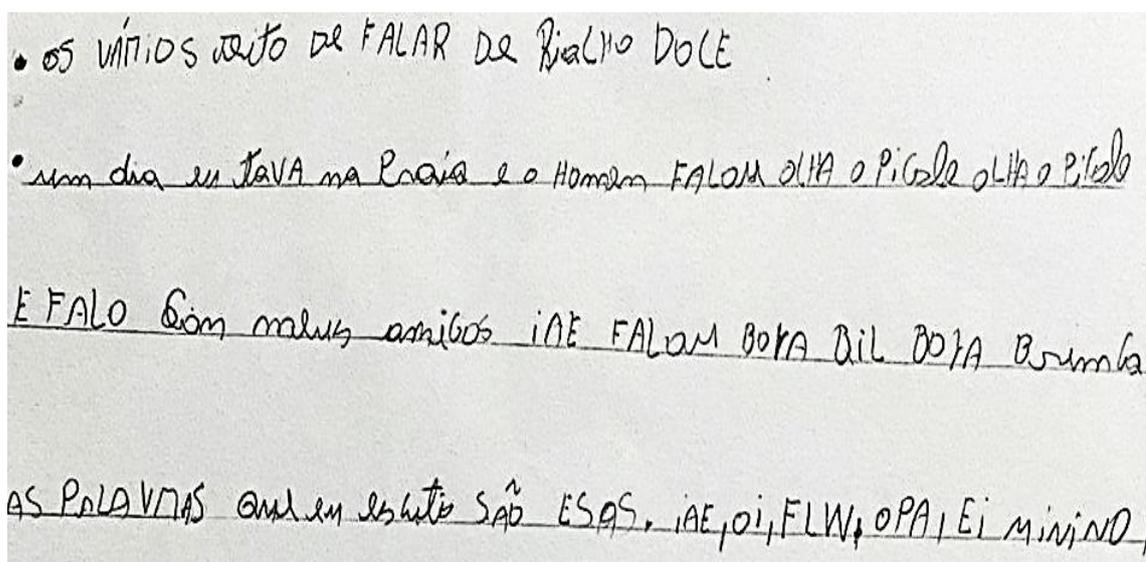
Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A partir da leitura da narrativa 04, percebemos que a criança objetivou elencar de forma sucinta as palavras/gírias mais utilizadas por ela nos diálogos na escola e em outros espaços de interação. Buscamos tratar cada palavra de acordo com os significados demonstrados pelos alunos nos contextos de uso observados ao longo da pesquisa nos quais as palavras/expressões/gírias relatadas nessa narrativa e entre outras foram utilizadas.

A criança evidenciou 09 palavras/expressões para construir sua narrativa, são elas: “salve”, cumprimento aos colegas já presentes quando se chega ao local; “falar (falô)”, despedida dos colegas ao sair do local de encontro/conversa; “aí dento”, autodefesa para brincadeiras/insinuações de duplo sentido; “lá ele, baiano” expressão baiana de autodefesa para brincadeiras/insinuações de duplo sentido; “as ideia” assuntos de interesse em comum; “boi (boy)”, variante lexical para menino/rapaz; “pasero (parceiro)” variante lexical para colega/amigo; “pivete” e “garotão” ambas variantes lexicais para menino do qual não se tem proximidade ou afinidade. Bagno (2007), explica de forma simples que a variação lexical acontece de maneira corriqueira e comum no cotidiano. Esta afirmação vem se confirmando ao longo desta pesquisa, de modo que as escolhas lexicais do aluno produtor da narrativa 04 nos reafirmam essa evidência.

Preti (1974), esclarece que a fala, aqui nos cabe as variantes lexicais, revelam traços de identidade das pessoas, bem como evidenciam prestígio ou desprestígio de suas escolhas linguísticas. No caso da narrativa 04, as variantes descritas pelo aluno não apontaram desconforto ou incômodo aos ouvintes quando pronunciadas nas interações, este fato nos permite inferir que são variantes aceitas e de uso regular entre os alunos nas vivências escolares.

Ilustração 6 – Narrativa escrita 05



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A narrativa 05 relatou a percepção lexical da criança em relação as palavras utilizadas por um vendedor ambulante na praia. Após, a criança volta sua narrativa para a explicação da forma que fala com seus amigos e então percebemos a ocorrência de palavras já aparecidas ao longo das falas anteriores dos alunos e que também irão aparecer na fala dos moradores.

Nesta narrativa, a abreviatura “FLW” nos chamou atenção. Essa abreviatura se refere a expressão de despedida “falou/falô” comumente utilizada entre os alunos. Mas por que o uso as letras “w” na abreviatura? Isso se deve a influência da internet, pois nos diálogos nas redes sociais a expressão é escrita, ou melhor, digitada “falow”. Mesmo essa escrita diferente sendo inovadora já começa a perder força e possivelmente cair em desuso devido a outro fenômeno: o processo de economia linguística que já acontece nos diálogos orais. Esse processo associado ao aceleração das comunicações via tecnologia e redes sociais⁵¹ tende a ocorrer nas

⁵¹ Um bom exemplo é o aceleração dos áudios enviados no aplicativo WhatsApp em 1,5x e 2x para além da velocidade habitual.

interações verbais virtuais também, uma prova disso é que o aluno apresentou na sua narrativa escrita em papel a abreviatura “FLW⁵²” amplamente já utilizada nos diálogos virtuais. Segundo Bagno, “[...] o PNP⁵³ corta todas as marcas ‘supérfluas’, ‘redundantes’: para que tantos ‘funcionários’ para fazer o serviço que um só dá conta de realizar? Isso torna o PNP uma língua ‘enxuta’, e conseqüentemente mais dinâmica, ágil e flexível do que o PP⁵⁴.” (Bagno, 2006b, p. 54).

Após a análise das narrativas escritas dos alunos, pensando de que forma os alunos utilizam o repertório lexical formal e informal no que diz respeito a variação de acordo com a situação comunicativa e como essa questão é abordada em sala de aula, a reflexão nos lembra que ao longo da pesquisa os alunos demonstraram consciência de quando precisavam utilizar uma linguagem mais formal escrita ou oral em argumentações com a professora, por exemplo, e uma linguagem informal na maioria dos diálogos com os colegas de turma.

Em relação ao desenvolvimento das atividades da pesquisa a questão da formalidade e informalidade também apareceu, visto que os alunos estavam sempre muito atentos a temática da pesquisa e buscavam elementos formais para explicar seus pontos de vista sobre algum assunto e se valiam de elementos informais para exemplificar esses pontos de vista, ou seja, buscavam palavras formais para explicar e argumentar o que é o léxico e buscavam palavras informais para exemplificar os diversos falares que ouviam na rua, por exemplo, nos demonstrando um movimento consciente de conhecimento e uso do léxico formal e informal. Diante da situação atípica de mudança de professora por questões de saúde conforme relatado na seção dos aspectos metodológicos, a demanda de conteúdos era grande para o pouco tempo letivo até o fim do ano, esse fato impossibilitou que aspectos relacionados a variação linguística fossem tratados pela professora junto com os alunos dentro dos conteúdos das aulas.

Após a realização das narrativas escritas, os alunos também apresentaram relatos orais sobre os diversos jeitos de falar no bairro a partir de suas percepções. Nessas narrativas oralizadas foram ainda mais perceptíveis variações em outros níveis linguísticos para além do

⁵² Para além de “FLW”, seguem exemplos de outras abreviaturas do mundo virtual: “VC” você; “TBM” também; “P” para; “BLZ” beleza; “HJ” hoje; “TMJ” estamos juntos; “N” não; “SS” sim; “RLX” relaxa; “OBG” obrigada; “MSG” mensagem; “BJ” beijo, entre outras.

⁵³ Na obra “A língua de Eulália” PNP significa Português Não Padrão. (Bagno, 2006b).

⁵⁴ Na obra “A língua de Eulália” PP significa Português Padrão. (Bagno, 2006b).

nível lexical e que podem, no futuro, ser objeto de discussão para outros trabalhos, por hora atemo-nos as percepções sobre a variação lexical mais propriamente.

5.7 Narrativas Oraís dos alunos

As narrativas oraís foram gravadas de forma individual fora da sala de aula para melhor captação dos áudios. As gravações são dos mesmos alunos produtores das narrativas escritas apresentadas neste trabalho. Com o entendimento que os eventos oraís são campos primordiais de realização da variação apresentamos abaixo transcrições de falas de cinco alunos relatando suas percepções sobre os seus falares e os falares que percebem no bairro.

Quadro 19 – Narrativas Oraís/Alunos

Narrativa Oral 01	“Cum meus amigos eu falo assim: oxente, oxe, lá ele... Cuma é mais? Dêxa eu me lembra aqui, é rocha vum? Oia ele foi ali mai já já vôta visse? Também tem o... e agora, hein, boy? Tamém tem o já era fi, isqueci, o pai tá on [...]”
Narrativa Oral 02	“É... Aqui im Riacho Doce o jeito de falar é diferente. Na iscola eu escuto lá ele, várias coisa diferente, aí dento, amiga sua lôca [...] risos [...]”
Narrativa Oral 03	“É... Aqui em Alagoas eu iscutu muit(ch)o tá ligado... É também eu iscutu muit(ch)o vamos batê um fut?” Também... é... eu iscutu é nós, também, eu iscutu... é... um monte de tipo de gíria im vários lugare principalmente onde que eu moro [...] onde que eu moro eu iscutu mais tá ligado, e aê? vamu batê um fut? É... vamu dá uma vótinha?
Narrativa Oral 04	“Massa é uma coisa legal, divertida de fazê... Também tem manga, manga de rôpa, mangar [...] falo boy, que é tipo inglês... inglês que é minino” [...] também gosto muit(ch)o de fala gírias de ôtos estado tipo jão que não é daqui muit(cho) de Alagoas, trem... pelo Youtube.... esse trem aqui.... objeto [...]”
Narrativa Oral 05	“Para falá cum meus amigo eu falo: e aê? Bora brincá?”

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Em análise das narrativas escritas e das narrativas oraís é possível identificar influências históricas, sociais e culturais nos casos de variação lexical presente na fala e na escrita dos alunos. Isso ocorre pela socialização de conhecimento popular, sobretudo oral, que se estende para a escrita e para outros eventos de oralidade. A título de exemplificação, relembramos aqui o uso da palavra “massa” citado no item “Produção de dicionário regional”, “massa” é uma palavra que foi enquadrada como menos recente porque está incorporada ao léxico popular do barro há muito tempo, sendo transmitida por meio dos diversos eventos oraís dentro e fora da

escola. Também foi enquadrada com mais recente, visto a sua frequência de uso nas redes sociais [virtuais] na atualidade, bem como por incentivo do slogan “Maceió é massa” da Prefeitura de Maceió. Tanto um exemplo como outro nos revelam que o uso dessa palavra é permeado de influência sociocultural ao longo da história do bairro chegando até a sala de aula.

Ainda com base nas narrativas escritas e orais, destacamos a percepção para a relação de sintonia nos comportamentos linguísticos dos alunos em cada atividade realizada. Algumas das palavras/expressões surgidas nas entrevistas e nas narrativas escritas também surgiram ao longo das falas das crianças, este fato é um indicador da sintonia a qual nos referimos. Tal sintonia evidencia que o léxico e as variações utilizadas pelas crianças são eficientemente funcionais, pois são compreensíveis e atendem as intenções comunicativas em diferentes contextos sem prejuízos.

As falas reais da sala de aula majoritariamente seguem um estilo não monitorado com a realização de variação em diferentes níveis linguísticos. Dentre os muitos usos linguísticos aparecem variantes padrão e não padrão. O professor, nesse sentido, deve estar atento as possibilidades de trabalho pedagógico para estudo e reflexão sobre a língua com os alunos levando em consideração a experiência das realizações linguísticas reais que abrem espaço para discussões sobre diversos conteúdos linguísticos a partir da participação concreta dos alunos. Corroboramos com Bortoni-Ricardo (2005), ao explicar que

os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independente do código usado – a variedade-padrão ou variedades não-padrão -, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação. Uma forma efetiva de o professor conferir essa ratificação é dar continuidade à contribuição do aluno, elaborando-a e ampliando-a. Se esta contribuição foi veiculada numa variedade não-padrão, no momento em que o professor retomar a contribuição para ampliá-la, ele poderá justapor a variante-padrão e tecer comentários sobre as diferenças entre as duas variantes, permitindo, assim que se desenvolva a consciência do aluno sobre variação linguística (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 197).

Como vimos até aqui, os alunos fazem usos lexicais de variedade-padrão e não padrão com bastante influência do meio cultural que vivem fora da escola, influência da cultura virtual por meio do acesso facilitado à internet, bem como a manutenção das variantes aprendidas nesses espaços nos diálogos com os colegas da escola. Vimos também que esses usos lexicais permeados de palavras polissêmicas, expressões idiomáticas, variantes lexicais, variações em

diferentes níveis linguísticos constituem diálogos funcionais que atendem as necessidades comunicativas dos alunos na escola.

Tratando dessa pluralidade de usos linguísticos, é pertinente refletir sobre o preconceito linguístico que é real em diversas camadas sociais. Segundo Bagno (2006a), o preconceito linguístico é pouco combatido e muito alimentado em meios de comunicação de grande alcance como TV, rádio e jornais, por exemplo, podemos incluir aqui as redes sociais e a internet de modo geral. Para o autor, “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui” (Bagno, 2006a, p. 13). Embora, o preconceito linguístico seja presença constante em diversos espaços como uma faceta do preconceito social estrutural, não foi perceptível episódios de manifestações preconceituosas para com os diversos usos linguísticos dos alunos por parte dos próprios estudantes e/ou da professora.

Sabido isto, também é pertinente refletir sobre a percepção dos alunos sobre casos de preconceito decorrentes dos vários modos de falar do povo brasileiro. Durante a realização das atividades ao longo da pesquisa vários diálogos foram realizados. Alguns entre muitas e muitas risadas e gargalhadas, outros em tom de seriedade e de explicações. Nesse último, se encaixa a percepção dos alunos sobre o preconceito linguístico. Ao confrontarem-se com alguma variante menos prestigiada alguns estudantes tomavam a iniciativa para explicar seus pontos de vista. De modo geral, as explicações giravam em torno de uma mesma ideia: o errado é ser preconceituoso com a outra pessoa. Em paráfrase, podemos ilustrar traços dos diálogos com base nessa ideia, cada pessoa tem seu jeito de falar e todo dia é uma oportunidade de aprender coisas novas. Não é certo rir de alguém porque fala diferente, todo mundo tem seu jeito, todo mundo se entende, o importante é se respeitar. O que essa paráfrase nos mostra? Nos revela que os alunos têm conhecimento da problemática decorrente do preconceito linguístico e que também, para além do conhecimento, têm pontos de vista e posicionamentos contrários as possíveis manifestações preconceituosas de que possam ser testemunhas.

Em tempo que apresentamos as atividades realizadas com os alunos voltadas para a percepção e consciência da variação lexical, é relevante investigar quais possíveis fatores sociais podem exercer influência sobre o léxico comumente utilizado pelas crianças nas vivências escolares, para tanto partimos para o seio da comunidade realizando entrevistas com os moradores do bairro que a escola é localizada, conforme veremos a seguir.

5.8 Fatores sociais: entrevistas semiestruturadas com os moradores

Objetivando sistematizar quais fatores contribuem para a ocorrência dos casos de variação lexical percebidos na fala e na escrita dos alunos, tomamos o seguinte questionamento: que fatores justificam a realização dos casos de variação lexical identificados nos falares e na escrita dos estudantes? Para tanto, utilizamos o instrumento de pesquisa entrevista para dialogar com os moradores dos arredores da escola, coletar dados e realizar as análises/percepções que seguem apresentadas nesta dissertação.

As entrevistas com os moradores foram os instrumentos para identificar se os casos de variação lexical presentes na fala/escrita dos alunos também aparecem na fala de moradores do bairro relacionadas a influências históricas, sociais e culturais. As abordagens aos moradores foram realizadas com linguagem informal estilo conversa, com apresentação, explicação e convite para a participação da pesquisa. Conforme evidenciado anteriormente, os moradores ficaram curiosos e dispostos a conceder entrevista, porém também ficaram receosos em relação a assinatura do TCLE devido ao contexto de tensão de violência que assolava o bairro na época concomitante a tensão do período eleitoral. Certificados que a entrevista não tinha relação com tais questões assinaram os termos de consentimento de participação, mas se recusaram a realizar a entrevista escrita a próprio punho optando apenas pela participação oral com registro escrito feito pela pesquisadora.

Conforme explicitado anteriormente na seção dos aspectos metodológicos, as entrevistas foram realizadas com 22 moradores de Riacho Doce nos mais diversos espaços de interação nos arredores da escola. Os moradores não foram selecionados previamente, desenvolvemos o trabalho de campo no seio da comunidade de forma mais natural possível com os moradores que se dispuseram a participar. Tal iniciativa da aleatoriedade na escolha dos entrevistados proporcionou que os dados coletados nas entrevistas com os moradores fossem os mais fiéis possíveis considerando também a informalidade nos diálogos durante as entrevistas com a intenção de que os moradores não utilizassem monitoramento em suas falas.

Para tanto, de antemão esclarecemos que as tabelas abaixo são apresentadas apenas com foco na ilustração/demonstração das palavras/expressões e a frequência de ocorrência relatada pelos moradores. Dos 22 entrevistados, 11 são homens com faixa etária entre 28 e 67 anos e 11

são mulheres com faixa etária entre 19 e 87 anos, conforme ilustra a tabela 7, abaixo, com foco na descrição dos entrevistados (as):

Tabela 7 – Apresentação dos moradores entrevistados

Entrevistado(a)	Gênero	Idade	Natural do bairro	Residência no bairro	Escolaridade	Estudou na EEAV ⁵⁵	Ocupação	Trabalha no bairro
(E01) ⁵⁶	F ⁵⁷	87	sim	87 anos	Mobral ⁵⁸	não	Aposentada	-
(E02)	M ⁵⁹	46	sim	46 anos	Ens. Médio	sim	Vendedor de fruta	sim
(E03)	M	55	sim	55 anos	Ens. Médio	sim	Vendedor de Alagoas da Sorte ⁶⁰	sim
(E04)	M	47	sim	47 anos	Ens. Médio	sim	Mototaxista	sim
(E05)	F	30	sim	23 anos	Superior	não	Operadora de caixa	não
(E06)	F	38	não ⁶¹	10 anos	não informou	não	Doméstica	sim
(E07)	M	49	sim	49 anos	Ens. Médio	sim	Vendedor de salgados	sim
(E08)	M	45	sim	45 anos	Ens. Médio	sim	Vendedor de bebidas	sim
(E09)	F	59	não ⁶²	58 anos e 6 meses	Superior	sim	Pedagoga	não
(E10)	F	19	sim	08 anos	Superior	não	Estudante	não
(E11)	M	43	sim	43 anos	Ens. Médio	sim	Vigilante	não
(E12)	M	67	não ⁶³	55 anos	Mobral	sim	Tirador de coco	sim
(E13)	F	48	sim	48 anos	Ens. Médio	não	Artesã	sim

⁵⁵ Escola Estadual Antônio Vasco.

⁵⁶ A sigla (E0) seguida de número cardinal é utilizada para referência aos entrevistados (as).

⁵⁷ F: corresponde ao gênero feminino.

⁵⁸ A entrevistada informou que estudou no Mobral – Movimento Brasileiro para Alfabetização, numa casa em riacho Doce que cedia espaço para as aulas.

⁵⁹ M: corresponde ao gênero masculino.

⁶⁰ Alagoas da Sorte é um sorteio de prêmios ou de quantias em dinheiro entre as pessoas compradoras de bilhetes enumerados em todo estado de Alagoas.

⁶¹ (E06) natural da cidade de Junqueiro/AL.

⁶² (E09) natural do bairro Ponta Grossa – Maceió/AL.

⁶³ (E12) natural da cidade de Maragogi/AL.

(E14)	F	62	não ⁶⁴	58 anos	Ens. Fund. II	sim	Boleira	sim
(E15)	F	53	sim	53 anos	Ens. Médio	sim	Doméstica	sim
(E16)	F	69	não ⁶⁵	48 anos	Ens. Fund. II	não	Costureira	sim
(E17)	M	64	não ⁶⁶	55 anos	Ens. Fund. I	sim	Auxiliar de serviços gerais	não
(E18)	M	35	sim	35 anos	Ens. Médio	sim	Mototaxista	sim
(E19)	M	28	sim	28 anos	Ens. Médio	sim	Mototaxista	sim
(E20)	F	75	não ⁶⁷	49 anos	Mobral	sim	Doméstica	sim
(E21)	F	51	não ⁶⁸	20 anos	Ens. Médio	não	Costureira	sim
(E22)	M	48	sim	48 anos	Ens. Fund. I	sim	Pescador	sim

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Dando início as entrevistas, perguntamos aos moradores entrevistados quais palavras que eles conhecem tem mais de um significado, foram obtidas 22 respostas.

Tabela 8 – Palavras/Expressões conhecidas pelos moradores

Palavra	Significado inferido	Ocorrências	Percentual
bonito	formoso/bacana/gatinho/lindo	02	9,09%
oxente	surpresa/exclamação	01	4,54%
viado	xingamento	01	4,54%
manga	fruta/rir dos outros/parte da camisa	02	9,09%
abacaxi	fruta/problema para resolver	01	4,54%
gato	animal/roubo de energia/homem bonito	01	4,54%
careta	gíria/cara feia/pessoa que não é radical	01	4,54%
bolo	comida/tapa/faltar em um encontro	01	4,54%
mala	objeto de guardar roupa/pessoa folgada ou ruim	01	4,54%
iapoís	concordância	01	4,54%
pé	membro do corpo/pé de fruta/pé do mar (horizonte)	02	9,09%
mão	parte do corpo/dar a mão: ajudar	01	4,54%

⁶⁴ (E14) natural da cidade de Joaquim Gomes/AL.

⁶⁵ (E16) natural da cidade de Flexeiras/AL.

⁶⁶ (E17) natural da cidade de Maragogi/AL.

⁶⁷ (E20) natural da cidade de São Luís do Quitunde/AL.

⁶⁸ (E21) natural da cidade do bairro Bebedouro -Maceió/AL.

planta	ser vivo vegetal/pessoa parada/planta construir casa	01	4,54%
animal	bicho/pessoa irritada/mal-educada	01	4,54%
pipoca	alimento/espço para foliões no carnaval	01	4,54%
parceiro	amigo/collega de trabalho	01	4,54%
canela	chá/parte da perna/lugar do Brasil	01	4,54%
batata	alimento/parte da perna/apelido	01	4,54%
rosa	flor/nome de pessoa/cor	01	4,54%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Seguindo a entrevista, também apresentamos para os moradores a figura do inseto comum ao bairro, conforme a ilustração 1, mostrada anteriormente e perguntamos: quantos nomes você conhece para identificar o inseto mostrado na figura e obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 9 – Inseto comum ao bairro: variante predominante/moradores

Variante lexical predominante	Ocorrências	Percentual
mosquito	20	90,90%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Para além das vinte ocorrências para a variante mosquito, os moradores apontaram outras variantes que juntas somaram 31 respostas, conforme a tabela 9.1, abaixo:

Tabela 9.1 – Inseto comum ao bairro: demais variantes/moradores

Variantes lexicais	Ocorrências	Percentual
mosquito da dengue	03	13,63%
muriçoca	08	36,36%
pernilongo	14	63,63%
maruim	04	18,18%
mutuca ⁶⁹	01	4,54%
muruanha	01	4,54%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

⁶⁹ A variante mutuca, segundo Marroquim (1934), tem origem na língua indígena Tupi. (Marroquim, 1934, p. 153).

Indagamos aos moradores quais outras formas podem ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora” para perceber semelhanças ou diferenças nas respostas dadas pelos alunos na tabela 4, apresentada anteriormente. Obtivemos as seguintes respostas conforme a tabela 10, abaixo:

Tabela 10 – Variação de expressões/moradores

Expressões variantes	Ocorrências	Percentual
“Pegô o beco”	01	4,54%
“O cara pegô o beco”	03	13,63%
“O rapaz se mandô”	01	4,54%
“Se saiu”	01	4,54%
“Ele se escafedeu”	01	4,54%
“Viajou”	01	4,54%
“Partiu”	01	4,54%
“O cara se ausentou”	01	4,54%
“O rapaz se mandô”	01	4,54%
“O homem se mandou”	01	4,54%
“Ele foi embora”	01	4,54%
“Ele foi simhora”	01	4,54%
“O rapaz pegou o beco”	02	9,09%
“O rapaz fugiu”	01	4,54%
“O cara sumiu”	01	4,54%
“O rapaz se escafedeu”	01	4,54%
“O cara se mandou”	01	4,54%
“Se escafedeu-se”	01	4,54%
“Ele partiu”	01	4,54%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Também perguntamos aos moradores quais são as palavras/expressões mais comuns que eles ouvem no cotidiano em diferentes espaços de interação, bem como com pessoas com as quais interagem ou em diálogos informais que porventura possam ouvir na rua e em outros lugares. Deste modo, obtivemos as seguintes respostas mostradas na tabela abaixo:

Tabela 11 – Palavras/Expressões mais comuns ouvidas pelos moradores

Palavras/Expressões	Ocorrências	Percentual
Passar o tempo	01	4,54%
E, aí?	03	13,63%
Sextou!	01	4,54%
Bença, mãe	01	4,54%
Senhora	01	4,54%
Jhow ⁷⁰	01	4,54%
Resenha ⁷¹	02	9,09%
Oxente	01	4,54%
Tá ligado, mano?	01	4,54%
É o cara	01	4,54%
Iapois	01	4,54%
Mô amô	01	4,54%
Eita	01	4,54%
Minha fia	01	4,54%
Vai timbora	01	4,54%
Mãe de Deus	01	4,54%
Paz esteja contigo	01	4,54%
De boa	01	4,54%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Por fim e não menos importante, perguntamos aos moradores quais palavras diferentes tomaram conhecimento por meio da televisão, músicas, internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social). De modo que obtivemos as seguintes respostas:

⁷⁰ Segundo o entrevistado, “jhow” é uma forma de chamar o amigo/colega. Uma espécie de apelido coletivo que serve para qualquer amigo sem precisar chamá-lo pelo nome próprio ou pelo apelido convencional. Nos diálogos informais é um chamamento bastante funcional e de uso comum entre homens.

⁷¹ Resenha, neste caso, está no sentido de brincadeira/gracejo com pessoas das quais se tem proximidade e afinidade.

Tabela 12 – Palavras/Expressões conhecidas por meio das tecnologias/moradores

Palavras/Expressões	Meio digital	Ocorrências	Percentual
WhatsApp	Internet	03	13,63%
Tik Tok	Internet	01	4,54%
Stalkear	Internet	01	4,54%
Stress	TV	01	4,54%
Se pá ⁷²	Internet	01	4,54%
Tamo Junto	Internet	01	4,54%
TBM/TB ⁷³	Internet	01	4,54%
Transbordar de Deus	TV	01	4,54%
Canção Nova	TV	01	4,54%
MSG ⁷⁴	Internet	01	4,54%
VC ⁷⁵	Internet	01	4,54%
PDC ⁷⁶	Internet	01	4,54%
Zap Zap ⁷⁷	Internet	01	4,54%
Não lembra	-	07	31,81%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os dados ilustrados nas tabelas acima demonstram que há influência do léxico do bairro na fala e escrita das crianças, visto que casos de variação lexical que ocorrem na fala/escrita dos alunos também aparecem na fala de moradores.

Conforme viemos pontuando ao longo desta dissertação, os aspectos culturais, históricos e sociais têm influenciado nas diversas formas como o léxico é utilizado dentro do contexto da sala de aula, cabe aqui ressaltar que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008, p. 21). Quando os alunos chegam à

⁷² Segundo a entrevistada, a expressão “Se pá” significa “talvez” ou “pode ser” no mundo virtual dos jogos *on-line*. Ainda conforme a participante, ela aprendeu a expressão por meio da frequente participação em jogos *on-line* com várias pessoas do Brasil, com as quais também mantém grupos no WhatsApp para este fim.

⁷³ Abreviaturas utilizadas nas redes sociais para a palavra “também”.

⁷⁴ Abreviatura utilizada nas redes sociais para a palavra “mensagem”.

⁷⁵ Abreviatura utilizada nas redes sociais para o pronome “você”.

⁷⁶ Abreviatura utilizada nas redes sociais para a expressão “pode crê” / “pode crer”.

⁷⁷ Variação lexical da palavra “WhatsApp”.

escola, revelam o léxico que estão habituados de acordo com suas experiências em outros espaços de interação nos quais também aprendem socialmente, culturalmente e historicamente.

Portanto, os compartilhamentos de variantes comuns aos alunos e moradores são evidências da influência do léxico que é repassado de geração em geração no bairro, em algum momento com mais usos de variantes menos recentes, em outro com uso mais frequente de variantes/expressões mais recentes e, sobretudo, com a força impulsionadora da internet e das redes sociais.

De mão das análises das atividades realizadas com os alunos e dos dados coletados nas entrevistas com os moradores, apresentamos a seguir a sistematização sobre as aproximações e os distanciamentos identificados entre o léxico dos estudantes nas vivências escolares e o léxico dos moradores do bairro.

5.9 Léxico dos estudantes e dos moradores: aproximações e distanciamentos

Ao longo de tudo que vimos no decorrer dos tópicos anteriores, ficou esclarecido que na fala e na escrita da turma observada existem sim casos de variação lexical, que alguns desses casos ocorrem na fala/escrita dos alunos por influência da fala dos moradores do bairro e por influência da TV e da internet. Bem como, foram perceptíveis influências históricas, sociais e culturais nos casos de variação lexical presentes na fala e na escrita dos alunos por meio da socialização de conhecimento perpassado de geração em geração, além de que também foi perceptível que os alunos têm atenção ao uso formal e informal da língua quando é conveniente a situação comunicativa e que eles têm pontos de vista e posicionamentos contrários ao preconceito linguístico.

Nesse sentido, pensamos ser importante refletir também sobre a interface entre o léxico dos alunos e o léxico dos moradores que constituem o falar do Riacho Doce transparecendo traços da sua história e da sua cultura.

Ao longo das entrevistas, conversamos com artesãs, tiradores de coco, com boleiras dos tradicionais bolos de macaxeira, coco, pé de moleque, doces e afins, conversamos também com pescadores que mantém viva essa antiga profissão que ao longo da formação do bairro sustentou várias famílias e rendeu/rende histórias que são contadas para os filhos e netos, dentre eles

alunos da escola, mantendo a riqueza da tradição oral na qual se concretizam em maior escala as variações lexicais.

Pensando nesse contexto, vejamos quais as aproximações entre o léxico dos alunos e o léxico dos moradores. Vimos na tabela - 1 (alunos) e na tabela - 8 (moradores) que as palavras “manga”; “gato”; “bolo”; “pé” e “planta” são comumente utilizadas por alunos e moradores nos mostrando a aproximação lexical entre ambos. Nesse mesmo sentido, seguem a tabela - 3 (alunos) com 24 ocorrências para a variante “mosquito” compreendendo 92,03% das respostas dos 26 alunos e a tabela - 9 (moradores) com 20 ocorrências para a variante “mosquito” alcançando 90,90% das respostas de 22 moradores, esses dois resultados destacam a variante “mosquito” como a variante predominante no bairro e reforçam a ideia de aproximação lexical entre alunos e moradores.

Para além da variante “mosquito”, o referente “inseto” foi identificado por outras formas que estão apresentadas na tabela – 3.1 (alunos) e na tabela – 9.1 (moradores). Tais formas também indicaram aproximações lexicais pelos seguintes resultados: “mosquito da dengue” com 7,69%, “muriçoca” com 23,07%, “pernilongo” com 15,38% e “maruim” com 3,84% das respostas dos alunos; “mosquito da dengue” com 13,63%, “muriçoca” com 36,36%, “pernilongo” com 63,63% e “maruim” com 18,18% das respostas dos moradores.

Porém, ainda nas tabelas 3.1 e 9.1, também ocorreram distanciamentos quando 3,84% dos alunos descrevem o referente apenas como “inseto” e quando 4,54% dos moradores descrevem o inseto como “mutuca” e outros 4,54% descrevem como “muruanha”, essas duas últimas variantes não apareceram nas respostas dadas pelos alunos e nem nas falas observadas, de modo que dá margem para se pensar que sejam variantes menos recentes com maior possibilidade de ocorrências no léxico dos moradores.

Na tabela – 4 (alunos) e na tabela – 10 (moradores), as expressões “pegô o beco”, “o cara”; “se mandô” e “simbora” foram compartilhadas por alunos e por moradores com elevada frequência apontada para a influência cultural vivenciada nos mais diversos espaços do bairro. Nessas mesmas tabelas, as palavras/expressões “garotão”, “meteu o pé” e “deu no pé” apareceram somente no léxico dos alunos evidenciando variações mais recentes apoiadas na influência tecnológica. Já as expressões “escafedeu-se”, “se saiu” e “se ausentou” foram

presentes apenas nas falas dos moradores como variações que povoam muito mais o mundo oral real que o mundo tecnológico virtual.

Na tabela – 5 (alunos) e na tabela – 11 (moradores), foram pareados os usos de “bença”; “e, aê? / e, aí?”, “oxe / oxente”; “cara” e “Ave Maria/Mãe de Deus” enquanto aproximações lexicais. Nessas tabelas também apareceram alguns distanciamentos lexicais influenciados pelos diferentes usos da internet entre alunos e moradores. Na tabela – 5, novamente foram citados os usos de “Lá ele” e “Bora, Bill” aprendidos por meio de vídeos do YouTube e por memes, tais expressões ocorreram apenas no léxico dos alunos. Já na tabela – 11, as expressões “Sextou” e “Jhow” apareceram apenas na fala dos moradores, a primeira como forma de convite para “sextar”, ou seja, aproveitar o início do fim de semana e a segunda como forma de chamar um amigo.

As últimas tabelas, tabela – 6 (alunos) e tabela – 12 (moradores), foram voltadas para a reflexão sobre as palavras/expressões aprendidas por meio das tecnologias, popularizadas pela internet e utilizadas no léxico cotidiano. As palavras “Tik Tok” e “WhatsApp” mostraram as aproximações lexicais entre alunos e moradores. Já os distanciamentos foram marcados, na tabela – 6 (alunos), pelas palavras “Like”, “Free Fire” e a expressão “Bora, Bill” relacionadas a pedidos de curtidas em vídeos na plataforma YouTube, a jogos *on-line* e a memes. Na tabela – 12 (moradores), os distanciamentos lexicais foram marcados pelas palavras “*Stalkear*” no sentido de bisbilhotar a vida de outras pessoas nas redes sociais e pela palavra “*Stress*” referenciando o mundo adulto com aceleração das vivências e impaciência nas relações.

As reflexões apresentadas ao longo desta dissertação são relevantes para colaborar com o entendimento dos diversos usos da língua em comunidades reais de fala, das influências sociais e da internet nestes usos, bem como são também subsídios para auxiliar professores no trabalho com o ensino da língua materna, sobretudo no que compete ao campo da variação linguística. Em síntese,

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que

cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e ele “drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas, expressões. Não se lhes negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Desse modo, variações lexicais não constituem erros. São formas alternativas de realizar os usos linguísticos. Retomando Sírio Possenti, “[...] todos os que falam sabem falar” (Possenti, 1996, p. 26), e todos os falantes devem ser respeitados nos seus cotidianos linguísticos com oportunidade de ampliar conhecimento sobre a língua.

Apresentadas as nossas percepções sobre as aproximações e distanciamentos lexicais de estudantes e moradores, encaminhamo-nos para as considerações finais desta dissertação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal analisar casos de variação lexical na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública alagoana. Deste modo, observamos como se realiza a variação lexical na fala e na escrita dos alunos do 5º ano. Para isso, desenvolvemos atividades voltadas para o estudo da variação lexical cotidiana junto com os alunos e sistematizamos conhecimento sobre fatores que contribuem para a realização dos casos de variação lexical identificados na fala e escrita dos alunos.

Os resultados deste trabalho apontam que na fala e na escrita da turma observada existem casos de variação lexical e para além da realização dessa variação nas falas e nos registros escritos dos alunos também ocorre variação em outros níveis concomitante ao lexical. As análises também mostram que os casos de variação lexical identificados na fala/escrita dos alunos também aparecem na fala de moradores do bairro. Os dados ilustrados nas tabelas referentes aos entrevistados no bairro demonstram que há influência do léxico local no léxico usual das crianças, visto que casos de variação lexical que ocorrem na fala/escrita dos alunos também apareceram com frequência na fala de moradores.

No que corresponde aos aspectos social, cultural e histórico, os resultados mostram que há influência cultural, histórica e social no léxico utilizado pelos alunos ocorrendo por meio da socialização de conhecimento popular pela oralidade transmitida de geração em geração que, para além do domínio social do lar, adentra os domínios sociais de aprendizagem formal e demais espaços de interação. No que se refere ao estilo linguístico, os resultados evidenciam que os alunos demonstraram consciência para uso de linguagem mais formal escrita ou oral, de acordo com a situação e intenção comunicativa.

Em relação a problemática do preconceito linguístico, enquanto presença constante em diversos espaços como uma faceta do preconceito social estrutural, não foi perceptível episódios de manifestações preconceituosas para com os diversos usos linguísticos dos alunos por parte dos próprios alunos e da professora. Porém, durante os diálogos surgidos em sala que se aproximavam do assunto preconceito linguístico os alunos mostraram conhecimento sobre a temática e também que têm pontos de vista e posicionamentos contrários as possíveis manifestações preconceituosas.

Foi constatado também que existe significativa influência da internet no léxico dos alunos, tanto que as expressões conhecidas e aprendidas por meio de plataformas e aplicativos digitais foram informadas como comumente utilizadas no léxico cotidiano dos alunos. Nesse aspecto, a facilitação de manuseio a aparelhos eletrônicos e acesso à internet contribuiu de forma significativa para que os alunos pudessem conhecer novas expressões e novas variantes lexicais e introduzi-las aos usos linguísticos cotidianos sem prejuízos a comunicação.

Do ponto vista educacional, foi relevante desenvolver a pesquisa voltada para questões sobre a variação linguística alagoana visando colaborar com o aumento de pesquisas científicas que possam fornecer subsídios para auxiliar na desmistificação e combate de casos de preconceitos para com os diversos usos linguísticos e também fornecer subsídios para que os professores possam abordar a variação linguística nos diferentes níveis em sala de aula com base em conhecimentos científicos produzidos em Alagoas.

Nesse sentido, este trabalho espera contribuir para a educação pública alagoana oferecendo sistematização de conhecimento científico produzido com base na experiência da sala de aula da escola pública com respaldo teórico em estudos voltados para a variação da língua. A partir desta dissertação, outros pesquisadores, professores da educação básica ou de outros segmentos poderão ampliar conhecimento e levar para sua prática pedagógica o que for pertinente para a realidade da sua turma ou dos seus estudos e pesquisas.

Esta dissertação comprova que a escola pública e a educação básica são amplos campos de trabalho e de pesquisa, que por sua vez dá retorno significativo para os alunos (alunos da educação básica e o próprio pesquisador que não deixa de ser um aluno) colaborando com seus processos de aprendizagens, de múltiplas aprendizagens. Comprova também que os estudos sobre a língua, sobretudo no que compete a variação, são extremamente necessários para desmistificar práticas de preconceito linguístico e promover o respeito às diferenças e às escolhas linguísticas dos alunos garantindo-lhes também a oportunidade de refletir sobre os usos linguísticos cotidianos e a variação, refletir e ampliar conhecimento sobre a gramática e a norma padrão, ou seja, ampliar conhecimento sobre diversos elementos que formam a língua materna. Comprova ainda o importante papel da universidade em apoiar o desenvolvimento de pesquisa e aqui nos cabe ressaltar a pesquisa no campo da educação e linguagem cumprindo o compromisso de retornar para a sociedade profissionais da educação capacitados e comprometidos com a educação pública e a oferta de um ensino de qualidade.

Portanto, poderíamos pensar que a apresentação dos resultados deste trabalho indica a finalização da pesquisa sobre a variação lexical, mas não, não é esse o encaminhamento que se dá após a trajetória desafiadora de investigar e produzir conhecimento sobre a variação, muito pelo contrário, os questionamentos, discussões, descobertas e resultados sistematizados neste trabalho mostram margens para outras questões de pesquisa. Temos consciência da presença marcante da internet nos mais diversos espaços e constatamos que por meio dela [para além de outros fatores: sociais, históricos, culturais etc.] existem influências no léxico dos alunos participantes da nossa pesquisa. Inferimos que estas influências tendem a se intensificar de acordo com o crescente avanço tecnológico, acesso a aparelhos eletrônicos cada vez mais sofisticados e expansão da internet. Dessa forma, consideramos pertinente apontar possibilidades de futuras pesquisas voltadas para o estudo da variação linguística que investiguem as influências da internet [plataformas, aplicativos, memes, redes sociais e afins] no léxico [e/ou em outros níveis linguísticos] de estudantes dos anos iniciais e/ou que também investiguem como os materiais/livros didáticos voltados para este público estão dispostos em relação ao estudo sobre a língua materna considerando a variação linguística e as influências tecnológicas e virtuais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática Integral da Língua Portuguesa**: uma visão prática e funcional. Cotia - SÃO PAULO: Ateliê Editorial, 2018.

ANTUNES, Leandra Batista; LOURDES, Renata Lena de. **A variação do fonema /r/ em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha**. Caletrosκόpio, Ouro Preto, v. 4, n. 7, p. 207 – 230, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9484> Acesso em: 30 abr. 23

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **O léxico no discurso político**. In: Léxico na língua oral e escrita/Dino Preti, (org.). - São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2006a.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. — São Paulo: Contexto, 2006b.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BATISTA, Jerlan Pereira. **A variação lexical em libras em três municípios do Estado de Alagoas**. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

BORTONI - RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORIN, Máisa Augusta. **SOCIOLINGUISTICA**. Curso de graduação de Letras/Português Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413?show=full> Acesso em: 21 abr. 23

BÓZIO, Jessyca Finantes do Carmo; BUSSE, Sanimar. **Variação lexical**: um olhar para a formação cultural do falante. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – nº 31 – 2014. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11537/0> Acesso em: 03 mai. 23

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALCANTE, M. A. da S. **Variações Linguísticas: Implicações Pedagógicas no Ensino de Língua Materna**. In: CAVALCANTE, M. A. da S; FREITAS, M. L. de Queiroz. O ensino da língua Portuguesa nos anos iniciais: eventos e práticas de Letramento. Maceió: Edufal, 2008.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Eliane Oliveira da. **Variação lexical nas capitais brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: UFPA, 2009. Disponível em:
https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/variacao_lexical_nas_capitais_brasileiras.pdf
Acesso em: 07 mai. 23

DIAS, Victor Hugo Scanavachi. **Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteiriça entre São Paulo e Minas Gerais**. 2021. 119 f. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, 2021.

ESCOLA ANTONIO VASCO. Projeto Político Pedagógico. Maceió/AL, 2022.

FERRAZ, Aderlande Pereira. **A inovação lexical e a dimensão social da língua**. In: O léxico em estudo/ Mario Cândido Trindade Costa de Seabra, (org.). - Belo Horizonte: Faculdade de Letras do UFMG, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/O%20L%C3%A9xico%20em%20Estudo-Grafia,%20Toponímia,%20Lexicologia,%20Etmologia,%20etc..pdf> Acesso em: 12 mai. 23

FERRAZ, Aderlande Pereira; CUNHA, Aline Luiza da. **O léxico em foco: propostas de aplicação de teorias lexicais no ensino de português como língua materna**. In: Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa - SIELP, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/40120227-O-lexico-em-foco-propostas-de-aplicacao-de-teorias-lexicais-no-ensino-de-portugues-como-lingua-materna.html> Acesso em: 01 mai. 23

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257–272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/?f#> Acesso em: 12 set. 2023

FIGUEIREDO, Claudiane Alves de; GRANADEIRO, Tayanne Pinheiro; SILVA, Victor Ramos da. **Oralidade: uma questão pouco falada nos livros didáticos de português**. Revista Khora, v. 6, n. 7, 2019. Disponível em: <http://site.feuc.br/khora/index.php/vol/issue/view/7> Acesso em: 29 mar. 23

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GUERRA, Míriam Martinez; ANDRADE, Karylleila de Santos. **O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas.** Domínios de Linguagem, Uberlândia, v.6, n. 1, p. 226 – 241, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14573> Acesso em: 04 abr. 23

HILGERT, José Gaston. **A seleção lexical na construção do texto falado.** In: Léxico na língua oral e escrita/Dino Preti, (org.). - São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. IBGE, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 28 dez. 2023

iSTOCK. **Mosquito isolado no fundo branco.** Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/foto/mosquito-isolado-no-fundo-branco-gm176804381-13858183> Acesso em: 15 mai. 23

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense. 1994.

LEITE, Marli Quadros. **Aspectos de uma língua na cidade:** marcas da transformação social no léxico. In: Léxico na língua oral e escrita/Dino Preti, (org.). - São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar:** políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

LINARES, Anay Batista de Barros; PEIXOTO, Camila Rigon; MOREIRA, Tiago. **Apagamento do /r/ em final de palavras:** um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular. Anais do Celsul, 2008. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/apagamento_do_r.pdf Acesso em: 17 mai. 23

MARINHO, Janice Helena Chaves; COSTA VAL, Maria da Graça. **Variação linguística e ensino.** Belo Horizonte, MG: Ceale, 2006. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2015%20Variacao_Linguistica.pdf Acesso em: 24 jan. 23

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). - São Paulo: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1934. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/103/1/25%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> Acesso em: 27 abr. 23

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica:** conceituação e delimitação. In: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação/Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. **O dinamismo das línguas**. In: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação/Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2003.

NAVES, Mariana Silva. **Ampliação vocabular para as práticas sociais de alunos deficientes intelectuais**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Josivaldo. Pires; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira e identidade nacional: de crime político a patrimônio cultural do Brasil**. In: Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/126/3/Capoeira%20identidade%20e%20genero.pdf>

Acesso em: 22 mai. 23

OLIVEIRA, Silfarlem. **Plantar bananeira: exercícios práticos e contextuais**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 4, n. 3, 2018. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/14550> Acesso em: 22 mai. 23

PASSOS, Alessandra. Fernanda. K; CAMPELO, F.S.P.; CARDOSO, Valéria F. LABOV, William. **A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York**. In: Padrões sociolinguísticos. Tradutor(es): Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD / LALIMU, v. 7, nº 20, p. 525-529, nov. - fev. /2017.

Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7791>

Acesso em 28 mar. 23

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis de fala: estudo sociolinguístico do diálogo literário**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

PRETI, Dino. **Variação lexical e prestígio social das palavras**. In: Léxico na língua oral e escrita/Dino Preti, (org.). - São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

REIS, Camila dos Santos. **Variações terminológicas de enfermidades oculares no projeto atlas linguístico do Brasil: um estudo léxico-semântico dos dados sergipanos**. 2020. 114 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

RODRIGUES, Aniele Cristina. **Minivocabulário Animado Adolescente: uma proposta de ensino de léxico em sala de aula**. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 06, n. 19, p. 37-50,

dez. 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416X2006000300004&script=sci_abstract Acesso em: 13 set. 2023.

SANTOS, Rôse Meire Dias dos; SILVA, Natalia Estevam Guedes da Silva; SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. ESTUDOS GEOGRÁFICOS NO BAIRRO DE RIACHO DOCE/MACEIÓ-ALAGOAS. VIII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. - Sergipe, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9757?locale=en> Acesso em: 29 mai. 23

SARMENTO, Camila da Silva. **Abordagem do léxico em livros didáticos de Língua Portuguesa: os anos finais do Ensino Fundamental**. 2019. 143 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Rosana Aparecida Leitão da; CUNHA, Gabriella Weinz. **Variação linguística: ocorrência do apagamento do fonema /R/ em final de sílaba**. R. Letras, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 176-191, mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/7256/6253> Acesso em: 25 mai. 23

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa socio-linguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, Nancy Mendes Torres. **Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura**. 1. ed. -- Campinas, SP: Editora da Abralín, 2022.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TCLE/Responsável

Este termo solicita sua autorização para que _____ (nome da criança) participe do projeto de pesquisa “Variedade Lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, que será desenvolvido na turma do 5º ano sob responsabilidade da pesquisadora Any Cristina Felix, estudante do mestrado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O objetivo da pesquisa é analisar possíveis casos de variação lexical (das palavras) na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Alagoas, e com isso tentar contribuir para um maior conhecimento sobre a variedade linguística usada em Alagoas, sobretudo no que diz respeito aos aspectos lexicais. Essa pesquisa é importante porque pode contribuir com o estudo da variedade das palavras em Alagoas. A pesquisa será realizada na escola com rodas de conversa, escrita de histórias e entrevistas, caso a criança se sinta desconfortável durante a participação pode desistir a qualquer momento sem nenhum problema, caso deseje participar terá a oportunidade de falar sobre as palavras que conhece e seus significados e poderá aprender novas palavras ou palavras já conhecidas com outros significados. Serão gravados áudios pelo celular para ajudar a pesquisadora a lembrar e estudar sobre as palavras que foram faladas e os significados delas para as crianças, apenas para isso e não vai ser preciso tirar nenhuma foto individual da criança. É garantido direito a ressarcimento caso aconteça alguma despesa ou necessidade devido a participação da criança na pesquisa. Eu enquanto pesquisadora responsável sou inteiramente responsável em cobrir qualquer despesa que possa surgir e estou à disposição para contato. É garantido o direito a indenização caso aconteça algum dano relacionado a pesquisa e eu também sou responsável por isso, estando, como afirmei, disponível para contato, pois os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito a indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. É garantido também o direito para a criança ter assistência integral necessária sem precisar pagar e pelo tempo que for preciso, no que que for pertinente devido a participação na pesquisa, me coloco a inteira disposição para prestar a assistência. Esta pesquisa que sua criança está sendo convidado (a) a participar foi submetida a uma avaliação muito séria e importante feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Alagoas

que é formado por um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos e que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger os direitos do participante. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e Res. CNS 510/16 e complementares). Diante de quaisquer ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados por meio de dissertação (trabalho final), a qual terá uma cópia impressa entregue na escola disponível para acesso. Solicito sua autorização para gravar áudio e registrar imagem (sem identificação) dos momentos da roda de conversa para analisar a variedade das palavras. Asseguro assistência do que precisar durante a participação e também asseguro guardar sigilo (não revelar) as informações coletadas e a identidade da criança. Ressalto que os dados coletados serão armazenados e guardados em sigilo em um HD externo (aparelho para guardar arquivos digitais) durante 05 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em relação as narrativas escritas e as entrevistas serão digitalizadas para guarda no HD externo e após serão armazenadas em pasta física. Tanto o HD externo quanto a pasta física sob posse da pesquisadora.

E-mail da pesquisadora para contato: any.felix@cedu.ufal.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em autorizar a participação da criança pela qual sou responsável na referida pesquisa.

Maceió/AL, ____ de _____ de 2022

Assinatura do Responsável pela criança

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – TCLE/Aluno

Este termo o (a) convida a participar da pesquisa “Variedade Lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. A pesquisadora responsável é estudante do mestrando da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e se chama Any Cristina Felix. O objetivo da pesquisa é analisar possíveis casos de variação lexical (das palavras) na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Essa pesquisa é importante porque pode contribuir com o estudo da variedade das palavras em Alagoas. A pesquisa será realizada na escola com rodas de conversa, escrita de histórias e entrevistas, caso se sinta desconfortável durante a participação pode desistir a qualquer momento sem nenhum problema, caso deseje participar terá a oportunidade de falar sobre as palavras que você conhece e seus significados e poderá aprender novas palavras ou palavras já conhecidas com outros significados, serão gravados áudios pelo celular para ajudar a pesquisadora a lembrar e estudar sobre as palavras que foram faladas e os significados delas para as crianças, apenas para isso e não vai ser preciso tirar nenhuma foto individual sua. Você tem direito a ressarcimento caso aconteça alguma despesa ou necessidade devido a sua participação na pesquisa. Eu enquanto pesquisadora responsável sou inteiramente responsável em cobrir qualquer despesa que possa surgir e estou a disposição para contato. Você também tem direito a ser indenizado caso aconteça algum dano relacionado a pesquisa e eu também sou responsável por isso, estando, como afirmi, disponível para contato, pois os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito a indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Você tem direito a ter assistência integral necessária sem precisar pagar e pelo tempo que for preciso, estarei atenta e disponível para o que você precisar. Esta pesquisa que você está sendo convidado (a) para poder acontecer passou por uma avaliação muito séria e importante feita por um grupo de pessoas muito estudiosas e responsáveis, esse grupo se chama Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Alagoas e ele realiza um trabalho importante e seguro baseado no respeito e na ciência para proteger você, garantir que ocorra tudo bem durante a pesquisa e também para que você possa conhecer os resultados da pesquisa que você ajudou a construir. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados por meio de dissertação (trabalho final), a qual terá uma cópia impressa entregue na escola disponível para acesso. Solicito sua autorização para gravar

áudio e registrar imagem (sem identificação) dos momentos da roda de conversa para analisar a variedade das palavras. Asseguro assistência do que precisar durante a participação e também asseguro guardar sigilo (não revelar) as informações coletadas e a sua identidade. Ressalto que os dados coletados serão armazenados e guardados em sigilo em um HD externo (aparelho para guardar arquivos digitais) durante 05 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em relação as narrativas escritas e as entrevistas serão digitalizadas para guarda no HD externo e após serão armazenadas em pasta física. Tanto o HD externo quanto a pasta física sob posse da pesquisadora.

E-mail da pesquisadora para contato: any.felix@cedu.ufal.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Maceió/AL, ____ de _____ de 2022

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE C – TALE/Aluno

Eu, Any Cristina Felix, convido você a participar da “Variedade lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Informo que seu responsável legal foi consultado e autorizou a sua participação. Pretendemos analisar possíveis casos de variação lexical (das palavras) na fala e na escrita da sua turma. Gostaria muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outras crianças participantes desta pesquisa têm de 09 a 11 anos de idade. A pesquisa será feita na Escola Estadual Antônio Vasco, onde os participantes irão participar de rodas de conversas, escrita de histórias e entrevistas. Para isso, será usado folhas, lápis, borrachas, lápis de colorir, aparelho celular, todos esses materiais são considerados seguros, mas é possível ocorrer algum desconforto na sua participação. Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis podem me procurar pelo contato que está no final do texto. Você tem direito a ressarcimento caso aconteça alguma despesa ou necessidade devido a sua participação na pesquisa. Eu enquanto pesquisadora responsável sou inteiramente responsável em cobrir qualquer despesa que possa surgir e estou a disposição para contato. Você também tem direito a ser indenizado caso aconteça algum dano relacionado a pesquisa e eu também sou responsável por isso, estando, como afirmei, disponível para contato, pois os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito a indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Você tem direito a ter assistência integral necessária sem precisar pagar e pelo tempo que for preciso, estarei atenta e disponível para o que você precisar. A sua participação é importante porque terá a oportunidade de falar sobre as palavras que você conhece e seus significados e poderá aprender novas palavras ou palavras já conhecidas com outros significados, serão gravados áudios pelo celular para ajudar a pesquisadora a lembrar e estudar sobre as palavras que foram faladas e os significados delas para as crianças, apenas para isso e não vai ser preciso tirar nenhuma foto individual sua. As suas informações ficarão sob sigilo (em segredo), ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa irão construir uma dissertação (trabalho final) da pesquisadora e assim que estiver pronta será entregue uma cópia digital pelo *e-mail* da direção e outra cópia impressa na escola e você, seus colegas, professores e seus responsáveis poderão ter acesso. Esta pesquisa que você está sendo

convidado (a) para poder acontecer passou por uma avaliação muito séria e importante feita por um grupo de pessoas muito estudiosas e responsáveis, esse grupo se chama Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Alagoas e ele realiza um trabalho importante e seguro baseado no respeito e na ciência para proteger você, garantir que ocorra tudo bem durante a pesquisa e também para que você possa conhecer os resultados da pesquisa que você ajudou a construir. Ressalto que os dados coletados serão armazenados e guardados em sigilo em um HD externo (aparelho para guardar arquivos digitais) durante 05 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em relação as narrativas escritas e as entrevistas serão digitalizadas para guarda no HD externo e após serão armazenadas em pasta física. Tanto o HD externo quanto a pasta física sob posse da pesquisadora.

E-mail da pesquisadora para contato: any.felix@cedu.ufal.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Variedade lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. A pesquisadora esclareceu minhas dúvidas e conversou com o meu responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa.

Maceió/AL, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

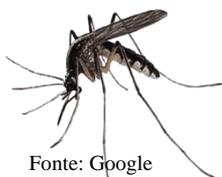
APÊNDICE D – Entrevista/Aluno

Primeiramente, agradecemos a sua participação na pesquisa VARIEDADE LEXICAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Pesquisadora Responsável: Any Cristina Felix

Gênero: Masculino () Feminino () Outro () Prefiro não responder () Idade: _____

1. Quais palavras você conhece que tem mais de um significado e quais são eles?
2. Onde e com quem você aprendeu essas palavras e seus significados?
3. Quantos nomes você conhece para identificar o inseto abaixo:



Fonte: Google

4. Quais outras formas poder ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora”?
5. Quais palavras/expressões mais comuns que você ouve em casa ou na rua?
6. Qual significado você entende quando ouve ou lê as seguintes palavras/expressões:
 - “Aperriado”:
 - “Agora pronto”:
 - “Bagacera”:
 - “Bigu”:
 - “Cambito”:
 - “Cipuada”:
 - “Carão”:
 - “De hoje a oito”:
 - “Do tempo do ronca”:
 - “De rosca”:

- “Torar um aço”:
 - “Puxavanco”:
 - “Ronxa”:
7. Para você o que cada expressão quer dizer?
 - 7.1 “O homem fez um gato no poste de energia”:

 - 7.2 “O meu gato está em cima do muro”:

 - 7.3 “Gato, vamos jogar futebol?”

 - 7.4 “O menino levou um gato do seu pai porque o desobedeceu”:
 8. Quais palavras diferentes você leu/ouviu na televisão, em músicas, na internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social) e o que elas significam?
 9. Vamos imaginar que você irá faltar a aula amanhã. Como você falaria isso para seu colega de turma?
 10. Agora, como você falaria o mesmo assunto para seu (a) professor (a)?
 11. Liste palavras/expressões que você acha interessante, lembrando também de informar o significado ou os significados de cada uma (pode registrar mais de um significado para a mesma palavra).

APÊNDICE E – TCLE/Morador

Este termo o (a) convida a participar da pesquisa “Variedade Lexical nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. A pesquisadora responsável é estudante do curso de mestrado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e se chama Any Cristina Felix. O objetivo da pesquisa é analisar possíveis casos de variação lexical (das palavras) na fala e na escrita de alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Bem como, se ocorrem casos semelhantes de variação lexical na fala dos moradores do bairro, por isso sua contribuição é extremamente necessária. Essa pesquisa é importante porque pode contribuir com o estudo da variedade das palavras em Alagoas. A pesquisa com as crianças será realizada na escola com rodas de conversa, escrita de histórias e entrevistas. Já com os moradores será realizada no entorno da escola, concentrando-se principalmente na praça em frente a escola, caso se sinta desconfortável durante a participação pode desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo, caso deseje participar terá a oportunidade de falar sobre as palavras que você conhece e seus significados e poderá aprender novas palavras ou palavras já conhecidas com outros significados. Serão gravados áudios (caso você autorize) pelo celular para ajudar a pesquisadora a lembrar e estudar sobre as palavras que foram faladas e os significados delas para o morador entrevistado, apenas para isso e não vai ser preciso tirar nenhuma foto. É garantido direito a ressarcimento e/ou indenização caso aconteça alguma despesa ou necessidade devido a participação na pesquisa, pois os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito a indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Eu enquanto pesquisadora responsável sou inteiramente responsável em cobrir qualquer despesa que possa surgir e estou à disposição para contato. É garantido também o direito a ter assistência integral necessária sem precisar pagar e pelo tempo que for preciso, no que que for pertinente devido a participação na pesquisa, me coloco a inteira disposição para prestar a assistência. Esta pesquisa que você está sendo convidado (a) a participar foi submetida a uma avaliação muito séria e importante feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Alagoas que é formado por um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos e que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger os direitos do participante. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e Res. CNS 510/16

e complementares). Diante de quaisquer ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados por meio de dissertação (trabalho final), a qual terá uma cópia impressa entregue na escola disponível para acesso, caso deseje comprometo-me em informá-lo (a) da entrega para que possa acessar. Solicito sua autorização para gravar áudio e realizar entrevista escrita (sem identificação) para analisar a variedade das palavras. Asseguro assistência do que precisar durante a participação e asseguro guardar sigilo (não revelar) as informações coletadas e a sua identidade. Ressalto que os dados coletados serão armazenados e guardados em sigilo em um HD externo (aparelho para guardar arquivos digitais) durante 05 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em relação as narrativas escritas e as entrevistas serão digitalizadas para guarda no HD externo e após serão armazenadas em pasta física. Tanto o HD externo quanto a pasta física sob posse da pesquisadora.

E-mail da pesquisadora para contato: any.felix@cedu.ufal.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Maceió/AL, _____ de _____ de 2022

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE F – Entrevista/Morador

Primeiramente, agradecemos a sua participação na pesquisa VARIEDADE LEXICAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Pesquisadora Responsável: Any Cristina Felix

Gênero: Masculino () Feminino () Outro () Prefiro não responder () Idade: _____

Morador (a) do bairro há _____ anos. Estudou na Escola Estadual Antônio Vasco? Sim () Não ()

1. Quais palavras você conhece que tem mais de um significado e quais são eles?
2. Quais as influências que contribuíram para você aprender e usar essas palavras no dia a dia?
3. Quantos nomes você conhece para identificar o inseto abaixo:



Fonte: Google

3.1 Onde e com quem você aprendeu a chamá-lo dessa forma?

4. Quais outras formas poder ser usadas para dizer a seguinte frase: “O rapaz foi embora”.
5. Quais as palavras/expressões mais comuns nas conversas do dia a dia do bairro que você mora?
6. Qual significado você entende quando ouve ou lê as seguintes palavras/expressões:
 - “Aperriado”:
 - “Agora pronto”:
 - “Bagacera”:
 - “Bigu”:
 - “Cambito”:
 - “Cipuada”:
 - “Carão”:
 - “De hoje a oito”:

- “Do tempo do ronca”:
 - “De rosca”:
 - “Torar um aço”:
 - “Puxavanco”:
 - “Ronxa”:
7. Para você o que cada expressão quer dizer?
 - a. “O homem fez um gato no poste de energia”:
 - b. “O meu gato está em cima do muro”:
 - c. “Gato, vamos jogar futebol?”
 - d. “O menino levou um gato do seu pai porque o desobedeceu”:
 8. Quais palavras diferentes você leu/ouviu na televisão, em músicas, na internet (WhatsApp, TikTok, Instagram ou outra rede social) e o que elas significam?
 9. Vamos imaginar que você irá faltar no emprego amanhã. Como você falaria isso para seu colega de trabalho?
 10. Agora, como você falaria o mesmo assunto para seu (a) chefe/patrão (a)?
 11. Liste palavras/expressões que você acha interessante, lembrando também de informar o significado ou os significados de cada uma (pode registrar mais de um significado para a mesma palavra).

ANEXOS**ANEXO A – APROVAÇÃO DA PESQUISA: PARECER CONSUBSTANCIADO⁷⁸ DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CAAE: 59247422.8.0000.5013 NÚMERO DO PARECER: 5.605.3**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: VARIAÇÃO LEXICAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: Any Felix

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 59247422.8.0000.5013

Instituição Proponente: Centro de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.605.333

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 26 de Agosto de 2022

Assinado por:
Thaysa Barbosa Cavalcante Brandão
(Coordenador(a))

⁷⁸ Neste anexo consta apenas a parte inicial com os dados da pesquisa no ato da submissão da proposta e a parte final com a comprovação da aprovação. Por responsabilidade ética não há compartilhamento dos dados referentes a tramitação da proposta no comitê de ética.